

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“Um santo pelos braços do povo”: A trajetória e devoção a padre
Reinaldo Wiest, em Pelotas e Piratini - RS.**

TICIANE PINTO GARCIA

Pelotas, Junho de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**“Um santo pelos braços do povo”: A trajetória e devoção a padre
Reinaldo Wiest, em Pelotas e Piratini - RS.**

TICIANE PINTO GARCIA

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

Pelotas, Junho de 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas Catalogação
na Publicação

G216s Garcia, Ticiane Pinto

“Um santo pelos braços do povo” : a trajetória e devoção a
Padre Reinaldo Wiest, em Pelotas e Piratini - RS.

/ Ticiane Pinto Garcia ; Fábio Vergara Cerqueira, orientador.

— Pelotas, 2018.

126 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em
História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de
Pelotas, 2018.

1. Padre Reinaldo Wiest. 2. Trajetória. 3. Devoção. 4.
Pelotas/RS. 5. Piratini/RS. I. Cerqueira, Fábio Vergara, orient. II.
Título.

CDD : 907.2

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira - Orientador - UFPEL

Professora Dra. Juliane Conceição Primon Serres- UFPEL

Professora Dra. Máira Inês Vendrame – UNISINOS

Professor Dr. Mauro Dillmann Tavares – UFPEL

Aos meus pais Vera e Germano, dedico.

AGRADECIMENTOS

Meu infindável agradecimento a Deus, sem Ele este caminho teria sido ainda mais difícil. Com Ele foi possível fazer existir algo inimaginável pra mim.

Em segundo lugar, se é que se pode elencar esse tipo de sentimento... Mas agradeço a meus pais pelo esforço, companheirismo e empenho para que minha formação se dê como tenho planejado, às vezes mesmo sem entender eles embarcam nos meus sonhos. Pessoas valorosas, simples no agir e pensar, mas que têm dentro deles algo em falta no mundo de hoje, o amor. Eu tenho muito orgulho e respeito pelo homem e mulher que são.

Ao meu namorado Fabio Osorio, por ser um grande motivador para a minha persistência na vida acadêmica. Amor obrigada por teu companheirismo, por ser um bom ouvinte e principalmente ser muito paciente comigo. Incrivelmente a maioria dessas páginas só foram produzidas contigo por perto. Mesmo que seja curto nosso tempo de convivência, parece bem mais por ser tão presente e amável.

A minha família pelo apoio, pelo incentivo e interesse em auxiliar nas tantas “reflexões” e pelo embarque junto a mim na busca de um novo indício.

Aos meus amigos pelos abraços e sorrisos que tanto apoiaram meus momentos de descrédito a pesquisa.

Meu profundo agradecimento aos Presidentes Lula e Dilma por suas políticas públicas em prol da educação neste país. Graças a elas uma entre tantxs outrxs, a filha do mecânico industrial e da cabeleireira da periferia pôde tornar-se Mestra.

Agradeço ao meu orientador Fábio Vergara Cerqueira pelo compartilhar desta pesquisa desde sua idealização, obrigada por teu apoio e compreensão sempre.

Aos colegas e professores da Licenciatura, Bacharelado e agora do PPG de História da UFPEL pelo compartilhar dos conhecimentos, dos anseios e dos cafés.

As paróquias Nossa Senhora da Conceição de Piratini e Sant´Ana na Vila Maciel pelo pronto atendimento sempre que requisitados para consulta a maioria das fontes dessa pesquisa. Obrigada pelo acolhimento, vocês foram os grandes facilitadores desta pesquisa. Nela está a história de vocês.

A CAPES, pelo fomento a esta pesquisa.

*“O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará.
Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que
incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.*

Marc Bloch

RESUMO

A dissertação de mestrado intitulada “Um santo pelos braços do povo”: A trajetória e devoção a padre Reinaldo Wiest, em Pelotas e Piratini - RS. Teve por principal objetivo analisar de que forma tornou-se possível uma devoção popular ao indivíduo estudado nas cidades de Pelotas e Piratini no estado do Rio Grande do Sul. Padre Reinaldo Wiest, nascido em 1907, na cidade de Dois Irmãos, estado do Rio Grande do Sul, passa a atuar como pároco em 1936 primeiramente em Piratini e em Pelotas em 1958 até a data de sua morte em 1967. Tendo em vista perceber de que modo se reproduziu tal devoção, foi necessário vislumbrar primeiramente que aspectos de sua trajetória pessoal possam ter influenciado tal postura das comunidades por ele assistidas. Além disso, analisar a repercussão dos milagres a ele imputados, bem como as manifestações dessa fé.

Palavras-Chave:

Padre Reinaldo Wiest - Trajetória – Devoção – Pelotas – Piratini.

ABSTRACT

The dissertation entitled "A saint by the arms of the people": The trajectory and devotion to Priest Reinaldo Wiest, in Pelotas and Piratini - RS. His main objective was to analyze how popular devotion to the individual studied in the cities of Pelotas and Piratini in the state of Rio Grande do Sul was possible. Priest Reinaldo Wiest, born in 1907, in the city of Dois Irmãos, state of Rio Grande in 1936, first in Piratini and Pelotas in 1958 until the date of his death in 1967. In order to understand how this devotion was reproduced, it was necessary to first glimpse what aspects of his / her / his / her staff influenced the position of the communities. In addition, to analyze the repercussion of the miracles imputed to him, as well as the manifestations of that faith.

Key words:

Priest Reinaldo Wiest - Trajectory - Devotion - Pelotas - Piratini.

Lista de Figuras

Figura 1: Largo Padre Reinaldo Wiest – Piratini/ RS.....	47
Figura 2: Largo Padre Reinaldo Wiest – Piratini/ RS.	48
Figura 3: Vista do Bairro Padre Reinaldo Wiest – Piratini/ RS.....	49
Figura 4: Comunidade Padre Reinaldo Wiest – Piratini/ RS.....	50
Figura 5: Placa de localização no Bairro Padre Reinaldo Wiest – Piratini/ RS.....	50
Figura 6: CRAS Padre Reinaldo Wiest – Piratini RS.....	51
Figura 7: Escola de Ensino Fundamental Padre Reinaldo Wiest– Piratini RS.....	52
Figura 8: Mapa do município de Pelotas, com a localização do distrito do Rincão da Cruz.	59
Figura 9: Placa em bronze em homenagem ao 15º ano de falecimento de padre Reinaldo Wiest na Paróquia de Sant´Ana.....	71
Figura 10: Retrato de padre Reinaldo. Pintura a óleo sobre tela, localizada no salão do Restaurante Gruppelli.....	72
Figura 11: Estúdio da Rádio Comunitária Padre Reinaldo/FM Paróquia de Sant´Ana.....	73
Figura 12: Jazigo eclesiástico do cemitério da Paróquia de Sant´Ana (fachada).....	85
Figura 13: Jazigo eclesiástico do cemitério da Paróquia de Sant´Ana (interior).....	85
Figura 14: Padre Reinaldo em Piratini.....	88
Figura 15: Fotografia. Antônio Casarin em seu escritório com imagem do padre Reinaldo.....	97
Figura 16: Ex-voto no jazigo eclesiástico do cemitério da Paróquia de Sant´Ana.....	98
Figura 17: Ex-voto no jazigo eclesiástico do cemitério da Paróquia de Sant´Ana.....	99
Figura 18: Urna funerária, Paróquia N.S. Da Conceição. Piratini-RS.....	104
Figura 19: Sala de relíquias, Paróquia N.S. Da Conceição Piratini RS.....	105

Lista de Siglas

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEB – Comunidade Eclesial de Base

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social

EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas

FAG – Frente Agrária Gaúcha

FARSUL - Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN- Instituto do Patrimônio Artístico Nacional

IPHAE - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS

IHGPEL - Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas

MECOM – Museu Etnográfico da Colônia Maciel

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	12
Capítulo I - De seminarista a vigário: do nascimento em Dois Irmãos ao paróquiato em Piratini	25
1.1 - A infância de padre Reinaldo Wiest e sua predestinação ao sacerdócio na perspectiva de seu biógrafo	26
1.2 - O Seminarista.....	28
1.3 - O Vigário de Piratini.....	30
1.4 - “ <i>O Romance da reconstrução</i> ”	32
1.5 -As devoções do povo piratinense	34
1.6 - Uma crise se instaura	38
1.7 - A memória de padre Reinaldo pelas ruas piratinenses	46
Capítulo II -Um Vigário entre os colonos em Pelotas	55
2.1 - A Paróquia Sant´Ana	57
2.2 - Reunir, orar, festejar	59
2.3 - “ <i>Os pobres chamavam ele de pai</i> ”	62
2.4 - Um padre “assistente social”	66
2.5 - Padre Reinaldo e as Vocações	69
2.6 -A Memória de padre Reinaldo na vila Maciel após sua morte	71
Capítulo III - A devoção ao padre Reinaldo Wiest nas cidades de Pelotas e Piratini	76
3.1 - A morte de padre Reinaldo	81
3.2 - Queremos um Santo!	84
3.3 - Uma devoção popular	92
3.4 - “ <i>Ele está no meio de nós</i> ”	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	112
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

Em 26 de julho de 1907, na cidade de Dois Irmãos, região serrana do Estado do Rio Grande do Sul, nascia um Vicente Reinaldo Wiest. Seus pais Felipe Wiest e Carolina Kieling Wiest, eram colonos e praticantes do catolicismo. Ele era o 11º de 15 filhos, dos quais três se consagraram ao serviço eclesiástico.

Em 1921, Reinaldo se matriculou no Seminário Menor de São Leopoldo, e no dia 3 de dezembro de 1933, Dom Joaquim Ferreira de Mello lhe conferiu a Ordenação Sacerdotal na Matriz de São Miguel em Dois Irmãos. No início do ano seguinte, foi nomeado coadjutor da Catedral de Pelotas, iniciando assim sua missão sacerdotal. Dedicava-se particularmente à catequese, à assistência aos doentes e às visitas às famílias da periferia da paróquia.

Em maio de 1936, Dom Joaquim lhe conferiu a Paróquia de Piratini, reconstruindo a Igreja Matriz incendiada e dedicando-se à assistência espiritual, moral e material dos paroquianos. Segundo relatos coletados para este trabalho, viajava constantemente a cavalo às escolas e famílias do interior do vasto município. Padre Reinaldo demonstrava grande interesse pelas vocações sacerdotais, esmerava-se na formação de seminaristas oriundos de suas paróquias. É lembrado por viver na mais absoluta pobreza, repartindo os poucos bens e recursos que possuía com a população mais humilde.

Em 1953, apesar dos protestos do povo de Piratini descritos no livro *O Vigário da Campanha*, obra de padre Carlos Johannes, Dom Antônio Zattera resolveu transferi-lo para a Paróquia de Sant'Ana na Vila Maciel, em Pelotas. Como em Piratini, na nova localidade percorria no lombo do cavalo todo o interior da paróquia visitando as comunidades, as escolas e as famílias.

Após a morte de padre Reinaldo, as comunidades de Piratini e da Colônia Maciel entram em confronto por conta de qual delas enterraria o pároco. Wiest pediu em vida para ser enterrado em Piratini, onde atuou por mais tempo e ajudou a reconstruir a igreja incendiada, mas a comunidade da Maciel reclamou seus restos mortais. Coube ao bispo auxiliar Dom Ângelo Mugnol decidir, depositando os restos mortais do vigário no cemitério da Paróquia de Sant'Ana na Colônia Maciel, em Pelotas, por ser um costume enterrar padres na última localidade onde atuou.

A partir das discussões levantadas sobre a figura deste indivíduo, busca-se levantar quais elementos dessa trajetória foram cruciais para a construção de uma devoção

popular, abordando o contexto social, as “teias de relações” dessas comunidades, os costumes e o cotidiano (CERTEAU, 1998) da cidade de Piratini e da região rural de Pelotas, entre 1936 a 1967. Nesse sentido, esta pesquisa será construída a partir dos relatos orais e análise de diferentes documentos referentes à figura, ressaltando as memórias dessas localidades.

Visa-se a abordar os relatos acerca de fatos interpretados como milagres concedidos por intercessão do pároco e como eles servem de estímulo para a propagação da memória local. Objetiva-se ainda interpretar as fontes jornalísticas referentes à figura de padre Reinaldo, propondo problematizar publicações maior ou menor intensidade ao longo do tempo, de 1993 até o presente.

A devoção se deu por fatores que ultrapassaram o tempo de vida, através da memória daqueles que conviveram com padre Reinaldo ou que de alguma forma sinalizam ter recebido algum tipo de graça.

Segundo Candau:

“A memória propriamente dita ou de alto nível, [...]é essencialmente uma memória de recordação ou do reconhecimento. [...] A memória de alto nível feita igualmente do esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral da memória (CANDAU, 2012, p.23).

Além de a memória não ser algo tangível, grande parte das fontes são posteriores ao recorte temporal medido pela vida sacerdotal de padre Reinaldo, entre 1936 a 1967. Uma parte importante das fontes referentes à devoção foram geradas em períodos posteriores, como as fontes jornalísticas sobre a temática datadas das décadas de 1990 e 2000. Essas fontes remetem à trajetória do pároco por intermédio de interlocutores locais.

Há ainda as entrevistas que remetem sempre às memórias dos habitantes das duas cidades, quer seja do período de convivência com o pároco, quer das práticas de devoção e graças alcançadas por seu intermédio.

Há ainda a necessidade de ilustrar as dissensões entre as populações das cidades de Pelotas e Piratini. Primeiramente, na mudança da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Piratini, para a Paróquia Sant’Ana, em Pelotas. Em um segundo momento, no advento de sua morte, em uma disputa pelos restos mortais do Vigário.

Mas, além dos motivos que competem historiograficamente a esta pesquisa, há a necessidade de apresentar, mesmo que brevemente, minha própria trajetória acadêmica para assim compreender como se deu a aproximação com o objeto.

Também o historiador dos dias de hoje está pronto, ao contrário de seus antecessores, a confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém, com o seu trabalho. Ninguém ignora que um interesse confessado e elucidado oferece um abrigo mais seguro do que vagos projetos de objetividade. O obstáculo transformou-se em vantagem. A explicação e a análise do investimento existencial, em vez de afastarem uma investigação serena, tornam-se o instrumento e a alavanca da compreensão (NORA, 1987, p.10).

Há pessoas que acreditam no acaso, outros se aproximam primeiramente do orientador. No meu caso eu fiz da pesquisa uma maneira de entretenimento, ao mesmo tempo em que trabalho. Acredito que o historiador de uma maneira ou outra aproxima-se de sua problemática de pesquisa por ter afeição, pelo que gosta.

No final do ano letivo de 2012, após dois anos conciliando a primeira graduação (Licenciatura em História) com a carga horária de trabalho, decidi que deveria me dedicar exclusivamente aos estudos e encontrar de vez meu objeto de trabalho. Era necessário um tema para meu TCC...

Havia feito as disciplinas iniciais e me apaixonei pelos primeiros textos que versavam sobre as temáticas da memória, identidade, história oral, etc.... Além de conhecer o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, durante a parte prática da disciplina de Educação Patrimonial. Apaixonei-me por aquela história contada no cotidiano do ocorrido. Cotidiano este familiar para mim, afinal minha família materna sempre morou na região da Serra dos Tapes, onde está localizada a Maciel. Iniciei no ano de 2012 como voluntária no MECOM.

No ano de 2013 fui contemplada por uma bolsa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura para seguir trabalhando no Museu, bolsa essa renovada no ano de 2014, ano de minha formatura e TCC. Nos dois anos como bolsista fiquei ainda mais envolvida com a Educação Patrimonial, ministrando diversos encontros com crianças e adolescentes de escolas da cidade e cursos de graduação de Pelotas e da região sul. Ao trabalhar com os alunos das escolas da região em que se situava o Museu, sob a orientação da professora Ana Inez Klein, produzimos o trabalho de conclusão de curso sob o título "*Possibilidades*

da Educação Patrimonial para o ensino de História: Relato de experiência no Museu Etnográfico da Colônia Maciel” (2014)¹.

Apesar de ter um zelo enorme por este trabalho, principalmente pelo retorno obtido com a comunidade, veio a frustração ao final da graduação por não dar seguimento imediato aos estudos em um programa de pós-graduação. Naquele momento eu gostaria de seguir trabalhando com algum objeto na zona rural de Pelotas. Mas o que seria?

De modo a não deixar de lado a academia, reingressei no curso de Bacharelado em História. Quando no domingo de Páscoa de 2015 fui interrogada em meio a meus familiares... “*mas tu já não te formaste?*” *O que tu fazes sozinha naquele museu?*” Então expliquei o motivo e que não ficava sempre lá à espera dos visitantes, mas que também guiava alguns grupos pela colônia, inclusive no cemitério da Maciel. Explicando a localidade a partir dos seus personagens sepultados ali e citei padre Reinaldo como exemplo.

Tal pessoa próxima da família contou-me diversas fatos sobre ele naquele mesmo instante. Na manhã seguinte eu iria visitar os arquivos documentais na cidade de Rio Grande, juntamente com minha nova turma de graduação. E foi a curta viagem suficiente para meditar na conversa do dia anterior e concluir que trabalharia com a figura deste padre no mestrado.

Padre Reinaldo foi pároco da cidade de Piratini, vizinha de Pelotas, durante a maior parte de sua vida eclesiástica. Piratini é a cidade natal de meu pai. O relacionamento com o objeto de estudo agora era mais abrangente, pois estaria retratando através do padre os cotidianos das duas famílias a que pertence.

Em algum espaço de minha memória estava à espera da rememoração as histórias que minha avó contava sobre padre Reinaldo. Dentre essas, sua crença nos milagres a ele atribuídos e o desejo de que se tivesse sua saúde restabelecida gostaria de agradecer diante do túmulo do padre.

Assim que decidi o tema, corri para minha mãe e minhas tias à procura de pessoas para entrevistar e de possíveis fontes. Dentre os achados na caixa de minha avó, reportagens do periódico *Diário Popular* sobre o pároco.

¹ GARCIA, Ticiane Pinto. Possibilidades da Educação Patrimonial para o ensino de História: Relato de experiência no Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Pelotas: **Trabalho de conclusão do curso** de Licenciatura em História pela UFPEL, 2014.

Muitos questionam meu trabalho em congressos pelo Brasil, acreditando que as reflexões feitas com relação ao padre são pautadas no sentimento, algo que discordo fortemente, já que eu procuro sempre confrontar as fontes de diversas maneiras para seguir os passos deste padre.

E ao antecipar minhas considerações, não acredito na excepcionalidade de Padre Reinaldo, acredito que ele era um padre comum, como qualquer outro... Apenas na busca de consolidar sua presença nessas comunidades, usava da popularidade como artifício.

Na seleção do mestrado no final de 2015, meu pré-projeto tinha o seguinte título: *“A memória local representada pela figura de “um Santo”: a influência de Padre Reinaldo Wiest no cotidiano de Pelotas e Piratini (1933-2015)”*, sob a orientação do professor Fábio Vergara Cerqueira.

No segundo semestre do ano de 2016, decidi que concomitantemente concluiria o Bacharelado em História, pois apenas faltava a escrita da monografia de conclusão de curso. 2016 foi realmente um ano marcante, tanto que para mim ele só acabou após a defesa da monografia que ocorreu em 23 de março de 2017, por conta da greve nas universidades federais em razão dos descasos com a educação pública no país após o Golpe contra a democracia nesta República.

Tal monografia tornou-se como um ensaio para a utilização das fontes contidas neste trabalho que, sob a orientação do professor Fábio Vergara Cerqueira, está intitulada: *“Um’ Santo’ na visão popular, a representatividade de padre Reinaldo Wiest nos municípios de Pelotas e Piratini/RS (1936-2015)”*², configurando-se como uma forma elaborar uma sistematização inicial do material de modo preparatório a esta pesquisa.

Essa monografia teve muitas limitações que de maneira sutil e saudável foram apontados pela banca examinadora, limitações que se pretende de alguma forma sejam superadas neste trabalho de dissertação.

Como se pode perceber acima, quando mencionamos o projeto inicial, confeccionado para a seleção de mestrado, o enfoque desta pesquisa seria a memória dos habitantes de Pelotas e Piratini diante da figura de padre Reinaldo.

² GARCIA, Ticiane Pinto, Um “Santo” na visão popular, a representatividade de padre Reinaldo Wiest nos municípios de Pelotas e Piratini/RS (1936-2015). Pelotas: **Monografia de conclusão de curso** de Bacharelado em História, UFPEL, 2017.

Com a busca pelas fontes, as leituras feitas durante as disciplinas do mestrado e principalmente durante eventos em que pude conversar com professores que pesquisam a temática das religiosidades, acabei percebendo que tratar da devoção seria mais eficaz no momento.

Sim, era mais eficaz, mas eu deixaria de lado agora minhas vontades iniciais, eu estaria me afastando do objeto de pesquisa, saindo de minha “zona de conforto” para entender como se deu a construção dessa imagem de padre Reinaldo que até hoje circula nas memórias dos habitantes das duas paróquias em que atuou. Porém, agora era necessário reinventar novamente a pesquisa e é sobre esse momento que abordarei a seguir.

Como se construiu essa devoção? Por que este padre é visto como excepcional? Ele seria mesmo solidário, ou estava se promovendo? Esses foram os questionamentos do professor Alexandre Karsburg, durante uma noite fria do junho de 2016, enquanto eu aguardava para ouvir pela primeira vez o renomado micro historiador italiano Giovanni Levi, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Mas e agora? A pesquisa trata de uma biografia, de uma trajetória ou da devoção a um santo popular? Creio que devemos primeiramente fazer aqui uma breve discussão metodológica sobre tais perspectivas.

A biografia ou a trajetória por muito tempo foi considerada gênero menor dentro da história social, algo que Henrique Espada Lima (1994) afirma ser um espaço privilegiado de estudo não só do indivíduo, mas das realidades que o cercam. Vavy Pacheco Borges afirma que a pesquisa biográfica poderia ser desde um rápido percurso de vida até um modelo mais ambicioso que consistiria em “um mergulho na alma do biografado”. Ainda segundo alguns autores como Alexandre Karsburg (2012), existem algumas diferenciações entre biografia e trajetória, onde a primeira recorreria a um estudo de toda a vida do indivíduo e a segunda apenas percorreria alguns aspectos dessa biografia.

Segundo Benito Schmidt (1996), com a nova história cultural, os historiadores romperam com a visão positivista de escrita que visava a reconstruir a vida do indivíduo de forma linear. Hoje há um enfoque em “explorar todas as potencialidades do gênero, aproximando-o da multifacetada existência concreta dos homens”.

Neste sentido, percebo que foi apropriada tal discussão para a realização desta pesquisa. Sem nenhum tipo de prejuízo, podem-se utilizar bases teórico-metodológicas empregadas por autores que trabalham com ambas as tendências. Afinal, “[...] independentemente de se fazer biografia ou trajetória – toda ou parte da vida do sujeito – certos procedimentos devem se repetir: o principal deles é a reconstrução detalhada dos passos do biografado, com o máximo possível de fontes (de preferência fontes de natureza diferente), que devem ser sistematicamente confrontadas” (KARSBURG, 2015, p. 34).

Após discorrer sobre tais autoquestionamentos com meu orientador em uma construtiva reunião de orientação, apesar do calor porto-alegrense em um 23 de dezembro de 2016, foi um grande presente de Natal, pois enfim consegui construir junto dele a estrutura que desenvolvo/percorro nesta pesquisa.

O período em que padre Reinaldo atuou nas duas localidades e que abordarei nesta dissertação trata-se de 1936 a 1967, ou seja, anterior à Renovação Carismática Católica³. Portanto, um padre nesta temporalidade não teria base institucional para agir nestes ambientes com tal proximidade. Ainda neste período as missas eram realizadas em latim e o padre mantinha-se de costas para a população durante os sermões.

Então acreditamos que o indivíduo padre que neste momento age diferentemente da maioria dos seus pares nesta mesma posição, sendo líder comunitário, mediador, amigo, subverte as ideias de seus liderados e então tais aspectos são elevados a aspectos como o de santidade.

Segundo Maíra Vendrame (2016), mediadores em uma região colonial, geralmente padres e comerciantes, trabalham para que haja essa interação e aproximação do poder central às comunidades, a fim de que possa garantir as próprias necessidades e de suas famílias.

A necessidade desse padre poderia ser de fixar-se e ser bem sucedido junto dos seus paroquianos, primeiramente na cidade de Piratini, cidade que vivia sob a forte influência da maçonaria, ou então já em um segundo momento na zona rural, localidade

³ Essa renovação se deu no contexto do Concílio do Vaticano II, como desdobramento de uma série de conferências realizadas pelo Papa João XXIII entre os anos de 1962 e 1965, para discutir a posição da Igreja Católica diante de diversas questões do mundo contemporâneo. Durante esta série de conferências, a última gera o documento chamado *Gaudium et Spes* (alegria e esperança), tratando-se justamente da aproximação pastoral e da compreensão sacerdotal frente aos dilemas do homem moderno

de um pluralismo étnico, vivendo sob a “ameaça protestante” como o próprio padre grifa no topo de uma das páginas do *Livro Tombo* paroquial.

A utilização das entrevistas nesta pesquisa foi uma das estratégias para percebermos as mais amplas visões sobre a devoção ao padre. Através da coleta de apenas 6 entrevistas já foi possível constatar a simpatia da população ao padre, sejam eles católicos, ateus ou praticantes de outras religiões que não a mesma que o clérigo propagava. Com um número reduzido de questionamentos elencados previamente, o objetivo das entrevistas foi que os depoentes tivessem a maior autonomia possível em suas falas sobre o vigário.

O principal objetivo dessa metodologia de pesquisa foi “permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2014, p. 165).

As entrevistas foram feitas com indivíduos indicados dentro das paróquias ao final de cada pesquisa, uma única depoente foi alcançada de outro modo. Enquanto estagiária do IHGPEL no espaço destinado as publicações do instituto no jornal local “Diário da Manhã” publiquei no ano de 2015 a coluna intitulada; Reinaldo Wiest entre memórias e milagres: o santo da Campanha⁴. Ao ler esta coluna a Leda Regina Santana Lopes envia seu esposo até o instituto para que me contasse sobre o milagre recebido por sua esposa. Prontamente perguntei sobre a possibilidade de a senhora Leda contar-me suas experiências junto de padre Reinaldo. Além do depoimento pude ver entre os guardados da senhora Leda oração em prol da Beatificação de padre Reinaldo (ANEXO 3).

Muitas são as histórias e relatos de milagres e graças alcançadas atribuídas a este sujeito dentro dessas comunidades. Isso fez com que a Diocese de Pelotas iniciasse um movimento pró-beatificação deste indivíduo, surgido em meados dos anos de 1980. Porém este não passou da fase inicial de recolhimento de documentos, devido à falta de um colaborador para a causa no Vaticano, como muitas vezes é mencionado nas matérias do Diário Popular e na entrevista com padre Armino Luiz Capone. Para as comunidades envolvidas com a memória de Pe. Reinaldo, não haveria necessidade de formalizar uma santificação.

⁴ **Reinaldo Wiest entre memórias e milagres: o Santo da Campanha.** In: Diário da Manhã, p. 11, 08 de agosto de 2015.

Segundo os depoimentos recolhidos para a confecção da pesquisa até o momento, e no levantamento das outras tipologias de fontes, podemos perceber que para as comunidades não é necessário que o processo siga em frente. Podemos sintetizar isso na frase de padre Capone, atual pároco da Comunidade Sant`Ana, ao afirmar que “não é necessário santificar, para nós ele já é um Santo”⁵.

A indagação sobre o porquê é atribuída santidade a padre Reinaldo é o questionamento principal desta pesquisa. Partindo do pressuposto de “excepcional-normal”, de que Ginzburg (1989) relata não haver sujeitos únicos, com características representativas inigualáveis. Vemos que padre Reinaldo, mesmo sendo carismático, solidário, é um padre comum. Comum, no sentido de que não difere nessas características de outros padres.

Pode-se supor que no momento de sua morte, em um momento de “crise” do social, as identidades, acionadas, necessitam de um aparato para permanecerem vivas diante da figura. Podemos nos referir a esta atitude como forma de perpetuar um passado ao lado do padre que fora tão significativo para as localidades.

Para isso há uma uniformização das lembranças dos grupos, “*a memória de grupos e coletividades se organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz, um processo constante de feição adaptativa* (MENESES, 1992, p.11)”. Nessa circunstância há a união dos moradores das comunidades de Pelotas e Piratini para a formação do processo de recolhimento das provas dos milagres por ele concedidos.

De fato não seria suficiente essas características ou provas para elevá-lo a Santo junto ao Vaticano, pelo longo processo com diversas fases. Colocações como servo de Deus, Beato, entre outros estágios a serem percorridos.

Em reportagem ao *Diário popular* em 27 de janeiro de 2008, na figura do então bispo Dom Jaime Chemello, a Diocese de Pelotas declara que o processo não teria saído da fase de recolhimento de materiais devido à falta de um “advogado” da causa no Vaticano. O que nos faz pensar na possibilidade de a Diocese não querer pormenorizar a causa diante da população. Mas poderia ter desistido justamente por entender que o Vaticano não levaria adiante tal proposta por não preencher alguns requisitos.

⁵ O “homem bom” da campanha. In: *Jornal Diário Popular*, 31 de março de 2015, p.2-3. Disponível para consulta na hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas.

No levantamento dessas fontes, foi possível já inferir a notoriedade da propriedade com que os moradores da localidade se posicionam quanto à santidade do referido padre. Esses sentimentos geraram nos moradores além da religiosidade também noções de pertencimento a sua cultura, a sua localidade, através do catolicismo.

Para melhor embasarmos nossas reflexões sobre a caracterização da religiosidade popular diante de uma figura como padre Reinaldo, utilizaremos a dissertação em História de Marcela Guasque Sthinghen (2000), intitulada “Padre Cícero: a canonização popular”, pela Unicamp. Nesta dissertação, foi feito um estudo sobre a representação de padre Cícero (1844-1934) diante da literatura de folhetos nordestinos.

Estes poemas consolidam um padrão santificante de representação. Adotando uma perspectiva diacrônica, o trabalho mapeou a elaboração e o emprego, pelos poetas, de uma série de fórmulas verbais e narrativas que têm a função de mimetizar e reafirmar elementos do imaginário religioso que se formou em torno da figura de padre Cícero e de Juazeiro do Norte. Pensando no trabalho de Sthinghen, assim como nos poemas, analisarei as formas de legitimação utilizadas pela Diocese de Pelotas no período pós morte de padre Reinaldo. Trata-se de uma mudança no seu posicionamento perante a figura, numa tentativa de incentivar os fiéis para a crença e também na movimentação do processo.

Pode-se ver esse posicionamento em três fontes impressas de naturezas distintas, sejam fontes jornalísticas, seja uma obra biográfica (o livro *O vigário da Campanha*) ou ainda textos produzidos no âmbito da fé religiosa, como uma oração distribuída em favor da santificação do padre, confeccionada pelo então bispo Dom Jaime Chemello.

Segundo Chartier (1992), esses documentos impressos fixam as memórias, surgem também como uma iniciativa de validar uma sociabilidade, conferir “valor” a ritos constituídos a nível local, transmitindo assim autenticidade à devoção.

Vera Irene Jurkevics (2004) traduz a religiosidade popular como uma forma de crer baseada no espontâneo, no subjetivo e puramente emocional; esses sentimentos calcados em valores e normas socialmente condensadas mesclam-se com os ritos institucionalizados de sutil maneira.

O homem sempre buscou as religiões como forma de se aproximar do sagrado, do não palpável, eterno. Como forma de materializar o eterno, mantendo-se próximo ao sagrado. Segundo Mircea Eliade, o homem nesta busca por materializar o sagrado acaba

por criar vários modelos sagrados de vivência terrena. “*O mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado no mundo*” (ELIADE, 1992, p. 81).

Portanto quando partimos para a análise da devoção a padre Reinaldo vemos como uma iniciativa de lembrar o sagrado e trazê-lo ao ambiente profano, trazendo ao cotidiano a esperança de encontrar o eterno através da sua forma de viver exemplar, que aos olhares torna-se santidade.

Peter Burke, em seu estudo sobre o hibridismo cultural, assegura que os contatos e encontros culturais abrangem a todos os povos desde eras muito remotas se inventam e reinventam de forma sucessiva e constante.

“Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos” (BURKE, 2003, p. 31).

Portanto compreendemos que as formas populares de culto acabam se mesclando com as formas institucionalizadas, já que no catolicismo a máxima declaração de religiosidade acha-se no culto aos santos, tanto oficiais como oficiosos, como bem o aponta Solange Ramos de Andrade:

Na tradição cristã, o santo é alguém cuja santidade é reconhecida como excepcional por outros cristãos. As sepulturas dos santos se tornaram um lugar para peregrinação e igrejas foram construídas nesses lugares para abrigar as suas relíquias, assegurando uma celebração mais institucionalizada dos santos padroeiros locais (ANDRADE, 2010, p.2).

A fé na sua intercessão junto à divindade ou mesmo no seu poder de realizar milagres é uma das características do catolicismo. E a criação de um santo local é justamente uma forma de aproximar o sagrado de tal lugar.

Um trabalho que muito auxiliará neste estudo será o da autora acima citada, Solange Ramos de Andrade, “Santo de cemitério: a devoção ao menino da tábua (1978-1994)”. Utilizando jornais, fontes orais e documentos do poder municipal, a autora recupera a história desse santo local. Sobressaem em seus estudos os principais elementos que contribuíram para a constituição da fé, bem como as implicações políticas, econômicas e sociais que caracterizam seu culto.

A crença em padre Reinaldo, quanto à tipologia de crença, não é algo exclusivo no estado do Rio Grande do Sul. No sentido de apurar casos semelhantes neste mesmo espaço analisaremos o trabalho de doutorado de Alexandre Karsburg (2012), o qual

estuda também um “Santo”, não reconhecido pelo Vaticano. Nesta investigação, o indivíduo estudado João Maria de Agostini suscita, através da crença em seus milagres e aparições, diversas memórias e ressignificações. A pesquisa utilizará como base os autores citados acima, entre outros, para constituir, ampliar e aprofundar a análise do objeto de pesquisa desta dissertação.

Esta dissertação de mestrado propõe uma análise histórica dos aspectos da trajetória sacerdotal deste padre que influenciaram na constituição da devoção. A trajetória é um recurso metodológico acionado para analisar a prática dessa devoção, levando em consideração as percepções dos indivíduos sobre o padre, possibilitando assim vê-lo como santo. Além disso, refletiremos sobre quais as características dessas localidades, no contexto histórico específico, que permitiram o desenvolvimento da devoção.

Esta dissertação possui três capítulos. Começaremos tratando dos anos iniciais de padre Reinaldo, do período como seminarista, sua ordenação, a atuação na Catedral São Francisco de Paula e por fim sua atuação como pároco em Piratini. No segundo capítulo, trataremos da atuação de padre Reinaldo na Vila Maciel, na zona colonial de Pelotas. No final, verificaremos e analisaremos a constituição de aspectos de devoção popular ao padre nas duas cidades estudadas.

O primeiro capítulo tratará dos anos iniciais de padre Reinaldo na cidade de Dois Irmãos, bem como seu ingresso ao Seminário Menor de São Leopoldo. Apontará também os motivos pelos quais padre Reinaldo foi transferido para a conclusão de seus estudos na Diocese de Pelotas, sua ordenação, e o início das atividades como coadjutor na Catedral São Francisco de Paula. Faremos menção também à transferência para a Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Piratini, e o relacionamento entre o então pároco com os seus paroquianos. Será assim também possível apresentar o relacionamento conflitante com o seu superior, o Bispo da Diocese de Pelotas, Dom Antônio Zattera. A partir desses conflitos, será possível também discutir a transferência de padre Reinaldo para a Paróquia Sant’Ana na Colônia Maciel, assim também

proporcionando um debate sobre redes diáticas⁶ estabelecidas nesta localidade, onde permaneceu até sua morte em 1967.

Em razão da importância que possui a biografia sobre padre Reinaldo de autoria de padre Johannes, consideramos importante delinear uma análise prévia da perspectiva apresentada pelo autor desta. O texto que trata-se não somente de uma biografia, mas participa do processo de construção da memória do padre como predestinado ao sacerdócio e portador de características que sustentaria a aceção de sua santidade.

No segundo capítulo, abordaremos as realizações de cunho social de padre Reinaldo para o desenvolvimento da região da Vila Maciel em que foi pároco. Será possível uma análise mais profunda sobre as relações mantidas pelo pároco com os membros da paróquia e assim fosse possível atingir tais feitos.

Objetivamos nestes dois primeiros capítulos abordar as maneiras como o indivíduo estudado é representado nas fontes. Dentre elas o livro de caráter biográfico escrito por seu amigo, padre Johannes, intitulado *O Vigário da Campanha*. Utilizo também os *Livros Tombo* das duas paróquias em que atuou, levando em consideração a “*escrita de si*” e as estratégias de legitimação contidas nestes registros; analiso ainda a postura da Diocese de Pelotas após a morte do pároco e a maneira que o descreve, na tentativa de elevá-lo a Santo. Leva-se também em consideração as fontes jornalísticas acerca de padre Reinaldo, interrogando-se sobre as intencionalidades do periódico *Diário Popular* ao discorrer sobre a figura.

O último capítulo tratará da devoção a padre Reinaldo Wiest nas cidades de Pelotas e Piratini. Tratando da morte de padre Reinaldo e os conflitos entre as cidades mencionadas, para decidir qual das paróquias realizaria as cerimônias fúnebres, bem como onde seria erguido o mausoléu do vigário. Além disso, versa sobre os acontecimentos posteriores à morte deste padre. Trataremos de alguns eventos percebidos, na memória dos depoentes, como milagres que são classificados como graça alcançada por intermédio de padre Reinaldo Wiest. Far-se-á necessário neste capítulo

⁶ LANDÉ, Carl H. “A Base Diádica do Clientelismo”. In: SCHIMIDT; S. W. (Eds.). **Friends, followers and factions**. Berkeley: University of California Press, 1977, p. 13-37 (versão traduzida e datilografada em português).

uma discussão sobre a nomenclatura relacionada a este caso, com sua vinculação à religiosidade popular, já que padre Reinaldo não é um santo reconhecido pelo Vaticano.

Discutiremos a movimentação a nível local em prol da santificação entre as décadas de 1980 e 1990, bem como a prática de deposição de ex-voto perante o túmulo do pároco. Será analisado ainda o envio de parte dos restos mortais de padre Reinaldo a Piratini, no ano de 2008.

Por fim, pretende-se que sejam respondidas as indagações apontadas inicialmente, tais como: apontar por quais aspectos padre Reinaldo é considerado um indivíduo representativo e singular da sociedade em que viveu. Nesta perspectiva, busca-se discernir as estratégias de legitimação desse pároco diante das sociedades em que atuou; e, por fim, verificar o que eleva padre Reinaldo a um santo a nível local e o porquê e quando se origina esse sentimento.

CAPÍTULO I

De Seminarista a Vigário: do nascimento em Dois Irmãos ao paróquiato em Piratini.

1.1– A infância de padre Reinaldo Wiest e sua predestinação ao sacerdócio na perspectiva de seu biógrafo

A apresentação de dados referentes à infância de padre Reinaldo será oportunidade para uma análise da perspectiva santificante que orienta seu biógrafo na construção da memória de vida e de sacerdócio do biografado.

Esta pesquisa não tem como ênfase a infância, o período dos estudos no Seminário Menor de São Leopoldo e os anos como coadjutor da catedral São Francisco de Paula em Pelotas. Mas é necessário observar-se alguns aspectos destes passos da trajetória de padre Reinaldo Wiest, que antecedem sua vida sacerdotal como pároco em Piratini e no interior de Pelotas, não obstante as dificuldades para precisar muitos de seus dados biográficos.

Padre Reinaldo nasceu em Dois Irmãos, mais precisamente no hoje emancipado município de Morro Reuter, no dia 13 de julho de 1907. Seus avós eram descendentes de alemães da região do Hunsrück e fixaram-se na cidade em meados do século XIX. Seus pais chamavam-se Felipe Wiest e Carolina Kieling, ambos nascidos em Dois Irmãos. A família numerosa possuía 15 filhos. Reinaldo foi o 11º deles a nascer. Além dele, outros dois irmãos se dedicaram à vida religiosa. Cláudio foi padre na cidade de Rio Pardo e Teresa ingressou na congregação do Sagrado Coração de Maria em Humuarama, no Paraná.

Padre Johannes, nos capítulos referentes à infância do biografado, menciona o uso, como fontes primárias, do *Livro Tombo* e *Livro de Batismos* da Igreja Matriz de Dois Irmãos. Temos então segundo Johannes a transcrição do registro de batismo de padre Reinaldo:

“Aos dezenove de julho de mil novecentos e sete nesta Matriz, batizei VICENTE REINALDO, nascido aos treze do mesmo mês e ano, filho legítimo de Felipe Wiest e de Carolina Kieling, sendo padrinhos Carlos Kilps e Barbara Werle” (LIVRO DE BATISMOS PARÓQUIA SÃO MIGUEL apud JOHANNES; 1994).

Por meio do título de eleitor de padre Reinaldo, exposto no Museu Barbosa Lessa em Piratini (sem número de inventário), podemos comprovar seus dados, como sua data de nascimento, localidade e filiação acima citados.

O nome do pároco no título eleitoral está inscrito apenas “Reinaldo Wiest” e não como na evidência acima com acréscimo do primeiro nome “Vicente”. Sobre o reconhecimento do nome Vicente por parte dos paroquianos, voltaremos a tratar no terceiro capítulo desta pesquisa.

Ainda segundo o Livro, o Vigário da Campanha, Felipe Wiest era dono de um pequeno curtume e Carolina se dedicava ao lar e à educação dos filhos.

A nosso ver, a biografia de autoria de Carlos Johannes, na forma de abordar a infância e juventude de padre Reinaldo, confere à sua vida um ar de predestinação ao sacerdócio. Ao longo de toda sua obra, padre Johannes intitula Reinaldo como alguém que abnegava de todo e qualquer direito em prol da família, dos amigos e enfim de seus paroquianos. Este tom se manifesta desde as primeiras frases da introdução, como podemos transcrever no trecho a seguir:

Profeticamente proclamava com este gesto que o dom do sacerdócio não lhe pertencia. Aliás, sabia, e sabia como ninguém, que não era Padre para si, mas para os outros. Por amor fez-se pobre. Nada retinha. Dava tudo. Por amor submeteu-se à comunhão com o bispo e o presbitério. Foi muitas vezes incompreendido, mas compreendeu sempre. Por amor tornou-se um homem de coração puro (JOHANNES, 1994, p 5).

Algo que pode ser visto já no primeiro capítulo, ao relatar um episódio quando da entrada de Reinaldo na escola.

Alfredo, o irmão maior abriu uma escola em Morro Reuter. Aos seis anos Reinaldo começou a frequentá-la. A disciplina era rígida, quase prussiana e o estudo era puxado. Orientado pelo Vigário, o professor Alfredo Wiest ministrava semanalmente duas aulas de Bíblia e duas outras de catecismo. Reinaldo não gozava de privilégios, pelo contrário, com ele o professor era mais exigente do que com os demais alunos. (JOHANNES, 1994, p.8)

É comum durante todo o texto tratar da vida do pároco como alguém que sempre passa por muitas dificuldades, mas não vê problema em enfrentá-las. Transparece também que o clérigo sempre manteve uma postura de solidariedade extrema, um instinto de ajudar o próximo não importando se necessário fosse ficar sem algo de seu uso. Podemos contemplar neste trecho.

Reinaldo levava sempre a merenda escolar: pão, manteiga e frutas. Contam os colegas que ele costumava reparti-las com eles. Um dia, tendo distribuído tudo, uma colega fez-lhe notar:

- Mas Reinaldo, não sobra nada pra ti?
- Que importa? O importante é vocês terem o suficiente, respondeu ele (JOHANNES, 1994, p. 9).

Provavelmente essas formas de solidariedade reproduzidas já de forma tão intensa na infância seriam uma forma de o pequeno Reinaldo legitimar-se na localidade. O ensino da fé cristã nas escolas, somado à atuação de sacerdotes locais sempre prontos para incentivar as crianças ao ingresso nos seminários e conventos, cooperaram para a influência de tal postura as crianças e adolescentes.

O ingresso nessas instituições se dá de maneira rápida ainda na fase entre a infância e a adolescência. Por volta dos 12 aos 15 anos. Reinaldo ingressou no Seminário Menor de São Leopoldo aos 13 anos de idade em 1921, já tendo concluído a primeira eucaristia em 1919. Esta trajetória de estímulo de meninos à vida sacerdotal era muito comum nas regiões de colonização europeia, principalmente no período que estamos tratando, visto que as práticas religiosas eram vivenciadas de forma intensa nessas localidades.

A riqueza em detalhes dos diálogos presentes na sua biografia, padre Johannes talvez os tenha ouvido do próprio Reinaldo ainda em vida, quando conviveram, aos tempos dos estudos no Seminário em São Leopoldo, que os dois frequentaram juntos, algo que é necessário levar em consideração: qual é a forma que ele gostaria de ser representado pelo amigo, quais impressões ele gostaria de transparecer?

1.2– O Seminarista

Reinaldo tendo ingressado ao Seminário Menor de São Leopoldo em fevereiro de 1921, cursou as disciplinas de Latim, Alemão e Grego. Foi admitido à congregação Mariana, iniciando a dedicação de corpo e alma a serviço da mãe de Deus e à Igreja, dedicação que marcou sua vida. Logo após concluir o seminário em 1927, iniciou o curso de Filosofia, com as disciplinas de Lógica, Ontologia, Psicologia, Ética e Teodiceia, concluindo o curso em 1929.

Em 1930, após passar as férias em Dois Irmãos, iniciou os estudos de Teologia, e já no primeiro semestre solicitou ao Arcebispo Dom João Becker a promoção da Tonsura Clerical⁷, que lhe conferida após uma semana, em 2 de julho de 1930, sendo-lhe conferido o título. Naquele momento passou a ser chamado de Clérigo Vicente Reinaldo Wiest.

⁷ A tonsura é um corte rente de parte do cabelo, geralmente de forma arredondada, realizado em uma cerimônia religiosa pelo bispo, ao conferir ao ordenando o primeiro grau no clero, chamado também "prima tonsura". O significado original era o de renúncia às vaidades terrenas. Foi primeiramente utilizada

A diocese de Pelotas neste momento estava nas mãos de Dom Joaquim Ferreira de Mello, e padecia sob o déficit de padres. O bispo, ao visitar os seminários da Diocese de Porto Alegre, não hesitava em falar de suas necessidades, bem como oferecendo bolsas de estudos para alunos seminaristas que se transferissem para Pelotas.

Diante das dificuldades encontradas pela família para manter Reinaldo no Seminário, além do sustento dos demais 14 filhos, Reinaldo enviou uma carta ao bispo de Pelotas, informando o desejo de obter a transferência. Correspondências foram trocadas entre os dois bispos das Dioceses de Pelotas Porto Alegre e imediatamente o clérigo foi transferido, em 4 de fevereiro de 1931. Ainda em novembro de 1931, solicitou a admissão às quatro ordens menores e em 1932 requereu a admissão à ordem do subdiaconato.

Em 1933, após requerer a ordem do diaconato, jurou as normas do Direito Canônico, enunciando estar à vontade para exercer tais funções. Ainda neste mesmo ano regressou a São Leopoldo para concluir os exames finais do curso de Teologia e assim estar apto a última fase antes da ordenação, o presbiterato. Após o retiro espiritual preparatório para ordenação sacerdotal, a cidade de Dois Irmãos concluía os detalhes para a cerimônia a ser presidida por Dom Joaquim. A data escolhida foi 3 de dezembro. Na matriz de Dois Irmãos, o bispo ordenou-lhe. E no dia seguinte realizou sua primeira missa em sua cidade.

Após a passagem do final do ano em sua cidade natal, em seu retorno a Pelotas foi nomeado coadjutor⁸ da Catedral São Francisco de Paula. Neste cargo, a ele era imputada a tarefa de catequisar as crianças, visitar escolas e doentes, além do pastoreio da capela São Pedro no bairro Fragata. Padre Reinaldo exerceu esta função até meados de 1936, quando Dom Joaquim lhe chamou para conferir sua disponibilidade em assumir a Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Piratini.

nas igrejas do Oriente e posteriormente por monges escoceses na passagem da Páscoa (MILLER,2017).
Torna-se um requisito para a preparação às ordens entre os séculos quinto e sexto.

⁸ Sacerdote auxiliar em missões.

1.3– O Vigário de Piratini

A cidade de Piratini tem sua data de fundação em 1830 por decreto do Governo Imperial. Situa-se a 347 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. A cidade tem a peculiaridade de ser reconhecida como a primeira Capital Farroupilha, por ter presenciado a iniciativa de instaurar a República. A estimativa do número de habitantes segundo o site do IBGE⁹ é de 19841 no censo do ano de 2010 e de 20.799 para o ano de 2017, com extensão territorial de 3.539,688 km².

A Igreja sede da Nossa Senhora da Conceição de Piratini foi construída em sua versão atual entre os anos de 1840 e 1854, por um arquiteto italiano. Mas o local já possuiu outras duas composições arquitetônicas. A primeira foi uma capela construída por casais de açorianos na época da povoação, sendo destruída em 1811. A segunda composição foi de 1814, construída por intermédio do Reverendo Jacinto José Pinto, versão esta que vivenciou grandes atos da Revolução Farroupilha, como a celebração da missa em ação de graças pela proclamação da República Rio-Grandense.

No ano de 1921, em seis de novembro, a paróquia passou por um incêndio, que assolou uma das duas torres e as suas paredes. O pároco da época, abalado, solicitou transferência para a cidade de Lavras do Sul. Durante doze anos Piratini conviveu com seis diferentes párocos e Reinaldo foi o sexto. Podemos acompanhar a chegada de padre Reinaldo à cidade através da descrição contida no *Livro Tombo* da Paróquia.

“Não há bem que sempre dure”. O dom P. Luiz J. de Carvalho deixou esta Paróquia no dia 4 de maio de 1936 para ocupar o cargo de Vigário cooperador da Catedral de Pelotas por ordem e provisão de Vossa Excelência o senhor Bispo de Pelotas vim substituto na Paróquia. Cheguei aqui aos 7 de maio de 1936 às 11 horas da noite. Tomei pouso no Histórico Hotel de Bento Gonçalves. No dia seguinte 8 de maio, festa de Nossa Senhora da Pompeia, Rainha do Santíssimo Rosário, celebrei a 1ª missa nesta histórica igreja. No domingo imediato li minha provisão na estação do evangelho e fiz-me à disposição de meus paroquianos (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 42).

Foi assim que, aos 29 anos de idade, padre Reinaldo migrou para a cidade de Piratini na incumbência de reestabelecer o prédio da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e alavancar a vida espiritual da cidade.

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Além da incumbência principal da reforma do prédio, era necessário percorrer o vasto território rural e evangelizar a população, ministrar sacramentos e encontrar um modo de envolver esta população rural no cotidiano religioso da cidade. Algo que seria bastante complexo, a começar pela falta de espaços destinados a capelas para reunir os fiéis.

A principal fonte utilizada para tratarmos da permanência de padre Reinaldo em Piratini será o *Livro Tombo* da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Pode-se perceber algumas particularidades na escrita de padre Reinaldo para os *Livros Tombos*, como por exemplo sua informalidade ao escrever. Em vez de narrar somente os acontecimentos da paróquia, como reuniões de diretoria, festividades ou realizações, ele acaba por narrar também os acontecimentos pessoais, sua percepção sobre determinados assuntos e sentimentos quando sente-se injustiçado por algo ou alguém.

Verificamos que os *Livros Tombos* da Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Piratini e da Paróquia Sant'Ana na Vila Maciel, além de serem registros oficiais destas comunidades do ponto de vista do pároco, assimilaram-se à categoria do que os historiadores chamam “escrita de si” (GOMES, 2004), mesmo não pertencendo à tipologia de texto característica para este tipo de escrita. Isto ocorre na medida em que o autor dos trechos analisados dos *Livros Tombos*, realiza projeções pessoais sobre o texto. Há nos dois textos uma escrita de olhar individual, com a marca de padre Reinaldo.

A escrita de si promove ao historiador um largo conhecimento sobre os detalhes de determinado acontecimento. Geralmente as fontes desse tipo de escrita são os diários, cartas ou documentos pessoais. Assim a narração histórica da paróquia, descrita sob o olhar do indivíduo pode ser considerada:

“[...] uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas, ocupam um grande lugar, uma escritura que rejeita uma organização formal, uma escritura essencialmente do registro do descontínuo, do efêmero” (DIDIER, 1992 apud CUNHA, 2007).

Após narrar o momento de sua chegada a cidade de Piratini, logo em seguida padre Reinaldo passa a narrar sobre as obras de reconstrução após o incêndio e os motivos pelos quais ela teria levado tanto tempo a ser reestabelecida, assim como o porquê do revezamento de párocos pela Paróquia após o sinistro.

Este tipo de fonte passou a ser valorizada na ascensão da História Cultural. Justamente por através delas ser possível captar os sentimentos de indivíduos, suas percepções.

Ângela de Castro Gomes (2004) discute essa busca do indivíduo em eternizar seus feitos através da escrita em uma relação com a modernidade, pode-se assim conferir a constante transformação do social, através do individual.

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitiram o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar abriu espaço para legitimidade do desejo de registro do homem “anônimo”, do “indivíduo comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p.13).

Paralelamente aos desabafos que padre Reinaldo faz nos livros tombos, com relação a suas dificuldades enquanto pároco, seus escritos dão a perceber os costumes religiosos das comunidades estudadas.

1.4. “O Romance da reconstrução”

O “*Romance da reconstrução*” da matriz de Piratini, assim denominado pelo próprio padre Reinaldo nas páginas do *Livro Tombo* paroquial, é sempre citado como um dos maiores feitos do sacerdote na cidade. Isso se dá pelas dificuldades para realização da obra, entre elas, obter a cooperação dos fiéis e manter sacerdotes na cidade.

Padre Reinaldo aponta três aspectos principais com relação à problemática da obra de recuperação da igreja, como se pode perceber na transcrição do Livro Tombo a seguir:

Meus Trabalhos

Encontrei tudo na maior ordem possível tanto os livros como trabalhos bem organizados por meu antecessor Rev. P. Luiz G. de Carvalho. Sem esquecer os trabalhos apostólicos os quais sempre tenho procurado fazê-los com escrúpulo e recta (sic.) intenção, dediquei-me com corpo e alma aos trabalhos de reconstrução da grande e bella (sic.) Matriz. Tão linda mas também tão injustamente entregue ao quasi(sic.) total abandono de seus filhos ingratos. Por causa dos muitos sacrifícios e dificuldades quase insuperáveis, pois basta dizer que caminhei mil trezentos e vinte dias pela campanha e fora dela angariando donativos, quero silenciar o resto do quase (sic.) “Romance” da reconstrução externa da Matriz de Nossa Senhora da Conceição em abandono durante quasi (sic.) um século. Para terminar o assunto quero tão somente discorrer aqui três coisas.

1º O abandono desta Igreja foi talvez o motivo que os senhores vigários não paravam nesta Paróquia, com a exceção do único Padre Vigário Antônio Dias da Costa. A pequena estadia dos Vigários trouxe a desorganização da Parochia (sic.); sem igreja matriz condigna para a celebração dos SS. Mystérios (sic.), sem altares para o vigário dizer a S. Missa e sem bancos para o povo dizer suas devoções, sem casa canônica para refazer as forças perdidas e escreverem e guardarem em

paz e segurança os livros do Archivo (sic.), sem colégio parochial (sic.), isto na sede (sic.). Na campanha, todos sabem o quanto é difícil o parochiato (sic.) sem nenhuma Capella (sic.).

2º Todos estes trabalhos, apesar de absoluta necessidade foram expostos ao ridículo pela Imprensa Catholica (sic.) em 1942 em um artigo na Palavra “Padre Vigário”.

3º A remodelação desta Igreja é um milagre de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário. Fim sobre as obras da Remodelação da Igreja (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 44).

Deste trecho sobre a reconstrução da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, podemos tirar algumas breves conclusões. Uma delas é o texto ser constituído pelo próprio padre Reinaldo, por estar na primeira pessoa do singular. Além disso o texto está no espaço destinado ao ano de 1936 no *Livro Tombo*, porém podemos perceber que o padre disserta sobre diversas temporalidades. Por exemplo: ao citar que “*caminhei mil trezentos e vinte dias pela campanha e fora dela angariando donativos*”, ou seja, três anos seis meses e 16 dias, portanto esse texto foi escrito pelo menos em meados do ano de 1939.

Assim, o texto tornou-se uma forma de fazer um relato do período de reforma, bem como do padre ressaltar seus feitos de maneira mais eficaz para sedimentá-lo como o bem-feitor das obras de remodelação da Matriz.

Há porém nesta forma de escrita *a posteriori* do ocorrido muitos prejuízos. Afinal se houvesse atas a cada uma das fases da obra poderíamos por exemplo contemplar onde o padre havia obtido os recursos necessários, quais as pequenas dificuldades encontradas, que materiais eram necessários e quem enfim foram os benfeitores financeiros para obra.

Na página 48 do *Livro Tombo* paroquial, após narrar toda espécie de festividades e devoções do povo piratinense, padre Reinaldo volta a mencionar as obras na Igreja Matriz. Trata primeiramente de uma visita pastoral em que o Dom Joaquim Ferreira de Mello teria mencionado o desejo de construir junto à sede um colégio paroquial. Acrescenta que este seria um plano futuro distante. Em seguida o pároco relata que até aquele momento o *Livro Tombo* seria uma espécie de resumo do que fora feito na sede da paróquia, entre os anos de 1936 a 1942. Abaixo acrescentamos a transcrição para entendimento deste trecho.

É isto um resumo geral e ligeiro do que se fez na sede desta Paróquia. Declaro em consciência que nada mais pude fazer ou melhor descrever ou anotar devido a muitos trabalhos e não por poucas vezes [?] por dívidas e pagamentos. Deus seja louvado e glorificado por todos tão

grandes benefícios. Este é o resumo das coisas 1936-1942. A.O- L.L.L - D - GL – H (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 48).

Vemos que mais uma vez padre Reinaldo tenta justificar a demora e as dificuldades de reconstrução da Igreja Matriz de Piratini. Tendo em vista a visita pastoral do Bispo da Diocese pelotense e traçados novos planos em relação à ampliação do patrimônio eclesiástico na cidade.

Por conseguinte vemos como iniciativa de atribuir autenticidade às palavras que resumiam os agravantes que impediam a rapidez na confecção da obra, ao final do texto contendo as iniciais (O.A – LLL – D - H) de provavelmente membros da comissão diretiva da obra. Não podemos descobrir de quem se tratam as iniciais, apenas que não seria de padre Reinaldo, nem mesmo de Dom Joaquim.

Além disso, tal resumo confirma a afirmação anterior de que padre Reinaldo não havia descrito seus primeiros anos como pároco em Piratini imediatamente após o ocorrido. Assumindo também as grandes lacunas quanto aos detalhes da obra de reconstrução, bem como as festividades e devoções na paróquia.

1.5. As devoções do povo piratinense

Padre Reinaldo, segundo o texto de padre Carlos Johannes, tinha o sonho de atuar em uma paróquia no interior, justamente por ser oriundo de uma cidade distante dos grandes centros. Sentia falta da tranquilidade do povo agricultor de Dois Irmãos, porém Piratini não seria uma cidade voltada para a fé católica com a mesma intensidade que a cidade de padre Reinaldo, muito menos teria a formação religiosa dos paroquianos da Catedral de Pelotas.

Nesse sentido, padre Reinaldo necessitou adotar uma estratégia para atrair os fiéis, entre elas as comemorações a santos em suas datas específicas, cumprindo também com todos os ritos da Igreja Católica, como a semana da Páscoa e Natal. Podemos apurar a estratégia do pároco na transcrição do livro tombo a seguir.

As devoções contribuem muito para a boa marcha da Paróquia na vida cristã. Tenho experimentado isto estando eu atrapalhado com as obras da matriz procurei introduzir pouco a pouco as devoções cotidianas na Igreja e fora dela. (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 46)

Podemos inferir que no momento em que as comemorações acontecem, elas unem a comunidade na crença pelo ato de representar o evento aproximando também do fato

comemorado. Edilece Souza Couto contribui para compreendermos esta dimensão das festividades religiosas.

Devoções, festas e ritos têm a função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação (COUTO, 2008, p.2).

O que se pode perceber, diante dos relatos presentes no *Livro Tombo* paroquial, é que a vida da Igreja de Piratini durante todo o período em que padre Reinaldo exerceu o cargo de pároco circulava em torno das festividades.

No entanto, quanto a respeitarem abstinência a diversões e outros hábitos nas datas definidas pela Igreja Católica, padre Reinaldo mostra-se apreensivo quanto à não aderência dos fiéis. Essa insatisfação dá-se principalmente quanto à quaresma, que demandaria o período de quarenta dias de jejum que antecedem a Páscoa cristã.

Os principais motivos narrados no *Livro Tombo* para tal preocupação do vigário neste período do ano são os jejuns que por muitos membros não eram praticados, bem como os bailes, que segundo ele, dificilmente eram suspensos: “*com grandes insistências se conseguiu de não dançarem na Quaresma*” (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 44).

Porém, quando se trata do sábado de Aleluia, a escrita de padre Reinaldo revela a existência de um julgamento racista: “Felizmente são só os pretos que ainda dançam tendo a boa sociedade se abstido já por vários anos” (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 44).

Estas passagens revelam que padre Reinaldo tinha mais boa vontade, em seus julgamentos, com aqueles que seguiam rigorosamente os hábitos do catolicismo, e em sua falar repreende práticas contrárias.

O *Livro Tombo* evidencia que padre Reinaldo instituiu a prática de cultuar diversos santos reconhecidos pelo direito canônico dentro da sede da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, não se limitando assim ao culto à padroeira. São listadas dez festividades diferentes. Em cada uma delas, a paróquia seguia um procedimento específico para conduzir as festividades. Em algumas delas, faziam-se procissões, em outras, benziavam-se as pessoas, noutras, benziavam-se objetos, noutras, rezava-se somente.

Três práticas destacavam-se, conforma a narrativa presente no *Livro Tombo*. São elas: a Devoção ao Divino Espírito Santo em prol dos governos do Mundo; a Devoção a Nossa Senhora de Sion pela conversão dos judeus ao cristianismo; e a Devoção ao Sagrado Coração.

Quanto à devoção ao Divino Espírito Santo, padre Reinaldo menciona uma grande quantidade de adeptos, pois a “*campanha a Pombinha símbolo do Espírito Santo povoa piedosamente quase todas as casas*” (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 46).

Ainda neste tópico, são transcritas a oração e as homenagens feitas neste período, a qual alocaremos abaixo:

REZA

Padre: Vinde Espírito Santo e enchei o coração de vossos fieis.

Resp. o povo: Acendei neles o fogo de vosso amor.

Padre: Enviai o Vosso Espírito e tudo será revelado e renoveis a face da terra.

Em seguida uma outra oração dos sete dons do Divino e termina com a bela sequência devota reza alternadamente. Possui a Igreja uma Pomba do Divino de 130 anos. Vem da Campanha em busca de seus devotos e é de cedro (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 47).

A temporalidade desses escritos pode nos dar algumas pistas de por que padre Reinaldo estava engajado em orar pelas nações e governos da terra. A hipótese que nos parece bastante viável é de que o globo estava vivendo as tensões do período entre guerras.

As constantes crises financeiras e os níveis de mortalidades antes jamais vistos em uma única guerra e em ações de extermínio. Além disso o espírito de revanche entre as nações assoladas e aquelas que foram consideradas vencedoras do conflito causava grande tensão em todas as partes do mundo. Posteriormente é possível perceber durante a escrita deste livro *Tombo* a preocupação de padre Reinaldo com este período de articulações que culminariam na Segunda Grande Guerra

Resta-nos também pensar sobre padre Reinaldo ter ocultado tais aspectos do Livro Tombo, pode-se supor que ele estivesse temeroso quanto a quaisquer tipos de opressão posteriores.

Quanto à devoção a Nossa Senhora de Sion pela Conversão dos Judeus ao cristianismo, pode-se constatar em poucas linhas uma insatisfação quanto às diferentes crenças. A esse respeito, transcrevemos um trecho da reza feita na paróquia. Nossa Senhora de Sion é considerada justamente a intercessora pela conversão dos judeus ao

cristianismo. Abaixo a transcrição da oração feita a Nossa Senhora de Sion, contida no livro *Tombo*:

Padre reza: Nossa Senhora de Sion rogai por nós.
 Responde o povo: e pela conversão dos judeus. Segue a oração: Deus de bondade, pai de misericórdia. No fim: “Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 47).

O povo cristão crê que nos chamados últimos dias da humanidade o povo Judeu reconhecerá que Jesus Cristo é o tão sonhado messias que salvaria a humanidade de seus pecados, após morrer crucificado como narra na Bíblia o livro do profeta messiânico Isaías em diversos capítulos.

A conversão do povo judeu a Jesus Cristo é narrada em diversos livros da Bíblia e é tratada como um dos últimos sinais a se cumprirem antes do final dos tempos.

A última frase da oração é justamente a mesma descrita no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, em Lucas 23.34. Tal frase teria sido dita pelo próprio Jesus Cristo, quando estava para ser crucificado mediante punição do povo Judeu por blasfêmia, por intitular-se o Cristo.

Assim a colocação da frase na oração a ser repetida pelos fiéis dá o mesmo tom de que os judeus não reconhecendo-o como salvador ainda estariam cometendo uma espécie de pecado.

A Devoção ao Sagrado Coração é descrita como a mais importante. Segundo a descrição:

[...] se consagra todo mês de junho ao exercício dela. O vigário não estando, o povo e as zeladoras mesmo realizam a hora certa na Igreja. Todos os domingos nas missas paroquiais se rezam a ladainha ao Divino Coração de Jesus pela conversão das famílias da Paróquia (LIVRO TOMBO N.S. da CONCEIÇÃO, 1936, p. 47/B).

Provavelmente a intenção de padre Reinaldo ao manter continuamente a população integrada as atividades da paróquia sucessivamente mantendo ligação a algum santo institucionalizado católico. Além disso conforme o santo a ser comemorado, poderá variar o objetivo das orações, já que cada santo geralmente é reconhecido por atender uma classe de pedidos, exemplo: São Cristóvão é o santo padroeiro dos motoristas.

1.6. Uma crise se instaura

Dom Joaquim Ferreira de Mello, Bispo de Pelotas, que teria sido o responsável pela transferência de padre Reinaldo, do Seminário Menor de São Leopoldo para o Seminário de Pelotas, e que lhe conferiu a Paróquia de Piratini em 1936, faleceu no ano de 1940.

Em 1942 com a emancipação da Diocese de Pelotas, assume o cargo de bispo Dom Antônio Zattera. Os tons da escrita, tanto do *Livro Tombo* paroquial quanto do livro *O vigário da Campanha*, é de que Dom Antônio Zattera não possuía tão grande estima por padre Reinaldo quanto Dom Joaquim.

A primeira menção no Livro Tombo paroquial ao ano de 1942 é de uma visita pastoral do então bispo Dom Antônio à cidade de Piratini entre os dias nove e doze de novembro.

Dom Antônio Zattera é conhecido até os dias atuais na cidade de Pelotas por alavancar o crescimento patrimonial católico. Isso dá-se por conta da criação de abrigos para crianças órfãs e da reforma da Catedral São Francisco de Paula. É também considerado o maior responsável pela criação da primeira Faculdade de Filosofia do interior do estado, que posteriormente tornar-se-ia a atual Universidade Católica de Pelotas.

Contraditoriamente do que demonstrava padre Reinaldo, durante toda a sua narrativa no *Livro Tombo* paroquial sobre as condições das obras de remodelação da Igreja Matriz de Piratini, o registro de Dom Antônio em sua visita pastoral é bastante negativo.

Dom Antônio ao registrar sua visita pastoral no *Livro Tombo*, demonstra estranheza quanto à lentidão dos trabalhos e quanto ao estado deplorável do interior da sede paroquial, perceptível assim:

A imponente e histórica Igreja Matriz exige ainda muito trabalho para que interinamente se apresente conforme convém ao culto Divino. Apresenta uma grande fenda na fachada. Providencie o Senhor pároco para que quanto antes seja examinada por competente engenheiro para saber se não oferece perigo de ruína. Logo em seguida sejam colocados os vitrais, rebocada por dentro e feito o forro. E assim que as condições financeiras permitirem sejam feitos o piso e os altares. Entretanto sejam

retirados imediatamente¹⁰ dois depósitos de cal e cascalho que se acham dentro da Igreja e seja conservada na maior limpeza possível. Antes da continuação dos trabalhos da Igreja Matriz, sejam concluídos os já começados nas dependências dos fundos da mesma. A casa já existente poderá ser usada só para moradia do pároco e futuro vigário cooperador, não podendo prestar-se para outras finalidades. [?]¹¹ É indispensável existir uma pia batismal. Logo que estiver pronta a casa paroquial haja um armário para o arquivo paroquial. Os paramentos e vasos sagrados são bons. O que porém é muito grave é o atraso em que encontramos os livros de registro de batismos, casamentos e óbitos bem como das pautas paroquiais. Nos seis anos de sua gestão paroquial o senhor pároco não registrou ainda nenhum batizado, nenhum óbito e só doze casamentos. Sentimos muito chamar severamente a atenção do senhor pároco para este particular, porque sabemos que trata-se de um sacerdote muito galoso, entretanto o não podemos deixar de fazer em vista do vigor das leis da Santa Igreja sobre esta matéria. Apresenta o senhor pároco a razão do muito que teve que fazer pela remodelação da Igreja Matriz e por isto em parte o desculpamos. Damos tempo até fins de março próximo para que ponha em dia todos os registros paroquiais, podendo fazê-lo por outros desde que assinados por ele. Terminado este prazo, todos os livros devem ser-nos apresentados sob forma de termos que tomar as providências que o caso exige. No que diz respeito aos restantes assuntos da paróquia notamos o esforço do reverendíssimo pároco. Louvamos a cordialidade que procura manter com as autoridades locais e com o povo o empenho que faz para que a religião progrida a sempre mais. Existem na paróquia as associações religiosas do [?] da oração dos homens apenas em início, das senhoras já muito antiga, Liga de Santa Terezinha das Vocações Sacerdotais e Nossa Senhora do Rosário. Em reunião das mesmas realizada no dia doze, recomendamos muito que continuem firmes e procurem novos elementos e prestem todo auxílio possível ao Reverendíssimo pároco. Na mesma reunião lançamos a ideia da fundação da Ação católica iniciando com a juventude feminina católica e juventude católica brasileira. A ideia foi bem acolhida pelo Reverendíssimo pároco e alguns moços e moças. Houve duzentas e vinte e seis Crismas. Em visita ao senhor doutor prefeito falamos sobre a possível fundação de um colégio de irmãs. Prometeu ele todo o apoio garantindo desde já um terreno e a subvenção de R\$5.000.00. Ao despedir-nos desta paróquia aqui deixamos nossos agradecimentos ao Reverendíssimo padre vigário da paróquia, padre Reinaldo Wiest, às respeitáveis autoridades locais e militares, ao grupo escolar, associações religiosas e ao povo em geral pelas atenções que nos dispensaram nesta nossa visita pastoral. A todos deixamos nossa benção. Piratini, aos 12 de novembro de 1942. Antônio, Bispo de Pelotas (LIVRO TOMBO N.S DA CONCEIÇÃO, 1942, p. 49 a 50b).

Ao que parece padre Reinaldo ocupava-se muito com a feitura da remodelação da Matriz, da parte exterior do prédio, enquanto Dom Jaime tem outro olhar perante a

¹⁰ Grifo do autor

¹¹ Ilegível

construção. O bispo de Pelotas indica na sua escrita a inviabilidade de culto no local. De maneira expressa, sublinhando a palavra “imediatamente”, manda que sejam retirados da parte interior da paróquia dois depósitos de cal e cascalho, e ainda que a igreja fosse conservada em melhores condições de limpeza possível. Provavelmente padre Reinaldo não arrecadara verbas suficientes para a construção, o que muito atrasava seu término.

Ao que indica também a escrita do bispo, há desleixo quanto aos registros paroquiais e isso se tornou um grande problema na visão do bispado. Perguntada a atual secretária da paróquia quanto à existência de livros de registro, ela nos afirmou que desta temporalidade só existia ainda o *Livro Tombo*.

Na sequência, é descrita sob o olhar de padre Reinaldo a visita pastoral do bispo Dom Antônio. Basicamente foram repetidos os acontecimentos do texto e a ordem das programações acompanhadas pelo sacerdote. É chamado por padre Reinaldo de “*pastor carinhoso e cheio de zelo pelo seu rebanho*” (LIVRO TOMBO N.S DA CONCEIÇÃO, 1942, p.52), omitindo as questões relacionadas as obras da Matriz mencionadas pelo bispo.

Já na página seguinte padre Reinaldo faz a primeira menção ao ano de 1943, já no primeiro dia do ano, e segue elencando resumidamente os acontecimentos de cada mês do ano, provavelmente seguindo a ordem de manter a organização dos registros paroquiais.

Padre Reinaldo anuncia no *Livro Tombo* paroquial duas saídas no mês de janeiro da paróquia, uma delas para um retiro espiritual e outra apenas justificada “por motivo das obras da Igreja”, porém na Biografia *O vigário da Campanha* é especificado o motivo dessa segunda saída

No relato do bispo acerca da visita, havia a exigência da colocação de alguns vitrais na igreja Matriz. Por conseguinte, padre Johannes menciona que o povo piratinense por ser “*muito tradicionalista*”, ao ver algumas transformações na estrutura da Igreja após o incêndio passou a diminuir substancialmente as doações para o término das reformas no prédio.

Assim, o motivo de sua segunda saída seria precisar deslocar-se para apelar financeiramente a seus familiares em Dois Irmãos para prosseguir com os trabalhos, mais precisamente para a colocação dos vitrais.

Para garantir o andamento dos trabalhos, apelou mais uma vez aos seus familiares e amigos de Dois Irmãos. Com a quantia arrecadada,

encomendou os vitrais da Vidraçaria VEIT, de Porto Alegre. Pagou a metade no ato da encomenda, prometendo pagar a outra metade na entrega dos vitrais. De regresso à paróquia, cavalgou pela campanha clamando por socorro. Recebeu mais uns bois, mais umas ovelhas e dos pequenos agricultores, aos quais se apresentava como “amigo da República do Peru”, uma porção dessas aves. Não sabendo onde vender os animais recolheu-os a Escola Agrícola Santo Isidoro. Boa parte sumiu, roubada; o que sobrou foi vendido a “preço de banana”. A vidraçaria VEIT forneceu os vitrais, aliás muito bonitos, mas padre Reinaldo não se achava em condições de inteirar o pagamento. Comprometeu-se a fazê-lo dentro de trinta dias e, com a autorização do sr. Bispo, empenhou o histórico ostensório¹² de prata maciça da igreja. [...] Passados os trinta dias, apareceu o representante da firma VEIT. Com dor na alma, o padre entregou o precioso ostensório. Dom Antônio, informado, ficou muito aborrecido e viajou para Porto Alegre, a fim de pagar a dívida da paróquia de Piratini e recuperar o vaso sagrado (JOHANNES, 1994, p. 59).

Pelo que se pode perceber primeiramente no trecho, esta não teria sido a primeira vez que a família o teria auxiliado financeiramente em seu ministério, apesar de nem mesmo esta ter sido expressa no *Livro Tombo*.

O empenho do valioso ostensório e a perda após o prazo de pagamento dos vitrais devem provavelmente ter prejudicado ainda mais sua credibilidade diante Dom Antônio, por justamente ter de sair de Pelotas até Porto Alegre e entregar o valor firmado por padre Reinaldo Wiest.

Após a passagem dos contratemplos causados pela compra dos vitrais, padre Reinaldo continuava as arrecadações na campanha em prol do total reestabelecimento do prédio sede da paróquia. O tipo de oferta recebida pelo vigário, como por exemplo os animais, também era motivo de desagrado do bispo pelotense.

Mesmo após totalizado o pagamento dos vitrais em Porto Alegre, em uma segunda visita de Dom Antônio em 1945, registrado em *Livro Tombo*, aparenta que os mesmos ainda não haviam sido colocados em seu local de destino.

Desde a última visita pastoral adiantaram pouco as obras em andamento, devido, segundo o bispo, mais à época difícil que se atravessava do que à falta de esforço do Reverendíssimo pároco. É preciso entretanto que prossigam na medida do possível. Advertimos porém que nenhum trabalho deve ser feito sem a respectiva licença do Venerável bispo diocesano à qual devem sempre serem apresentados planta e orçamentos. Procuo o Reverendíssimo pároco

¹² Peça ornada com artigos de ourivesaria usada em cultos da Igreja Católica para expor solenemente a hóstia sagrada no momento da eucaristia ou em procissões.

mandar colocar os vitrais da Matriz que já há diversos anos se encontram prontos e pagos em Porto Alegre (LIVRO TOMBO NS. da Conceição, 1945, p. 74B).

Além de ter sido o pároco responsável pela reconstrução da Matriz incendiada em Piratini, para o que contou com o apoio do presidente da comissão de obras, Juliné da Costa Siqueira, padre Reinaldo era considerado diferenciado pelas paróquias em que atuou justamente pelas suas ações de cunho social.

Em Piratini foi idealizador da Associação de São Joaquim e Santa Ana, que tinha por objetivo auxiliar na alimentação e vestimentas dos pobres. Ele criou a Escola Agrícola Santo Isidoro, voltada à educação de crianças carentes, com intuito de manter os jovens longe do êxodo para os estudos em Pelotas. Segundo Johannes (1994), a escola não permaneceu aberta por muitos anos devido à falta de investimento público.

Demonstra no *Livro Tombo* que, a exemplo do presidente Getúlio Vargas, em suas ações de governo, teria criado a “horta da vitória”, no jardim da paróquia afim de alimentar a população carente. Como forma de justificar o plantio dessas hortaliças junto à paróquia, padre Reinaldo afirmou que:

Grandes números de pessoas vivem com subalimentação aqui em Piratini, existem muitas famílias pobres e com numerosa prole e muitas vezes pouco alimento. Sendo a carne um dos principais alimentos da campanha e muito caro, quase só para os ricos. Todos os dias há visitas a “Horta Vitória”, às vezes se apresentam 30 e tantas pessoas. Alguns pedem, outros levam, outros compram e todos recebem (LIVRO TOMBO N.S DA CONCEIÇÃO, 1942, p.56).

Todavia, tais feitos na cidade não parecem ter sido suficientes ao então Bispo de Pelotas, Dom Antônio Zattera. Faz-se tal suposição diante de certas revelações apontadas n’*O Vigário da Campanha*, assim como no *Livro Tombo*.

O biógrafo relata alguns acontecimentos que culminaram na saída definitiva do pároco da cidade de Piratini, em 1958. Podemos perceber que havia um mal-estar entre padre Reinaldo e o bispo Dom Antônio Zattera. O descontentamento do bispo teria se dado devido às reformas na paróquia de Piratini terem sido feitas de forma lenta, tendo em vista o grande avanço no que se refere à atividade construtiva que marcaram este bispado em Pelotas. Aos olhos do bispo, esta postura do pároco destoaria do resto da diocese. Padre Reinaldo era visto por ele como mal administrador.

Johannes informa ainda que Dom Antônio teria tentado transferir padre Reinaldo da paróquia, mas sem sucesso, como é perceptível neste ponto:

Havia tempo que o senhor bispo cogitava sua remoção. Não seria fácil. Duma feita fizera uma tentativa, mas recebeu tantos “abaixo assinados” pedindo a permanência do vigário, que achou melhor desistir. Julgava estar o padre Reinaldo atrás dessa campanha de assinaturas, o que de fato não era verdade. As relações entre ambos ficaram estremecidas por algum tempo. Certamente não por conta do vigário (JOHANNES, 1994, p. 68).

Tendo em vista tais afirmações, ao que tudo indica haveria grande desconforto no relacionamento entre o bispo diocesano e o pároco, para além do que se pode perceber na documentação escrita.

Em busca de sanar tais problemas, frente à lentidão nos trabalhos e à permissividade de padre Reinaldo diante dos costumes dos habitantes da região, são enviados a Piratini outros dois padres, que permaneceram entre 1º de janeiro de 1947 e 31 de dezembro do mesmo ano.

Os novos padres seriam Cônego Jacob Lorenzet, como vigário-ecônomo, e padre Luiz Gonzaga, para o cargo de coadjutor. Padre Reinaldo não aceitando a iniciativa do bispado pelotense, acaba por afastar-se sem aviso prévio para a cidade de São Lourenço do Sul¹³.

Tal saída é retratada com melhores detalhes na biografia de Johannes. No *Livro Tombo* da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, não puderam ser bem apurados os acontecimentos justamente por conta do mal estado da sequência de páginas, que tiveram a escrita danificada provavelmente pela umidade no local de armazenamento.

Padre Reinaldo, desolado, teria procurado apoio junto a padre José Herbst, de São Lourenço. Este logo resolveu o problema, por um curto prazo. Administrando duas paróquias, a de São Lourenço do Sul e a de São João da Reserva¹⁴, pediu ao padre Reinaldo que o substituísse no pastoreio desta última, até que fosse sanada a crise.

No dia 8 de dezembro de 1947, dia da padroeira Nossa Senhora da Conceição, padre Reinaldo retorna é reempossado pároco de Piratini, após retornar do interior de São Lourenço do Sul.

¹³ Cidade localizada ao sul do Estado do Rio Grande do Sul, a cerca de 159 km de Piratini e 200 Km da capital, Porto Alegre, situada na costa da Lagoa dos Patos.

¹⁴ Comunidade localizada dentro do 6º distrito de São Lourenço do Sul, acerca de 23 Km do centro da cidade.

Como registro da volta do vigário à cidade, apuramos no *Livro Tombo* sob o olhar do secretário paroquial:

Quando o vigário retornou de seu exílio¹⁵ para Piratini no dia 8 de dezembro de 1947 as hortênsias abriam-se em plena florescência. Sorrindo pareciam dizer Bom dia, senhor vigário! Seja bem-vindo, autor da nossa felicidade! Seja para ti o nosso sorriso paradisíaco e te faça esquecer o triste passado! Constitui a cor do nosso vestuário “azul do céu” a do manto da tua padroeira, símbolo da calma e sorridente tranquilidade para melhores dias, nesta formosa terra de Nossa Senhora da Conceição de Piratini. Eco! Que as senhoras hortênsias, minhas silenciosas e sorridentes amigas o vejam! E muito obrigado pela gentileza (LIVRO TOMBO NS. DA CONCEIÇÃO, 1947, p. 80).

É perceptível a indignação do próprio secretário paroquial ao tratar do episódio da ida de padre Reinaldo de Piratini como exílio, como se houvesse saído de sua paróquia de maneira forçada por razões externas.

Logo após o registro de sua volta, feito no *Livro Tombo*, padre Reinaldo deixa o agradecimento somente a padre Jacob por seus cuidados com a Paróquia durante o período por ele descrito como *Guerra de Siracusa contra os gregos* (LIVRO TOMBO NS. DA CONCEIÇÃO, 1947, p. 82), contradizendo Johannes, no sentido de a postura de Reinaldo com relação ao bispo não ser tão indiferente quanto descreve em seu texto.

Entretanto, após o retorno de padre Reinaldo ocorrem grandes mudanças quanto aos registros no *Livro Tombo*, já que agora não somente as festas e dificuldades são retratadas. Ficam também colocados no texto as datas dos acontecimentos. Talvez como uma estratégia de demonstrar a credibilidade de seu trabalho ao bispo.

As anotações relatam com especificações batismos, comunhões e registros de visitas missionárias a regiões longínquas no interior do município, evidenciando agora as pregações do evangelho em prol de novas conversões. Além disso, há depoimentos escritos por outros padres que visitaram a paróquia, demonstrando encantamento diante do trabalho de Wiest.

Mesmo que houvesse maior empenho para manter atualizados os registros da paróquia e que desse continuidade às reformas na sede da Igreja Matriz, ao que tudo indica

¹⁵ Substantivo masculino, que significa expatriação forçada ou por livre escolha; degredo.

padre Reinaldo não conseguia manter um grande número de fiéis nas missas e demais celebrações religiosas.

Ao que tudo indica, os homens da paróquia não eram receptivos à doutrinação católica, já que sempre há o registro no *Livro Tombo* de que para reza dos terços ou em festa as senhoras da comunidade eram quem mais comparecia. Porém, pode-se perceber a grande estima de toda a sociedade pelo padre, o que não era suficiente aos olhos do bispado para mantê-lo como sacerdote local.

No retiro anual de 1958, padre Reinaldo recebe o aviso de sua saída derradeira da cidade de Piratini. Ao receber o aviso de que iria sair de Piratini, a comunidade revoltou-se. O próprio bispo de Pelotas, dom Antônio Zattera, teve de ir buscá-lo no dia 9 de fevereiro para levá-lo, no intuito de que o pároco assumisse outra paróquia, no interior de Pelotas.

Com a chegada do bispo à cidade, mobilizou-se um grupo à frente da Igreja Matriz para impedir sua saída. O carro que transportava o bispo foi cercado, sendo necessárias várias horas para que fosse possível levá-lo.

Piratini receberia um vigário mais moço e que fosse motorizado. Para o bispo, era também inconcebível que padre Reinaldo ainda utilizasse o cavalo como meio de locomoção. Deste modo lhe foi concedida uma paróquia menor no interior da cidade de Pelotas, mais precisamente a Paróquia Sant'Ana na Vila Maciel¹⁶.

Padre Reinaldo, de modo a se restabelecer do ocorrido, depois de passar alguns dias na sede do bispado pelotense, foi até seu amigo, o padre José Herbst, em São Lourenço. Ao regressar a Pelotas, assumiu efetivamente sua nova paróquia em 1º de março de 1958.

Do mesmo modo que ocorrera anteriormente em Piratini, após ter se adaptado à nova paróquia, prosseguiu com sua maneira de trabalho, voltada para o trabalho social. Na Colônia Maciel e comunidades abrangidas pela paróquia Sant'Ana, porém, este trabalho social teve outro foco. Não era necessário sustento para pessoas em situação de rua e fome, como em Piratini; mas, neste momento, o país carecia de políticas públicas para agricultores, ocupação da maioria dos seus novos paroquianos.

¹⁶ Localizada no 8º distrito de Pelotas, há 45 km do centro da cidade.

1.7 – A memória de padre Reinaldo pelas ruas piratinenses.

Padre Reinaldo saiu de seu cargo como pároco de Piratini no ano de 1958, e apesar de sua estima pela cidade e por seus paroquianos, não há incidência de que tenha voltado a visitar a cidade até sua morte em 1967.

Diferentemente do que acontece em Pelotas na zona rural como poderemos perceber no capítulo próximo, o legado do pároco em Piratini não é tão expresso pelas conversas, pelas entrevistas, pelas memórias dos moradores.

A memória piratinense de padre Reinaldo foi uma memória construída e repassada pelas gerações e a ele é atribuída grande estima, de modo a se constituir, agora, em uma *memória compartilhada* (CANDAU, 2012). Memória compartilhada porque os habitantes que conviveram com padre Reinaldo hoje já não vivem mais. Agora seus feitos, sua conduta solidária, é contada pelas novas gerações.

Segundo a escritora piratinense Iracema Ferreira Dutra, padre Reinaldo é patrono da Academia Piratinense de História, como patrono da cadeira nº6 (DUTRA, 2008). Tal instituição é formada por escritores de todos tipos de formação, focados em contar a história da cidade.

Além disso, em Piratini, há o costume de colocar por nome das ruas da cidade o nome de seus moradores considerados ilustres (DUTRA, 2008, p.19), como não foi diferente com padre Reinaldo Wiest.

O projeto de Lei Nº63/67 de autoria do vereador Erotildes Peres Ávila, então presidente da Câmara de Vereadores de Piratini, aprovado e sancionado pelo prefeito Dr. Décio Alberto D'Ávila, denominou de Largo Padre Reinaldo Wiest o logradouro então conhecido como Largo da Matriz. Em estudo sobre a nomenclatura de ruas na cidade de Maringá, o historiador Reginaldo Benedito Dias menciona:

A prática de nomear ruas, quase sempre identificada como distorção, o trabalho dos vereadores, é atividade menos inocente que se costuma supor. Um olhar atento constata que esse processo é caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional e local. Trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial, baseada no culto à genealogia e edificação do Estado nacional, assim como aos fatos e personagens correspondentes (DIAS, 2000, p.103).

Situado aos fundos da sede da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, entre as ruas Comendador Freitas e 20 de Setembro, este espaço antes de ser denominado Largo

da Matriz, havia sido conhecido como Praça do Theatro, por achar-se junto ao antigo Theatro Municipal 7 de Abril.



Figura 1: Largo Padre Reinaldo Wiest – Piratini/ RS - Blog Juarez Machado de Farias - Na quarta-feira, 13 de julho de 2016, pela Nativa FM, Homenagem à memória do Padre Reinaldo Wist¹⁷!!! Disponível em: <http://juarezmachadodefarias.blogspot.com/2016/07/na-quarta-feira-13-de-julho-de-2016.html>. Acesso em 20/06/2018

No Largo Padre Reinaldo Wiest, estão as casas de nº 15 e 23, ambas tombadas pelo IPHAE¹⁸. Os referidos bens formavam, com a parte que ruiu, o prédio onde se achava

¹⁷ Nas citações de documentos em que a grafia do sobrenome Wiest é registrada equivocadamente (Wist), optamos por mantê-la nesta forma.

¹⁸ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual

o Theatro Municipal. A edificação funcionou com esta finalidade até 1930 e no início do século XX, teve suas características originais alteradas.

“Pareia no ar” a singularidade de vereadores atribuírem a um logradouro o nome de um “santo popular”. Nos modelos interpretativos mais recorrentes os poderes atribuem a logradouros nomes de personagens pertencentes a elites econômicas, políticas e militares locais.



Figura 2: Largo Padre Reinaldo Wiest – Piratini/ RS - Blog Juarez Machado de Farias - Na quarta-feira, 13 de julho de 2016, pela Nativa FM, Homenagem à memória do Padre Reinaldo Wist!!! Disponível em: <http://juarezmachadodefarias.blogspot.com/2016/07/na-quarta-feira-13-de-julho-de-2016.html>. Acesso em 20/06/2018

Piratini também tratou de homenagear o pároco colocando seu nome em um dos bairros. O bairro Padre Reinaldo Wiest está localizado na parte sul da cidade, no principal acesso da cidade pela BR 293. A poucos quilômetros pela RS 702 à direita é possível avistá-lo. Sobre o bairro, Iracema Ferreira Dutra observa:

Nesse local ficava a chácara que pertencia aos descendentes de escravos de dona Ana Clara Vaz e seu irmão Otílio. Como os mesmos eram solteiros e morreram sem deixar herdeiros, a referida propriedade e demais bens, por decisão judicial, passaram a pertencer ao Governo do Estado. Mais tarde, as referidas terras, mediante negociações, passaram para a Paróquia Nossa Senhora da Conceição. O prefeito Paulo de Jesus Goulart Borges, durante sua segunda gestão, procurou o pároco e a diretoria da paróquia com o objetivo de solicitar parte dessa área para construção de casas populares (DUTRA, 2008, p.312).

Não foi possível saber quando foi sua fundação com esta nomenclatura, mas podemos averiguar no *site* do Tribunal Regional Eleitoral que o segundo mandato de Jesus Goulart Borges como prefeito da cidade de Piratini. A segunda gestão ocorreu entre os anos de 1997 a 2000. Logo a fundação do bairro para a construção de casas populares ocorreu neste período.



Figura 3: Vista do Bairro Padre Reinaldo Wiest. Piratini-RS. 2016. Acervo pessoal Ticiane P. Garcia:



Figura 4: Placa de localização Bairro Padre Reinaldo Wiest. Piratini-RS. Acervo pessoal Ticiane P. Garcia: 2016

Há que se ponderar sobre a escolha do nome do bairro, já que fora construído para habitações populares, podendo ser aludido ao pároco sempre seu desejo de atendimento aos mais necessitados. Ainda por entre as ruas do bairro pode-se encontrar a Comunidade Padre Reinaldo Wiest, localizada a rua Hildebrando Garcia, número 81, com missas todos os sábados às 18 horas.



Figura 5: Comunidade Padre Reinaldo Wiest – Piratini RS- Fonte: Blog Paróquia NS. da Conceição de Piratini. Disponível em: <http://parnsconceicao.blogspot.com/2010/05/pe-reinaldo.html> (Acesso em: 21/06/2018)

Existem ainda na cidade outras duas instituições com o nome do vigário como forma de homenageá-lo, são elas o Centro de Referência de Assistência Social¹⁹ Padre Reinaldo Wiest e a Escola Municipal Padre Reinaldo Wiest. O CRAS Padre Reinaldo atende diversos serviços de assistência social para cidadãos em vulnerabilidade social, como habitação, recursos alimentícios e também pessoas com dificuldades de saúde mental, com diversas atividades para o seu desenvolvimento social.

Já a Escola de Ensino Fundamental Padre Reinaldo funciona no primeiro distrito da cidade, chamado Coxilha Santo Antônio, com cerca de 120 alunos entre ensino infantil e ensino fundamental.



Figura 6: CRAS Padre Reinaldo Wiest – Piratini RS - Rede Social Facebook da Instituição disponível em: <https://www.facebook.com/1503890419857490/photos/a.1503998509846681.1073741828.1503890419857490/1503998426513356/?type=1&theater> (Acesso em 21/06/2018)

¹⁹ A partir de agora usaremos a sigla CRAS.



Figura 7: Escola de Ensino Fundamental Padre Reinaldo Wiest – Piratini RS. Disponível em: <https://br.localize123.com/escola-municipal-de-ensino-fundamental-padre-reinaldo-em-piratini-rs> (Acesso em 21/06/2018)

Sobre o ato de homenagear com o nome de cidadãos “ilustres” em locais públicos, o urbanista e sociólogo Roberto Guiducci menciona que *“um livro pode fugir da censura dominante, um edifício jamais. Pode-se evitar a leitura de vários livros, não se pode evitar a leitura continua das casas e das ruas da cidade”* (GUIDUCCI, 1980, p. 12). Assim, o nome em um logradouro público ou instituição é uma memória que se impõe. Em geral, esse tipo de homenagem ocorre após a morte de um personagem considerado marcante para a cidade, como numa iniciativa de “pagamento” pelas benfeitorias feitas pelo homenageado em vida para tal localidade. Vemos um grande empenho das instituições em reforçar a memória do pároco pela cidade, homenageando-o em locais públicos e/ou instituições. Vale ressaltar que repetidamente em locais que prestem algum tipo de serviço à população mais necessitada, o que vem ao encontro da manutenção da memória, consolidando uma visão solidária, voluntariosa do padre. A associação “nome | locais de assistência” acaba perpetuando, no plano de uma história oficial, imagens sobre padre Reinaldo que se propagam na memória oral, na forma como estas narrativas o representam.

Neste capítulo pôde-se evidenciar principalmente a epopeia de padre Reinaldo em Piratini. A principal fonte para este estudo foi o *Livro Tombo* paroquial por não haver acervo disponível para a utilização de outras fontes do período, como por exemplo jornais.

O *Livro Tombo*, enquanto fonte, acaba adquirindo um duplo caráter. Mesmo se tratando de um tipo de texto que tem como objetivo precípua relatar os atos religiosos da paróquia na cidade, alguns trechos de autoria de padre Reinaldo acabam assumindo o caráter de uma *escrita de si*, no caso, do nosso personagem biografado.

Verifica-se, na sua escrita, percepções muitas vezes nada impessoais, como *escrita de si*, já que o padre se utiliza do registro oficial da paróquia para desabafos com relação as dificuldades como pároco.

Padre Reinaldo talvez não tenha tido sucesso entre a grande maioria dos paroquianos como sacerdote, justamente pela sua postura pouco rígida quanto aos hábitos dos fiéis, sendo visto muitas vezes não como um sacerdote, mas como uma pessoa comum.

Há também que se constatar que financeiramente o pároco não era bem sucedido, já que não conseguia que os fiéis doassem dinheiro em espécie. Portanto acabava tendo problemas com a administração da paróquia, já que provavelmente o valor revertido com as trocas dos produtos doados era menor em futuras trocas desses donativos.

Essa característica marcante de padre Reinaldo, ao colocar seus sentimentos pessoais na escrita paroquial, intencionalmente ou não, foi uma forma de deixar sua marca e de expressar a indignação em razão da não aceitação por Dom Antônio Zattera. Essa insurreição, provavelmente, não poderia ser expressa de outra maneira que não a da escrita.

Tal anseio pode ser expresso na afirmativa a seguir:

O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. [...] A chave, portanto, para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais (GOMES, 2004, p.11).

Essa postura de padre Reinaldo em não se manifestar de outras formas senão no *Livro Tombo* e provavelmente com alguns paroquianos sobre suas dificuldades de relacionamento com o bispo poderia fazer com que os últimos se compadecessem do vigário. Algo que também pode ter provocado esse olhar santificador dos fiéis para com o padre.

Nesse sentido vemos principalmente nas ações de cunho social de padre Reinaldo a provável investida de perpetuar-se de alguma forma, deixando um legado. Legado este que na maioria das vezes só tinha algum efeito na vida dos paroquianos se fosse através de direcionamentos mais maleáveis do que o rigor da doutrinação católica apostólica romana.

Diante de todos esses traços da personalidade de padre Reinaldo, perduram diante da população as características de um sacerdote preocupado com as causas sociais e o reconstrutor da Igreja Matriz em ruínas. Isso se torna algo de muito apreço ao povo que em contrapartida sempre procura atribuir a locais públicos como escolas, bairros e templos o nome do pároco. Conservando uma memória coletiva sobre o pároco, memória esta que no capítulo três desta pesquisa vemos como fator principal para atribuição de grau de santidade na visão popular.

CAPÍTULO II

Um Vigário entre os colonos em Pelotas

De imediato após a sua saída de Piratini, padre Reinaldo não teria se conformado. Como forma de se recuperar e tentar desabafar sobre o ocorrido, teria ido mais uma vez até seu amigo padre José Herbst, da paróquia de São Lourenço.

Ao regressar a Pelotas, viaja até sua nova paróquia, a paróquia Sant'Ana na Vila Maciel em Pelotas. Para tanto achamos por bem contextualizar a Vila Maciel desde sua fundação para melhor compreensão do cotidiano onde padre Reinaldo passou a atuar.

A Vila Maciel localiza-se no 8º distrito de Pelotas a, aproximadamente, quarenta e três quilômetros do centro, com acesso pela BR 392 em direção ao município de Canguçu. No século XIX, vivia o auge da produção saladeiril, cujos empreendimentos se agrupavam às margens do Arroio Pelotas, de modo que boa parte do território mais ao interior permanecia sem ocupação. Muitas terras, na região da Serra dos Tapes, não eram adequadas nem à pecuária, nem ao plantio, devido ao grande número de cursos d'água e ao declive acentuado de certas regiões (ULLRICH, 1999).

No sentido de diversificação das atividades econômicas, criou-se, em 1854, a primeira colônia de imigrantes fundada pelo governo imperial no município de Pelotas, hoje São Lourenço do Sul.

Em 1881 o Governo Imperial implantou outros três núcleos: a Colônia Maciel, Accioli e Affonso Penna (FETTER, 2002), uma vez que iniciativas anteriores já haviam mostrado resultados positivos²⁰.

Na chamada Colônia Maciel, localizada no atual 8º Distrito do Município de Pelotas, o marco da colonização é o ano de 1883, quando o Governo Imperial acabou por promover a vinda do que viria a ser a primeira leva de imigrantes italianos. Há uma breve descrição sobre a chegada dos imigrantes, nas primeiras páginas do *Livro Tombo da Igreja da Paróquia de Sant'Anna*:

No ano de 1883 (ou 1884 – início da colonização) mais ou menos, mandaram dividir esta data de matos em lotes coloniais, e um ano depois introduziram alguns colonos (imigrantes) italianos da região do Vêneto, em sua maioria da Província de Treviso. No centro desta colônia, o governo mandou construir um Barracão, onde os emigrantes moraram por algum tempo, até colocá-los nos lotes coloniais. Aos primeiros que aqui chegaram, deu-se um lote urbano, perto de onde construíram o dito Barracão. Mais tarde [este] serviu de capela. Na

²⁰ Referindo-se à Colônia de São Lourenço do Sul, de caráter particular, fundada por Jacob Rheingantz, em 1858.

mesma ocasião o governo designou 4 lotes urbanos para o Cemitério da Colônia e um lote para a Igreja, que era o lote em que se achava o Barracão. Foi nos anos de 1884 a 1886 que vieram os primeiros colonos, para a Maciel. No primeiro ano, tiveram auxílio do governo tanto dos víveres, como das ferramentas para os trabalhos (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT´ANA, 1883, p.2).

Conforme percebemos na citação, após a chegada dos imigrantes à Colônia Maciel, os mesmos foram colocados em um barracão, cuja construção foi realizada pelo próprio governo, com o objetivo de alojar estes provisoriamente, até o momento em que os mesmos tivessem construído as suas casas, nos lotes que lhes foram designados.

Com o passar dos anos e o seu desenvolvimento, a Maciel passou a ter a economia baseada na agricultura. Os pequenos lotes eram responsáveis pela produção de quase todos os gêneros consumidos na localidade. O excedente era comercializado e com o dinheiro eram adquiridos os produtos que não podiam ser produzidos naquele local (PEIXOTO, 2003), como o sal e tecidos.

É neste contexto rural que padre Reinaldo chega, em 1958. Mantendo seu perfil, ele procurará garantir melhores condições de vida à população, assumindo uma postura de líder naquela localidade. Deu sequência assim à prática da Horta da Vitória, ao que acrescentou a oferta e troca de sementes com os colonos.

Ao adotar tais práticas também auxiliou na idealização da Frente Agrária Gaúcha, com objetivo de defender os direitos e interesses dos agricultores do Rio Grande do Sul, criando na Paróquia Sant´Ana a primeira comissão de moradores, para levar essas ideias para outras comunidades.

Além disso, em 1960, ao ver os moradores da localidade necessitados de ir até o centro urbano da cidade de Pelotas, auxiliou na formação de uma Associação rural de Assistência Médica.

2.1. A Paróquia Sant´Ana

A partir de 1920, a Colônia Maciel passou a ser sede de paróquia, dirigida por Monsenhor Jacob Lorenzet. Segundo os registros no Livro Tombo paroquial, em 1925, habitavam na Colônia Maciel 125 famílias. Em 1928 foi inaugurada a Escola Municipal Garibaldi, localizada ao centro da vila, ao lado da paróquia Sant´Ana.

O cotidiano das famílias era ordenado pelo trabalho na lavoura e pelas festividades religiosas. A religiosidade integrava e aproximava os moradores da colônia

através de festividades, como a comemoração no dia 19 de março em homenagem a São José. A primeira igreja da colônia Maciel foi construída antes de 1920 e ficou sob a responsabilidade do padre Luís da cidade de Canguçu. Na década de 1930, através de um grande mutirão comunitário dos moradores da região, a atual sede da igreja foi construída(GEHRKE,2013).

Atualmente a colônia Maciel faz parte do 7º distrito do município de Pelotas juntamente com a colônia Triunfo. Segundo dados do IBGE (Censo de 1996), a colônia contava à época com uma população de 869 habitantes, divididos entre as áreas urbana e rural. O número de residências era de 287 e o de imóveis comerciais era de 20. Justificamos a utilização deste censo, já que o censo de 2010 não especifica a população da área

No núcleo urbano da Vila Maciel estão localizados o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, um posto de saúde e a Escola Municipal Garibaldi. A colônia conta ainda com a Rádio Comunitária Padre Reinaldo FM, sob a coordenação de padre Luiz Armino Capone.

Padre Reinaldo, ao chegar na sua nova paróquia, encontrou algumas capelas já construídas no mesmo distrito da Maciel, bem como nos distritos próximos. Todas elas distavam em média 15 km uma da outra. Isto era bastante diferente das condições de Piratini, que só contava com a Sede da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no centro da cidade, ao passo que na campanha as celebrações eram feitas na casa dos moradores que recebiam o vigário.

Padre Reinaldo, do mesmo modo como em Piratini, voltou a se locomover por toda extensão de abrangência da paróquia ao lombo de um cavalo. Visitando as casas e as escolas, com seu modo de comportar-se, novamente conquistou aos paroquianos.

Quanto às comunidades atendidas por padre Reinaldo, além da sede, a Paróquia Sant'Ana na Vila Maciel (8º Distrito), estavam incluídas as comunidades São Pedro na Vila Nova (7º Distrito), São Judas Tadeu no Monte Bonito (9º Distrito), Sagrado Coração de Jesus na Ponte Cordeiro de Farias (5º Distrito) e Nossa Senhora de Lourdes no Rincão da Cruz (8º Distrito).

No mapa a seguir pode-se compreender o território que padre Reinaldo atendia no interior do município de Pelotas. Tal mapa é uma aproximação do mapa da cidade,

portando deve-se considerar como área de abrangência da paróquia Sant´Ana os distritos acima listados.

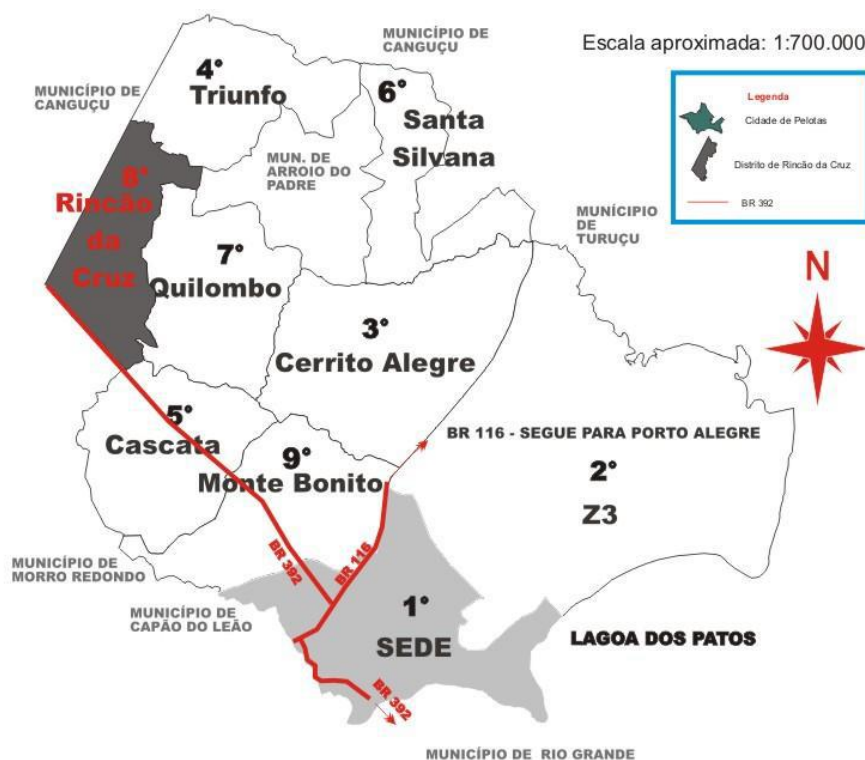


Figura 8: Mapa do município de Pelotas, com a localização do distrito do Rincão da Cruz.
Fonte: PANIS, 2007.

2.2 – Reunir, orar, festejar...

Logo após sua chegada à nova paróquia, padre Reinaldo parece ter encontrado uma população bastante participativa nas atividades religiosas. Ao que tudo indica inicialmente manteve a linha de trabalho de seus sucessores, principalmente Monsenhor Jacob Lorenzet, a quem sempre demonstra admiração em seus escritos.

Como em Piratini, deu prosseguimento à criação de diversas associações religiosas. As associações religiosas geralmente constituíam-se em uma reunião de pessoas para uma determinada realização sem fins lucrativos. Geralmente envolviam a oração a favor de algo, por exemplo, o despertar missionário em jovens da paróquia ou o envio de mantimentos ao seminário.

O apostolado de oração contava com mais de duzentos membros segundo o *Livro Tombo*. Estes membros também eram os responsáveis pela aquisição de patrimônio, como por exemplo instrumentos musicais, e pela organização dos festejos de Natal, Páscoa,

Pentecostes, São Pedro e Sant'Ana. Segundo o próprio padre Reinaldo, “*o apostolado da oração auxiliou no aumento considerável dos sacramentos nas capelas onde ainda não havia*” (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1963, p. 50/B).

A congregação Mariana reunia os jovens e chegou a contar em 1965 com quarenta rapazes e cinquenta e duas moças. A maioria participava no coro, na catequese e na ornamentação da matriz e das comunidades. A reunião dos jovens era para o vigário um bom meio de incentivá-los a ingressarem em alguma ordem religiosa e a manterem o pensamento cristão entre as famílias.

Pode-se perceber, segundo o *Livro Tombo*, que com o auxílio da Congregação Mariana houve o aumento dos trabalhos evangelísticos, já que “*fez-se coletas (para aquisição de) ‘A vida de Jesus’ para o catecismo de dos colégios. Também adquiriu-se o número de 500 catecismos para as crianças*” (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1962, p.50/B).

A Liga de Santa Terezinha também foi uma associação religiosa de expressão no paróquiato de padre Reinaldo na Vila Maciel, já que, além de cultuar a Santa de Lisieux²¹, padroeira das vocações na Diocese de Pelotas, era também responsável pelo amparo em orações para os seminaristas bem como pela arrecadação de suprimentos aos alunos da instituição.

Assim como em Piratini, padre Reinaldo fazia o possível para que as festas litúrgicas fossem celebradas. Segundo ele, não celebrar tais festas significaria “*uma concessão indevida ao mundanismo e um passo em direção ao paganismo moderno*” (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1962, p.52).

Ao que indica o texto, padre Reinaldo não enfrentava mais tantos problemas para reunir os fiéis na sua nova paróquia. Também não precisava mais construir ou angariar fundos para a reconstrução do templo. Tratava-se apenas de sua adaptação a um novo modo de administrar, assim como da adaptação dos paroquianos a ele.

Tais afirmações podem ser atribuídas graças a seguinte afirmação: “A Colônia Maciel é povo de elementos de origem italiana. São gente religiosa e ‘mui’ boa” (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1962, p.42). Pode-se perceber que o padre atribui a questões étnicas a assiduidade dos paroquianos por serem descendentes de italianos.

²¹ Região da França onde faleceu Santa Terezinha.

Contava a favor de um ambiente mais estável o fato de que a situação financeira da paróquia não era tão ruim como em Piratini, sendo poucos os necessitados, como se pode ver no trecho abaixo:

Há felizmente pequeno número de agricultores que são verdadeiramente pobres. Na Sede (Paróquia de Sant'Ana) não há! No Rincão da Cruz [...]há algumas famílias. Muitos existem no município de Canguçu, numa localidade chamada "Pulguedo". A paróquia ano passado socorria 14 famílias apenas (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1962, p.57/B).

Supomos também as desavenças entre padre Reinaldo e Dom Antônio haviam se dissipado, visto que são os constantes os elogios feitos no *Livro Tombo* às realizações do bispo na cidade de Pelotas.

O primeiro desses indícios se dá na menção no *Livro Tombo* ao desempenho do Abrigo de Menores, ampliado e transferido para o atual endereço na Avenida Domingos de Almeida, no bairro Areal, no ano de 1942, no primeiro ano de Dom Antônio como bispo da Diocese.

Em 1962, segundo padre Reinaldo, o hoje nomeado Instituto de Menores abrigava mais de 200 meninos e os "prepara para a vida" (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1962, p.57). Porém, acrescenta ainda que os demais párocos deveriam auxiliar na manutenção do espaço e com os suprimentos necessários.

Em 1964, na única visita pastoral durante o paróquiato de padre Reinaldo, anunciada no *Livro Tombo*, pode-se perceber que Dom Antônio agrada-se do desempenho do pároco, com pouquíssimas objeções como se nota a seguir.

Nas quatro capelas que visitamos crismamos ao todo 554 pessoas. Em todas elas houve regular número de comunhões. Recomendamos ao senhor pároco registrar ou mandar cópias quanto antes as crismas dessa visita e as outras anteriores se houver. Igualmente pedimos que ponha em dia o livro cópia dos batizados. É necessário fazer parte do arquivo paroquial o livro do inventário. Louvamos o zelo do reverendíssimo pároco em cuidar que a Igreja Matriz e Capelas estejam em bom estado de conservação. Agradecemos de coração a Bolsa de estudos e o grande interesse que tem pelo nosso Seminário, contribuindo ele pessoalmente e pelos seus paroquianos pela manutenção de nosso Seminário Diocesano (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1964, p.65).

Ao que indicam os escritos, como em Piratini, padre Reinaldo continuava a ter dificuldade para manter atualizados os livros de registro. Porém, percebe-se um número bastante alto de pessoas recebendo o sacramento da Crisma pelo bispo, podendo ser um

indício de que havia grande envolvimento de pessoas na rotina religiosa católica da região.

Consideramos também que o que havia provavelmente atrapalhado o desempenho sacerdotal de padre Reinaldo em Piratini tinha sido seu envolvimento com a reconstrução da sede daquela Igreja Matriz, não podendo ter o foco em apenas convencer novos adeptos a fé cristã. Já na paróquia de Sant´Ana, ao dispor de estrutura pronta para seu trabalho, tanto na sede quanto nas capelas, seu serviço era visto pelo próprio bispo como bem sucedido.

Há ainda a necessidade de mencionar a cooperação de padre Reinaldo para com o seminário e o abrigo de menores. Anteriormente, padre Reinaldo era criticado quanto ao tipo de arrecadações feitas em Piratini. Mas em sua segunda paróquia teria sido mais bem sucedido, já que agora poderia até mesmo cooperar com a Diocese de Pelotas.

2.3- “Os pobres chamavam ele de pai”.

Padre Reinaldo é lembrado por seus paroquianos como um personagem solidário, que repartia sua alimentação, e até mesmo suas vestes, com aquele que lhe pedisse, como reportam alguns depoimentos recolhidos junto às comunidades onde o padre havia atuado. Neste assunto, contribuíram os depoimentos de indivíduos oriundos da localidade rural chamada Colônia Júlio de Castilhos, situada no 5º distrito de Pelotas (Cascata). Estes compunham a membresia da Comunidade Eclesial de Base Sagrado Coração de Jesus, situada no mesmo distrito da chamada Colônia Cristal, região de abrangência da Paróquia de Sant´Ana, ambas administradas por padre Reinaldo entre os anos de 1953 até 1967.

Leda Regina Santana Lopes, nascida em 18 de novembro de 1955 e batizada pelo pároco aos seis anos de idade ao ser adotada por um casal de padrinhos, trata o pároco, em seu relato, como alguém muito respeitado e influente em sua família. Nesta comunidade, devido às grandes distâncias percorridas pelo pároco, as missas eram realizadas uma vez por mês. Dado o tempo necessário ao deslocamento, ele acabava dormindo às vésperas da celebração em casas de paroquianos. Certa vez, pernoitara na residência em que a senhora Leda morava, situação que lhe suscita evocar uma memória de infância:

Os padres eram muito amigos. Ele conversava muito comigo. Eu tinha um apelido de Joanhina e ele brincava comigo dizendo:

‘Joaninha tu sabe que as galinhas e as vaquinhas vão todas pra cozinha do céu. Pra gente ter o leite, o ovo, manteiga’. Eu sentia assim que ele era uma pessoa de extrema bondade. Me passava a mão, me benzia, me abençoava, a gente beijava a mão (Leda Regina Santana Lopes,2015).

A riqueza em detalhes com que narra a depoente nos faz pensar quão significativo ele tenha sido em sua infância. São detalhes que trazem elementos que vão além da documentação oficial. Pode-se narrar as maneiras de sentir e pensar dos personagens, pois tal tipo de depoimento “*permite o registro de testemunhos ampliando as possibilidades de interpretação do passado.*” (ALBERTI, 2008, p. 155).

A partir do depoimento acima, pode-se inferir que padre Reinaldo era de uma personalidade dócil. Suas falas eram intercaladas com brincadeiras, estabelecendo um tipo de contato com crianças que para a época seria incomum. Podemos assim vislumbrar o quão marcante padre Reinaldo fora na memória da população que o cercara e assim tornou-se possível a manutenção da memória. Torna-se válida a reflexão de Candau neste ponto:

Nesse sentido, todo aquele que recorda, domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade (CANDAU,2011, p.74).

Sobre o caráter amigável do padre, tivemos acesso à visão de alguns fiéis, que inclusive reportam seus atos de solidariedade. O senhor Otílio Teixeira Pinto, apesar de ter fornecido o depoimento aos 90 anos de idade, e apresentando já algumas falhas e dificuldades para relatar suas lembranças, refere-se ao pároco como “uma pessoa muito caridosa, amigo mesmo da comunidade” (Otílio Teixeira Pinto, 2015). A mencionada caridade ou amizade refere-se a características que diferem de algo que seria mais habitual a sacerdotes. É usual que padres auxiliem as paróquias em suas necessidades espirituais ou sociais. Apesar disso, os fiéis tendem a pensar sobre estes como se necessariamente sua função básica fosse apenas celebrar missas e outros sacramentos.

Há ainda que se pensar sobre um aspecto muito peculiar na atuação de padre Reinaldo na Vila Maciel: seu papel de intermediador diante dos conflitos entre paroquianos, envolvendo inclusive não católicos. Padre Reinaldo de fato relata que havia muita animosidade entre os paroquianos, denominando essas rixas como o *Grande Mal nas colônias*” (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT’ANA, 1962, p.59). Tais discussões

eram motivadas por razões fortuitas, como invasão do gado em propriedade vizinha, concorrência na venda de produtos agrícolas e ou até mesmo disputas entre namorados. O papel oficial de mediador perante às autoridades civis, na atribuição de um “juiz de apelação”, está explicado na citação do Livro *Tombo* a seguir:

Um juiz de paz e um juiz de apelação e um conselheiro familiar. Para evitar que os agricultores levem suas rixas à Subprefeitura e [...] ²², criou-se um juiz de apelação: é o vigário e um juiz de paz é um agricultor de boas relações com todos e o conselho de agricultores com duas esposas para destrinchar casos complicados. O padre e o subprefeito estão combinados e de comum acordo firmado de que uma questão que para surgir seja ventilada na paróquia e só depois não havendo mais refúgio seja encaminhada aos poderes públicos. Está dando resultado diversos casos de questões entre as famílias levadas ao subprefeito foram devolvidas por esta autoridade ao vigário e foram ventiladas a contento de ambos anteriores. Evitaram-se assim diversas casas que teriam provocado dissensões e grandes inimizades entre as famílias. Até famílias não católicas apelaram e atendidos e resolvidos seus casos (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT’ANA, 1962, p.59/B).

Ao ser mediador de conflitos nas comunidades, o pároco acabava por conquistar a confiança dos paroquianos. Através da trajetória de Padre Reinaldo é possível acessar as racionalidades das comunidades e da população que este atendia.

Sobre o caráter caritário de sua atuação, vale lembrar a prática de cultivar nos jardins das paróquias, a “Horta da Vitória”, costume iniciado em Piratini e mantido na Vila Maciel. Em vez de cultivar flores nos jardins, plantava hortaliças para provimento daqueles que careciam de alimentação.

O depoimento do senhor João Carlos de Souza Pinto, filho do senhor Otílio (citado acima), é esclarecedor a esse respeito:

Ele trabalhava. Ele tinha tipo uma horta no fundo da igreja, que ele cultivava. Os colonos vinham lá. Ele comprou um arado e tinha o cavalo. Plantavam junto com ele na terrinha que tinha no fundo da igreja. Mas ele ficava só com o que precisava. Ele dividia tudo com o pessoal mais necessitado da volta. Ele era muito humano. Os pobres chamavam ele de pai (João Carlos de Souza Pinto, 2015).

²² Ilegível

O depoimento do senhor João Carlos não somente evidencia a prática caritativa por parte do padre, como mostra também que ele estimulava a comunidade, por meio do trabalho de alguns colonos, a participarem de forma cooperativa desta caridade. Ou seja, não se preocupava apenas com o resultado da caridade (o fornecer alimento aos mais pobres), mas também em educar para a prática da caridade.

Podemos presumir que as comunidades sentiam-se protegidas pelo padre. A noção de paternidade (“Os pobres chamavam ele de pai”), mencionada pelo senhor João Carlos, devia resultar deste tipo de sentimento, um sentimento de proteção. Além disso, é possível destacar que as realizações sociais do pároco podem agregar a chegada do “progresso” às comunidades envolvidas. Distantes dos centros urbanos, estas comunidades tinham dificuldades para receber melhorias de infraestrutura e saúde, de modo que algumas iniciativas do padre proporcionavam melhorias que estes poderiam interpretar como “progresso”.

Portanto podemos afirmar que as iniciativas de padre Reinaldo cooperam para o fortalecimento dos grupos étnicos e suas identidades. Visto que estas comunidades em que atuava, em boa parte ainda se compunham à época de grupos que, dada a origem étnica dos povoadores das colônias fundadas no final do século XIX e início do século XX, mantinham uma identidade étnica diferenciada, devido a sua origem como “italianos”, “franceses” ou “alemães”.

As melhorias trazidas pelas iniciativas do padre Reinaldo fomentavam a melhoria da autoestima destas comunidades, proporcionando assim um reforço de seu sentimento de pertença ao local, paralelamente ao fortalecimento desses grupos étnicos, aspecto que deve ter contribuído para o forte enraizamento do prestígio partilhado nestas comunidades com relação a padre Reinaldo²³.

2.4- Um padre “assistente social”.

A região da Serra dos Tapes, onde está localizada a paróquia de Sant’Ana, é ainda hoje conhecida pela agricultura familiar, de modo que os suprimentos das

²³ Sobre o conceito de reforço de identidade étnica, Fredrik Barth (1998, p.220) define: “[...] podem escolher o realce da identidade étnica para o realce da identidade étnica utilizando-a para desenvolver novas posições e padrões, para organizar atividades naqueles setores que antigamente não eram encontrados em sua sociedade, ou não eram adequadamente desenvolvidos para os novos objetivos”.

famílias vinham justamente da terra cultivada. Nas décadas de 50 a 70, não havia garantia de direito algum aos colonos, como por exemplo, aposentadoria ou assistência médica de qualidade. Esses direitos só foram adquiridos mais tarde, junto ao Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPS), hoje Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), mesmo sem que os trabalhadores rurais tenham contribuição previdenciária.

Diante deste dilema, padre Reinaldo buscou alguns meios para minimizar aos moradores da paróquia a falta de assistência médica e ao mesmo tempo garantir-lhes um melhor cultivo das lavouras para manter assim a rentabilidade familiar.

Uma das alternativas foi instalar na paróquia a Frente Agrária Gaúcha. Este movimento foi criado pela Igreja Católica, juntamente a Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul (Farsul) no início da década de 60, encabeçado por Dom Vicente Scherer, com uma visão politicamente conservadora, advinda da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que propunha garantir escolas agrícolas e todo auxílio necessário para o plantio.

Segundo o antropólogo Paulo Bassani, sobre o movimento:

A FAG surge, justamente, como reação a esse tipo de movimento, para combater o comunismo. Enquanto os grupos de orientação de esquerda pregavam a luta de classes, a FAG pregava a harmonia entre patrão e empregado. Pregavam que as diferenças sempre existiram e sempre iriam existir (BASSANI, 2009, p. 18).

Esta visão conservadora de combate ao comunismo pela Igreja Católica vem de uma orientação do papa Pio XII (1939-1958), para que a população rural não fosse influenciada pelo ideário igualitarista pregado pelo comunismo, assim como ocorrera na Europa com a população operária no século XIX.

Percebe-se que essa preocupação era algo presente a padre Reinaldo, ao afirmar que “agitadores ou comunistas não os há pelo menos na Sede ou na Colônia Maciel”, apesar de que nas “capelas há alguns descrentes” (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT’ANA, 1962, p.57/B). É perceptível nessa afirmação do pároco que ele estabelece um paralelismo entre ser adepto ao comunismo e não ser adepto às práticas cristãs. Para definirmos os ideais da FAG, a historiadora Alessandra Gasparotto afirma:

Neste sentido, a FAG é apresentada enquanto uma entidade que reforçava os valores da união, da democracia e dos direitos individuais – entendidos, sobretudo, enquanto direito de propriedade - em contraposição a outros movimentos considerados como instrumentos

para o acirramento entre as classes de proprietários e não proprietários, que estaria inserido em uma campanha maior que se espalhava pelo país, marcada pela demagogia e pela agitação (GASPAROTTO, 2016, p.188).

No que se refere à Frente Agrária Gaúcha, no *Livro Tombo* relata-se que foi fundada na Diocese de Pelotas em janeiro de 1962, tendo sido instalado um núcleo para a paróquia Sant´Ana, em 18 de fevereiro de 1962, ocasião em que o então padre Jayme Chemello teria elencado seus benefícios aos agricultores. Já na primeira reunião, houve a eleição da diretoria do núcleo: Leopoldo Dütgen, Rogério Casarin, Antônio Pegoraro e Osmar Tuchtenhagen. Em pouco tempo, surgiram os demais núcleos na paróquia, no Rincão da Cruz, Vila Nova, Santa Eulália, Morro Redondo e Colorado (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT´ANA, 1964, p.58).

Padre Reinaldo menciona ainda no *Livro Tombo* que em cada núcleo havia diversas reuniões sindicais e que havia muitos agricultores que pagavam a caderneta, que seria responsável pelo fomento à assistência social e pelo direito a 365 leitões/dia na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT´ANA, 1964, p.58).

A FAG tinha entre suas missões, para alcançarem seus objetivos políticos, contribuir para melhorias técnicas, como a gestão do solo e feitura de adubo, por exemplo ensinando técnicas de compostagem. Padre Reinaldo registra este assunto:

‘Se não matarmos a formiga, a formiga nos mata’. Se não combatermos a erosão, a erosão nos destruirá as terras’. A formiga só come e leva as plantas, mas a erosão leva a nata das terras. Muito se insistiu e até nos terrenos da Igreja contém este grande mal. [...] No Rincão da Cruz se nota que o colono aproveita as sábias lições que dá a Frente Agrária, trabalham com curva de nível, marachas, etc. Aqui na colônia houve a demonstração prática de como se fabrica o famoso adubo vegetal que é o ‘composto’. Todos acharam bom e prometeram fazer em cada roça ou no terreno da casa e já estão surgindo os montículos (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT´ANA, 1964, p.58/B).

Podemos presumir que a FAG representava uma sindicalização ruralista, empenhada principalmente na reforma agrária e nos demais direitos do trabalhador rural. Pode-se afirmar então que padre Reinaldo, apropriando-se a seu modo da linha política que norteava o setor hegemônico da Igreja de então, tinha como norte movimentar-se em prol do bem estar das comunidades. Esta característica é acentuada na biografia escrita por seu amigo,

padre Johannes: “*Nutria predileção toda especial pelos pobres necessitados*” (JOHANNES, 1994, p. 81).

Padre Reinaldo ainda é mencionado na obra de padre Johannes como idealizador da Sociedade Rural de Assistência Médica (JOHANNES, 1994, p. 83), criada em março de 1961, e que funcionava na casa canônica. A sociedade tinha por objetivo que seus associados não tivessem que se deslocar até as cidades de Pelotas ou Canguçu para consultas médicas. Padre Reinaldo também menciona esta sociedade, sem porém se colocar como responsável pela iniciativa:

Sociedade de assistência médica. Foi fundada com 68 sócios contribuintes. Dr. Saul Katz foi o médico indicado e vem uma vez por semana. Funciona o consultório e hospitalar na Canônica casa provisoriamente. A alma do movimento foi o nosso esforçado professor [Augusto]?²⁴ Martins. Temo funcionar um consultório para dentista que vem em companhia do médico (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT’ANA, 1961, p.44/B).

Diferentemente do que registrou padre Johannes, o próprio padre Reinaldo não chamou para si a total responsabilidade pela criação da Associação de Assistência Médica, atribuindo-a outrossim ao professor Martins. Esta associação, no entanto, não teria atuado por mais de um ano, pois, em “*outubro, infelizmente terminou-se a Sociedade Médica na Paróquia por falta de compreensão dos paroquianos*” (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT’ANA, 1962, p.45/B). Para Johannes (1994, p.83), no entanto, a incompreensão mencionada por padre Reinaldo se decorreria, na verdade, da menor necessidade, em virtude da “*facilidade cada vez maior de transporte para Pelotas*”, de sorte que “*a transferência de muitas famílias para a cidade [no movimento de êxodo rural] e o atraso no pagamento das contribuições mensais, dificultaram, com o correr do tempo, o bom funcionamento da entidade*” (JOHANNES, 1994, p.83).

As atividades de padre Reinaldo, marcadas pelo cunho social – e, portanto, caráter assistencialista – iam ao encontro da orientação política dos setores católicos que, no país, estavam empenhados em barrar a suposta “*ameaça comunista*”. Estes setores conservadores, que no estado tinham a liderança de Dom Vicente Scherer, haviam escolhido a Frente Agrária Gaúcha como estratégia para conter o avanço do comunismo no campesinato. A assistência e subsequente melhoria de condições de vida rurais eram

²⁴ Provavelmente.

a estratégia principal, para enfraquecer o discurso que avançava em outros setores católicos, influenciadas também pelas novas ideias do Concílio Vaticano Segundo (1962-1965), e que pouco adiante tomou corpo com a constituição, na América Latina, do movimento católico identificado a partir de 1971 como Teologia da Libertação²⁵, e com a disseminação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), que pregavam uma ação política dos grupos desfavorecidos. Vemos como este aspecto da personalidade de padre Reinaldo, que marcou sua atuação tanto em Piratini como em Pelotas, na primeira metade da década de 1960, entrou em consonância com o discurso político dos tempos da Guerra Fria, de oposição ao suposto “avanço do comunismo”. A população, porém, não fixa na memória este viés político, mas sim o perfil caritário de um padre “assistente social”.

2.5 – Padre Reinaldo e as Vocações.

Padre Reinaldo ao que aparenta por entre as fontes, muito empenhava-se em enviar novos padres ou freiras para fazer do sacerdócio sua vida. Ao que tudo indica ele conseguiu enviar apenas um rapaz ao seminário, era o padre Zomar Garcia de Piratini. Algo que não se pode constatar pelos Livros *Tombo* paroquiais, apenas pelo livro “O Vigário da Campanha” de padre Johannes.

Durante sua permanência em Piratini, o padre não teria se empenhado muito em conquistar jovens para o sacerdócio, para se tornarem novos padres ou freiras. No entanto, apesar de não haver registro a esse respeito no *Livro Tombo*, Johannes (1994, p. 87) informa que o padre Zomar Garcia de Piratini foi estimulado por padre Reinaldo ao sacerdócio. Mas diferentemente de Piratini, na Vila Maciel padre Reinaldo apresenta um anseio maior em contribuir de outras formas para com as vocações, inclusive financeiramente.

Logo após sua chegada à paróquia, conforme registro ao *Livro Tombo* do dia 24 de novembro de 1958, ocorreu na sede a comemoração ao Jubileu Sacerdotal de Ouro de Monsenhor Jacob Lorenzet, anterior pároco da região.

Na ocasião registra a criação de uma bolsa de estudos para o Seminário de Pelotas:

²⁵ Em 1971 o teólogo peruano, Gustavo Gutiérrez Merino dominicano publicou a obra *Teologia da Libertação*, que dá nome à corrente, um ano após a publicação de *Teologia da Revolução*, pelo teólogo belga José Comblin, e um ano antes de Leonardo Boff publicar *Jesus Cristo Libertador*.

Para perpetuar o Nome de Monsenhor Jacó e sua data jubilar fundou-se uma Bolsa de Estudos Monsenhor Jacob Lorenzetti. [...] A bolsa de estudos foi doada por 100 padrinhos e madrinhas cujos nomes se encontram no Livro de Ouro. Esta bolsa foi entregue ao senhor Bispo Dom Antônio que muito agradeceu ao povo da colônia Maciel e deu o parecer de que este trabalho das bolsas fosse organizado em todas as paróquias (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1958, p.43/B).

Verificamos que esta atitude de padre Reinaldo no incentivo às vocações contribuiu para Dom Antônio Zattera reformular sua visão sobre o seu trabalho sacerdotal, estimando como positiva esta postura e lançando-a como exemplar para as demais paróquias.

Como vimos anteriormente, padre Reinaldo mantinha a Liga de Santa Terezinha para que ininterruptamente houvesse a oração para intercessão pelas vocações na paróquia e recolhimento de mantimentos ao seminário em Pelotas. Segundo registro feito por padre Reinaldo, os colonos nunca deixaram de enviar mantimentos ao Seminário, como vemos no relato abaixo, referente ao ano de 1962:

“Nas novenas do Divino Espírito Santo as bandeiras percorreram a Paróquia e as capelanias, angariando donativos no valor de 10.000 cruzeiros que foi entregue ao Seminário. Em gêneros alimentícios conseguiram-se 35 sacos de batata inglesa, feijões e alguns sacos de batata doce (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1962, p.46/B).

Portanto, podemos deduzir que Dom Antônio Zattera avaliava positivamente o paroquiado de padre Reinaldo na Vila Maciel, em razão de manter com bom número de fiéis assíduos na paróquia e nas comunidades, de garantir bom estado de conservação da igreja e capelas, e por assegurar apoio, vindo das comunidades, às instituições amparadas pela Diocese de Pelotas.

Logo, padre Reinaldo tinha então se tornado um “pároco completo”, não sendo mais alvo das repreensões do bispo, já que a incidência de visitas pastorais declinou significativamente quando comparado ao seu paroquiato precedente em Piratini.

2.6 - A Memória de padre Reinaldo na vila Maciel após sua morte

Assim como em Piratini, na Vila Maciel também existem algumas iniciativas voltadas a manter viva a memória do pároco. Dentre elas estão as manifestações em torno do túmulo, que serão mais bem tratadas no capítulo seguinte.

Exemplo deste culto à sua memória são a colocação de uma placa em sua homenagem na passagem do 15º ano de seu falecimento na sede da Paróquia Sant'Ana (fig. 9) e a presença de um retrato em tela (fig. 10) exposto no salão do Restaurante Gruppelli (antiga Colônia Municipal, 7º distrito).

Novamente é possível perceber a iniciativa de agradecimento aos atos de padre Reinaldo na comunidade após seu falecimento. Tais ações acabam por fortalecer uma história reproduzida a cada geração, história esta que se torna oficial para a população local.

A memória é “guardada” em diferentes suportes, e há os lugares de memória (NORA, 1993), as fotos, a materialidade gerada pelos cultos religiosos, bem como a que é suscitada pelas narrativas.



Figura 9: Placa em bronze em homenagem ao 15º ano de falecimento de padre Reinaldo Wiest na Paróquia de Sant'Ana - Colônia Maciel. Fotografia: Ticiane Pinto Garcia (2016).



Figura 10: Retrato de padre Reinaldo. Pintura a óleo sobre tela, localizada no salão do Restaurante Gruppelli – Colônia Municipal – 7º Distrito. Fotografia. Fábio Vergara Cerqueira (2017).

Atualmente na Vila Maciel funciona a rádio comunitária que tem por nome padre Reinaldo FM (fig.11). A rádio auxilia de diversas formas a população rural no seu dia a dia principalmente com informação sobre as redondezas, assim como padre Reinaldo costumava fazer.

Em 2003, é noticiado no “Diário Popular” o nascimento de uma rádio comunitária na colônia Maciel em Pelotas, rádio idealizada pelo atual pároco da Paróquia Sant’ Ana Armindo Luis Capone, com o objetivo de interligar os moradores de todas as colônias da região de Pelotas, além dos municípios de Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo e São Lourenço do Sul. A rádio tem por missão repassar a notícia no momento que acontece para a população.

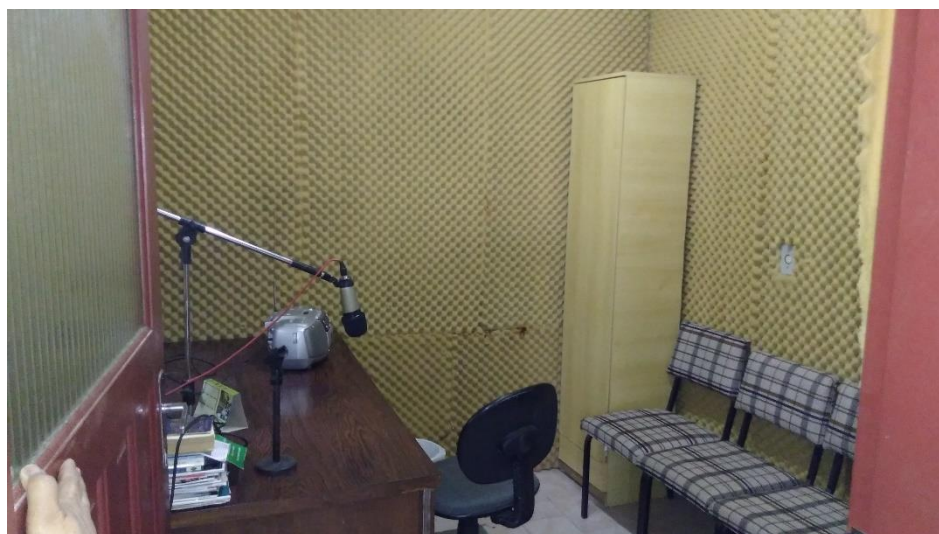


Figura 11: Estúdio da Rádio Comunitária Padre Reinaldo/FM Paróquia de Sant’Ana - Colônia
Maciel Acervo pessoal Ticiane Pinto Garcia - 2016.

A rádio tem por objetivo ser uma forma de homenagear padre Reinaldo, já que as notícias são trazidas pelos próprios moradores da região por telefone e este era conhecido como um grande comunicador e mediador dos paroquianos. Assim, de certo modo, por meio de seu nome, a rádio reforça o ideário social de sua figura presente na memória da população, aspecto que pode ser percebido na exposição de seus objetivos no jornal local:

Unir as comunidades do interior, em torno dos temas que atingem a todos e garantir maior poder de mobilização da população. Estes são os principais objetivos da Padre Reinaldo FM. Assim além de veicular uma programação voltada para as comunidades rurais a rádio dedica-se a promover cursos e ações que contribuam para o desenvolvimento e qualidade de vida da população (DIÁRIO POPULAR, 30/03/2003 p.3).

Tais ações demonstram a figura do padre Reinaldo como representativo, como símbolo da memória de uma liderança social. Percebe-se como, para a população, seu papel não se limita à função de agente eclesiástico. Também é lembrado como um líder engajado nas lutas sociais de reconhecimento a importância dos colonos e a tolerância na sociedade.

Segundo Hall (2003), as identidades tornam-se uma questão a ser tratada por grupos quando há uma ameaça de “crise”, provavelmente o esquecimento. Ou talvez por já haver uma “tradição” em presentificar o passado nessas localidades rurais por conta dos diversos projetos de pesquisa e extensão exercidos pela UFPEL na região ao longo dos últimos 15 anos.

Sentimentos provavelmente encetados pelas ações da musealização de itens que contam a história das localidades e de seus habitantes pelo conjunto dos quatro museus étnicos da região. São eles o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, o Museu Grupelli, o Museu da Colônia Francesa e o Museu Municipal de Morro Redondo. Assim os colonos têm sua memória reformulada a cada dia, diante do poder simbólico atribuído ao nome da rádio relacionado com o padre reconhecido como líder comunitário.

Neste capítulo, ao tratarmos da atuação de padre Reinaldo na região rural de Pelotas, podemos analisar que este pode ter passado por um processo de adequação ao ritmo de Dom Antônio Zattera na Diocese de Pelotas.

Além disso, é necessário repensar a paróquia Sant´Ana em suas condições, na época em que padre Reinaldo atuou na localidade. Os desafios na paróquia eram consideravelmente menores, já que o templo da sede estava em plenas condições de uso e havia pelo menos mais quatro paróquias em funcionamento na região. As distâncias a serem percorridas entre as comunidades eram bem menores do que a extensa região rural do município de Piratini.

Mesmo que padre Reinaldo mantivesse o atendimento aos necessitados da paróquia com ações como o plantio da Horta Vitória, o seu número era mais reduzido que em Piratini.

Quanto às ações de assistência aos trabalhadores rurais, destacaram-se as de incentivo ao melhor cultivo da terra com auxílio da Frente Agrária Gaúcha. Essas ações iam ao encontro do pensamento cristão católico conservador da época, no período anterior e durante a ditadura civil militar brasileira.

Os colonos necessitavam também de auxílios médico-previdenciários, que não eram fornecidos de maneira gratuita àqueles que não contribuíssem ao INPS. Assim, sempre engajado na luta por esses direitos, foi um dos criadores da Sociedade Rural de Assistência Médica e responsável pela aquisição de leitos na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Além dessas iniciativas de cunho social, é possível verificar, no próprio comportamento de padre Reinaldo, como explícito nas fontes, que este era bastante

próximo de seus paroquianos a ponto desses o tratarem como um igual, por vezes de forma similar como tratariam um familiar. As associações religiosas e devoções estimuladas pelo pároco tinham o papel de criar identificação entre os fieis, fortalecendo os vínculos neste determinado território ou espaço.

Vemos, entre os moradores da região, um sentimento de preservação da memória do pároco como demonstração de respeito à sua figura. Há também que se considerar, de maneira indireta, o cultivo à memória de padre Reinaldo acaba tornando-se um incentivo a fortalecer uma identidade local – de certo modo, a memória do padre passa a integrar esta identidade e a delinear sua forma.

A trajetória de padre Reinaldo nos permite olhar por dentro das comunidades onde ele trabalhou. Permitindo compreender certas racionalidades, e o que esperavam de um sacerdote.

CAPÍTULO III

A Devoção ao padre Reinaldo Wiest nas cidades de Pelotas e Piratini

A cada dia no Brasil surgem novas formas de crer e professar a fé. No catolicismo também não é diferente, o sagrado se transforma, se refaz e desfaz diante das necessidades cotidianas de crer. Para Mircea Eliade (1992), o viver no sagrado é uma busca pela vivência próxima de seu criador, uma iniciativa ininterrupta de viver como era *in princípio*, no instante mítico da criação.

Conforme Vauchez (1987), a noção de santidade se faz presente na maioria das religiões, caracterizando tanto uma ruptura com aspectos da categoria humana, como a probabilidade de se constituir uma relação específica com o sagrado. Em 375 d. C. a Igreja Católica criou o dogma da canonização. O processo visa a constatar se o candidato possui uma “virtude verdadeiramente heroica” (LUCAS, 1969, p. 418).

O catolicismo tem três atos de reverência: a adoração, que é dada somente a Deus (“Ao Senhor, teu Deus, adorarás”); a hiperdulia, reverência especial dada a Maria, por ser a mãe do Salvador; e a dulia (proveniente do grego, este termo significaria honrar), que é a veneração prestada a todos os santos e também aos anjos (CATHOLIC ENCYCOPLEDIA, 2012).

A *Catholic Encyclopedlia* é utilizada como obra de referência ao longo desse capítulo, já que através dela podemos identificar as bases doutrinárias do catolicismo moderno. Nela se pode percorrer seus métodos de aplicação da doutrina, bem como suas transformações diante do tempo.

Nos primórdios do cristianismo, o termo “santo” era usado de forma geral para se referir aos cristãos. Para se verificar isso basta uma breve análise nas saudações das epístolas (1 *Coríntios* 1,2 e *Efésios* 1,1). Com o passar do tempo, esse termo passou a designar as pessoas na comunidade cristã dignas de nota por alguma virtude ou valor particular. A dificuldade surge, como coloca Bárbara Lucas (1969), porque “com o tempo, grande número de lendas (...) começou a envolver alguns dos santos”, como resultado disso, “a Igreja decidiu que no futuro só se deveriam aceitar como santas as pessoas que fossem formalmente declaradas como tais pelo Papa²⁶. Dá-se a isso o nome de Canonização”.

²⁶ “Papa” era, no grego clássico (Pappas), o tratamento infantil dado ao pai. Nos primeiros séculos do Cristianismo assim se tratavam as pessoas de reconhecida espiritualidade (bispos, abades...). No séc. IV, o Bispo de Roma já era tratado por “Papa Urbis” (Papa da Cidade de Roma). No séc. VI, o nome de Papa reservou-se ao Bispo de Roma” (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR).

Segundo as diretrizes mencionadas pela Congregação das Causas dos Santos (2005), o caminho a ser percorrido pelo candidato a Santo pode durar muitas décadas, sendo avaliado pela referida congregação na Santa Sé; além disso, há uma escala de categorias a serem percorridas por eles. Dentre essas categorias estão a de Servo de Deus, Venerável, Beato e por fim Santo. Tais estatutos, ao colocarem grandes dificuldades, acabam servindo também como um mecanismo para barrar o culto a “santos” oriundos da fé de origem popular.

Os santos da Igreja Católica são um exemplo dessas iniciativas em favor dessa aproximação com o sagrado, já que de maneira simplificada são os intercessores das causas dos fiéis junto de Deus (ANDRADE, 2010, p. 134). Torna-se então prática comum a homenagem aos santos com ícones, pinturas, estátuas, sendo que no catolicismo, da mesma forma que é impossível imaginar o cristianismo sem pecadores, também é impossível vivê-lo sem referência aos santos (WOODWARD, 1992).

No Brasil o culto aos santos católicos foi inserido a partir da colonização portuguesa. Logo no início da colonização, o catolicismo foi incorporado à cultura local com a vinda de padres jesuítas no intuito de evangelizar os povos já aqui estabelecidos. Esse movimento de aculturação forçada, implantada pelos portugueses, deu-se também na região do pampa, hoje Rio Grande do Sul. Segundo a afirmativa de Carlos Alberto Steil (2004) o catolicismo no Rio Grande do Sul se confunde com a história social e política do estado, já que as mudanças no processo de formação da província tramitam de acordo com as que ocorrem na esfera do catolicismo (STEIL, 2004, p. 9).

Nessa perspectiva de reinvenção das maneiras de crer surgem no imaginário popular diferentes vertentes de como trazer o sagrado ao cotidiano, onde as múltiplas formas de devoção e práticas permitidas não foram suficientes para suprir as necessidades espirituais da população. É neste contexto que surgem as devoções constituídas fora do eixo do direito canônico, contexto em que indivíduos tidos popularmente como “santos” não se adequam às normativas estabelecidas para o reconhecimento de sua santidade e tampouco as formas de culto que lhes são dedicadas são aceitas pelas autoridades eclesiásticas.

No país podemos salientar diversos exemplos desta forma de culto de “santo” não aceito oficialmente pela Igreja católica. Alguns destes foram já abordados pela historiografia, outros ainda não. Citemos, entre estes: o Menino da Tábua (ANDRADE,

1994)²⁷; padre Cícero²⁸, estudado por diversos autores, incluindo além de historiadores, antropólogos e sociólogos; Beata Maria de Araújo (NOBRE,2014)²⁹; Santinha de Curitiba (JURKEVICS, 2004)³⁰, etc.

Souza Barros (1977) atribui a existência das devoções populares à conjuntura socioeconômica das populações e à precariedade dos serviços públicos básicos. Felix Coluccio (1994), ao abordar este tipo de religiosidade em território argentino, aborda que esta devoção possui duas categorias de santos não canônicos, os “iluminados” e as “vítimas de morte violenta ou injusta”. Os “Iluminados” são aqueles que durante sua vida se dedicaram à caridade, foram considerados virtuosos e chegaram a provocar acontecimentos extraordinários, e, após sua morte, teriam auxiliado na resolução de problemas de natureza variada. Já os elencados na categoria de vítimas de morte violenta ou injusta é o grupo constituído por “anjos”, isto é, crianças que morreram ainda na primeira infância, vítimas de abandono ou de outras formas de desatendimento. Um outro grupo é constituído de vítimas inocentes, adolescentes e adultos espancados, estuprados

²⁷ Antônio Marcelino, conhecido como “Menino da Tábua”, nasceu no ano de 1900, na cidade de Maracá no estado de São Paulo. O menino nasce com uma paralisia que fez com que o corpo dele não se desenvolvesse. Ele não andava, não falava e vivia em cima de uma tábua, por isso o nome. O jovem morreu em 1945 e, desde então, o cemitério onde ele está enterrado recebe romeiros de todo o Brasil. O “Menino da tábua” não é reconhecido pela igreja, mas muita gente acredita que ele faz milagres (ANDRADE 1994).

²⁸ Padre Cícero Romão Batista nasceu na cidade de Crato no Ceará em 1844 e em 1872 passou a atuar na cidade de Juazeiro. O primeiro milagre considerado de sua autoria foi registrado em 1889, quando a hóstia consagrada, ao ser dada por ele à Beata Maria de Araújo, teria se transformado em sangue. Uma comissão foi então constituída pela Santa Sé, que conferiu novamente o sacramento à beata. Como o fato não se repetiu, foi declarado que não havia milagre. A ordenação do padre foi suspensa, mesmo assim, além de diversas tentativas do mesmo em revogar a sentença, o padre não deixou a vida pública. Com a emancipação de Juazeiro, o padre, apoiado pelos crentes no milagre, tornou-se vice prefeito da cidade. Sobre este padre existem centenas de publicações e a devoção a ele é uma das maiores do país, mesmo sem o reconhecimento do Vaticano a sua santidade. Na capela do Socorro em Juazeiro, onde seu corpo está sepultado, há ininterruptamente a visita de romeiros.

²⁹ A Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo mencionada na nota acima, é considerada beata através da devoção popular. Viveu entre os anos de 1862 a 1914 na cidade de Juazeiro, A autora da tese “Incêndios da alma”, Edianne Nobre, defende que esta mulher foi esquecida social e historicamente por conta da conjuntura da sociedade patriarcal. Sendo uma mulher negra e analfabeta, é condenada à reclusão após participar dos acontecimentos do milagre da hóstia de padre Cícero. Em 1931, seu túmulo, que ficava na Igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro em Juazeiro, foi violado e seus restos mortais foram saqueados e nunca mais encontrados (NOBRE, 2014).

³⁰ Maria Bueno, conhecida como Santinha de Curitiba, nasceu em 1854 e morreu em 1893. Uma mulher considerada parda sempre aparecia nos jornais da cidade como uma mulher que gostava muito de dançar nos bailes, algo que colocava sua conduta à prova, algo que também era utilizado para justificar sua morte brutal. Sua morte é atribuída a um assassinato cometido por Ignácio José Diniz, no centro da cidade. O local de sua morte passa a ser um local de devoção popular; muitas pessoas afirmavam que havia aí a ocorrência de fatos sobrenaturais e recebimento de milagres. Hoje, no Cemitério Municipal de Curitiba, o túmulo da “Santa”, não reconhecida oficialmente, recebe peregrinações de fiéis que creem nos milagres pelas mãos de Maria Bueno (JURKEVICS, 2004).

e assassinados; nesta categoria é elevado o número de mulheres. E por fim surgem pessoas de “vida errada”, bandidos e prostitutas, cujos devotos creem que tiveram oportunidade de arrepender-se e obter perdão dos pecados.

Manteremos padre Reinaldo na primeira categoria, “dos iluminados”, por conta de seus atos de caridade e graças a ele atribuídas em vida e após sua morte. Por sua alta popularidade nas sociedades em que viveu e pelas formas como é tratado, como exemplo a ser seguido por seus ex-paroquianos.

Cronologicamente, este capítulo iniciará tratando da morte deste padre, em razão dos desdobramentos que este fato gera nas populações estudadas, em Piratini e na colônia em Pelotas. Abordaremos aqui neste espaço os desentendimentos que este acontecimento gera entre estas comunidades, num contexto de “colapso do social” e de crises identitárias. Serão tratadas aqui também as associações feitas a padre Reinaldo por virtude de graças e milagres alcançados, e como esses acontecimentos provocaram mobilização em esfera local para a proposição de um processo que tinha como propósito final elevá-lo a santo.

Ainda neste capítulo serão analisadas as manifestações de fé amplamente vislumbradas ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Pretende-se assim discutir a confiança nos poderes intercessórios de padre Reinaldo por parte dos membros dessas comunidades.

Acha-se por bem colocar esta devoção como prática de uma religiosidade popular e assim será feita uma discussão também sobre este conceito e essa esfera de culto. Pretende-se vislumbrar os rituais que indicam uma profissão de fé na figura do “santo”, rituais estes muitas vezes distantes de uma esfera institucional do catolicismo. Neste sentido, será feita a análise da prática do ex-voto, material estudado nesta pesquisa.

Como ponto final deste capítulo, trataremos da transferência de parte dos restos mortais de padre Reinaldo a Piratini, bem como da constituição de uma sala de relíquias dentro da Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Piratini, para abrigar sua urna funerária. Neste lugar, os fiéis, na intercessão do falecido sacerdote junto a Deus, prestam culto e agradecem por graças alcançadas.

Ainda utilizando os conceitos delineados por Mircea Eliade, diante da mescla entre sagrado e profano, ampliaremos a questão do deslocamento, da prestação de culto dentro das igrejas, com os “santos não institucionais”, para o cemitério, e como que este se transforma em um lugar sagrado aos olhos dos fiéis para suas práticas religiosas.

E mesmo que o lugar transformado em “altar”, para padre Reinaldo, em Piratini, esteja entre as paredes da paróquia local, intensificaremos a discussão da constituição de um *lugar de memória* (NORA,1993), diante de um lugar onde há o culto ao “Santo” popular.

3.1 - A morte de padre Reinaldo

Padre Reinaldo, tendo ido ministrar a missa em Morro Redondo, na Comunidade Nosso Senhor do Bonfim, em 26 de janeiro de 1967, sentiu-se mal. Na manhã de 27 de janeiro, foi encaminhado ao hospital de Canguçu, sendo diagnosticado que sofrera um Acidente Vascular Cerebral, falecendo às 13 horas.

Segundo registro no livro Tombo da Paróquia Sant’Ana, foi assistido por padre Zomar Garcia, padre este que ele enviara ao Seminário e outras duas freiras. Pediu para confessar-se e recebeu o sacramento dos enfermos. “Rezou até o último minuto, entregando sua morte a Deus, conservando estado de lucidez” (JOHANNES, 1994, p. 87).

Após a morte de padre Reinaldo, Piratini e Colônia Maciel travaram uma rápida disputa pelo corpo do vigário querido. Padre Reinaldo, ao que tudo indica, pediu em vida para ser enterrado em Piratini, onde atuou por mais tempo e ajudou a reconstruir a igreja incendiada, mas a comunidade da Maciel reclamou seus restos mortais.

A única referência de que o pároco tenha pedido para ser enterrado em Piratini está no livro *O Vigário da Campanha*. Porém, na falta do bispo, coube ao bispo auxiliar, Dom Ângelo Mugnol, sentenciar: “é costume sepultar o padre em sua última paróquia. Nada obsta, no entanto, que mais tarde seus restos mortais sejam trasladados para outro lugar, neste caso Piratini” (JOHANNES, 1994, p.88).

Pode-se perceber este desejo na obra de Iracema Ferreira Dutra, quando menciona a última visita de seu Nenê, um de seus auxiliares quando pároco de Piratini.

Nenê Figueiredo, seu organista, amigo e companheiro das cavalgadas em Piratini, costumava visitá-lo, todos os anos, acompanhado da esposa Júlia e filhos. Na visita de 1967, na hora da despedida, como se pressentisse o seu fim, falou:

- Nenê, quando eu morrer, leva meus ossos para Piratini (DUTRA, 2008, p.51).

A seguir acha-se por bem transcrever o episódio da disputa, descrito no Livro Tombo Paroquial da Igreja de Sant’Ana.

DIA 30/01/1967: Enterro do falecido Padre Reinaldo

A Santa Missa, de Corpo Presente, foi celebrada às 16 horas da tarde, por Dom Ângelo Mugnol, Bispo Auxiliar da Diocese de Pelotas. A missa foi celebrada na frente da Igreja Matriz, devido ao comparecimento de muita gente aos funerais. Falou enaltecendo as virtudes do virtuoso Pároco, o Reverendíssimo Pe. Jayme Chemello, DD. Reitor do Seminário Diocesano e Dom Ângelo Mugnol na Santa Missa, proferiu comovente oração dizendo da felicidade e graça de uma Paróquia ter possuído tão zeloso e virtuoso Pároco. Dom Antônio, na ocasião, estava de viagem. Não pode estar presente. Diversas caravanas de longínquas paróquias se fizeram presente aos funerais. A maior parte do Clero da Diocese, também pode estar presente.

Ocorreu, outrossim, o seguinte episódio: A Paróquia de Piratini, onde o Pe. Reinaldo, fora vigário durante 23 anos, reclamaram o corpo do falecido, alegando que em vida, manifestara desejo de ser sepultado em Piratini. A sociedade da Paróquia da Colônia Maciel também alegaram que o falecido manifestara desejo de receber a sepultura no Semitério (sic.) da Colônia Maciel. Durante a noite de 29-01-67 a Comissão da Paróquia da C. Maciel vieram para Pelotas. Chegaram ao Seminário para pedir ao Reverendíssimo Reitor Pe. Jayme, que intercedesse junto a Dom Ângelo para não deixar levar o falecido para Piratini. A caravana de Piratini percebendo-se também pela madrugada chegaram a Pelotas e procuraram Dom Ângelo para que permitisse levar o corpo do falecido para Piratini.

Dom Ângelo, combinou que por enquanto ficaria sepultado na Colônia Maciel. Entre os da comissão de Piratini (Sr. Prefeito e Vereadores) e os da comissão da Colônia Maciel houve uma leve discussão sobre a quem caberia mais direito de dar sepultura ao falecido Vigário. A decisão coube a Dom Ângelo. Para qualquer efeito, os antigos Paroquianos do Pe. Reinaldo, fizeram um gesto muito belo para com o Pe. Reinaldo.

Digno de nota aqui é também o comparecimento dos de confissões protestantes. Vieram de todos os recantos da paróquia, talvez 40% do povo que compareceram aos funerais, era de outras confissões. Isto vem mostrar o conceito elevado de que gozava o Pe. Reinaldo. Queria a todos em Cristo (LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANT'ANA, 1967, s/p).

Pode-se então pensar que neste momento em que o padre morre há uma necessidade de manter vivas estas memórias e principalmente criar uma forma de materializar essa memória, que agora poderia estar em perigo. Segundo Michael Pollak (1989) a memória de um grupo “...fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLAK, 1989, p.3).

Ainda sobre os ritos funerários de padre Reinaldo, podemos utilizar o trecho da entrevista com a depoente Sra. Leda Regina Santana Lopes, filha do presidente da comunidade Sagrado Coração de Jesus à época, que na data da morte do padre, em 1967,

estava na faixa etária dos dez anos de idade, mas consegue reportar parte dos acontecimentos.

No enterro foi muita gente, e nós fomos pra colônia Maciel. Tinham vários padres. Foi uma noite longa e que a gente ficou aquela noite toda até o outro dia. Tinha muita gente de Piratini e vários padres. Queriam levar ele pra lá, mas decidiram colocar ele na Maciel. Quando ele faleceu foi muito sentido (Leda Regina Santana Lopes, 2015).

Ao entrevistarmos o Sr. João Carlos de Souza Pinto, também filho de paroquianos da Comunidade Sagrado Coração de Jesus, podemos perceber algumas flutuações em sua memória quanto ao confronto, referindo-se à população de Dois Irmãos, que também reivindicaria os restos mortais do pároco. João Carlos também era criança neste momento, porém também é possível perceber a comoção da sociedade para com a morte do sacerdote.

Eu não me lembro se foi a mãe que foi no enterro, mas eu me lembro deles contarem que era um chororô e não sei de onde ele era originário, da família dele, queriam levar ele pra enterrar ele lá. E a Maciel se dizia dona e chegaram quase a brigar pra enterrar ele lá. Queriam levar pra enterrar e a Maciel não deixou (João Carlos de Souza Pinto, 2015).

Provavelmente a tentativa de trazer para perto de sua paróquia os restos mortais do pároco traduz-se em uma maneira de sedimentar o passado e valorizar a memória desse indivíduo. Por conta dessa crise do social, que pode ser percebida na frase da senhora Leda (“*Quando ele faleceu foi muito sentido*”), tomamos a decisão de mencionar a morte do pároco somente neste último capítulo.

Mesmo após o seu sepultamento, a disputa pelos restos mortais não acabara. Como podemos verificar na leitura do *Livro Tombo* da Paróquia de Sant’Ana, Dom Ângelo Mugnol mencionou que, naquele momento, o corpo seria enterrado na colônia Maciel, o que indica ser algo para sanar os entraves do momento. Piratini seguiu nas tentativas de possuir um local para lembrar-se do ente querido, até que no ano de 2008 foi transportada parte dos restos mortais do padre para a cidade. Este episódio será melhor narrado no item 3.4.

Além disso, na escrita sobre o ocorrido no *Livro Tombo* evidencia ainda como, no momento da morte do vigário, pode-se perceber a forma como era visto pelas outras

denominações religiosas, dentro da região rural. Um trecho da entrevista com o atual pároco, Armindo Luiz Cappone, corrobora esta afirmação

E era uma pessoa que vou dizer, uma coisa ecumênico, ele era. Ele andava a cavalo e, onde ele passava, ele saudava todo mundo e parava. Seja luterano, seja episcopal, católico, ele sabia muito bem falar o alemão. Então as colônias alemãs aqui gostavam muito dele por causa disso, viu. E foi uma coisa assim benemérita dele (Armindo Luiz Cappone, 2016).

Provavelmente, por ser um padre brasileiro, conseguia então um bom relacionamento com seus fiéis, já que nesta época ainda era comum o Rio Grande do Sul receber padres alemães e italianos. Por outro lado, por falar bem o idioma alemão, consegue obter receptividade entre comunidades descendentes de diferentes etnias instaladas no século XIX na Serra dos Tapes.

Ao longo da pesquisa foi possível perceber que padre Reinaldo, em ambas as comunidades, de Pelotas e Piratini, é visto como líder, como exemplo a ser seguido, e no momento de sua morte há uma tensão e uma necessidade de preencher essa lacuna. Atribuições de santidade aparecem de maneira sutil durante o período em que padre Reinaldo conviveu na Maciel, mas é a partir do momento de sua morte, do choque causado pela perda repentina, que há maior incidência dos possíveis milagres, de uma gratidão, é o momento da criação desse “Santo”.

3.2 – Queremos um Santo!

Após a morte de padre Reinaldo, seu túmulo tornou-se aparentemente o mais visitado no cemitério localizado na Colônia Maciel em Pelotas, isso porque recebe muitas flores e ex-votos. Este cemitério que é organizado e administrado pela Paróquia de Sant’Ana, localiza-se no eixo central da localidade, em terreno à frente da paróquia. O jazigo (fig.12) em forma de capela torna-se o mais robusto e fica na parte central do cemitério, em frete à ermida construída em 1927 para celebrações fúnebres da comunidade.

O mausoléu eclesiástico é ocupado ainda por outros dois padres que atuaram na região. São eles monsenhor Jacob Lorenzet (1880-1961) e padre José Flávio Weizemann

(1939-1990). As visitas ao túmulo se dão principalmente aos domingos, após as celebrações das missas e no dia de Finados. Está sempre florido e com agradecimentos por graças alcançadas (fig. 13) e, na parte de trás, conta sempre com grande quantidade de velas acesas, porém essas manifestações serão melhor tratadas no item 3.3.



Figura 12: Jazigo eclesiástico do cemitério da Paróquia de Sant´Ana (fachada), Colônia Maciel. Acervo pessoal Ticiane Pinto Garcia - 2016.



Figura 13: Jazigo eclesiástico do cemitério da Paróquia de Sant´Ana (interior), Colônia Maciel. Acervo pessoal Ticiane Pinto Garcia - 2016.

Em meados dos anos 80, as duas comunidades que foram coordenadas pelo padre iniciaram moção a favor de um processo em prol de uma possível beatificação. A possibilidade desta dá-se através do recolhimento de relatos de milagres concedidos a esta população por intermédio do pároco.

Percebe-se que as afirmações de santidade do referido padre se dão após a primeira referência sobre nosso pesquisado nas páginas do *Diário Popular*. Não pode se afirmar que o poder encontrado na voz de Barbosa Lessa tenha influenciado a moção pela santificação anos depois, porém, pode ser considerada tal hipótese. Esta publicação se deu em uma coluna semanal veiculada no *Diário Popular* no dia 21 de setembro de 1977, em um conto publicado pelo escritor piratinense. Barbosa Lessa é autor gaúcho, nascido em Piratini em 1929, Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também é chamado de historiador do estado do Rio Grande do Sul.

Juntamente com Paixão Cortes, realizou trabalhos de resgate das danças tradicionais do estado. Publicou bastante nos grandes meios de comunicação da época, como rádio, cinema, jornais e a revista *O Globo*³¹. Em diversas oportunidades também no periódico *Diário Popular*. Na obra *O vigário da Campanha* (1994:45), é feita referência a uma publicação na revista *O Globo*, por este autor, no ano de 1950, tratando-se de uma narrativa de feitos atribuídos a padre Reinaldo em Piratini. Tal afirmativa se dá pelas diversas vezes que é citada diretamente trechos dessa reportagem, porém omitindo as referências relativas a mês e página. Por não termos acesso a este acervo até o momento, não trataremos aqui desta reportagem.

O conto demonstra uma relação próxima entre o autor e o padre, perceptível principalmente pela riqueza em detalhes com que se refere a ele. O conto narra uma espécie de reunião informal entre diversos moradores da cidade de Piratini, para organizar uma petição ao Papa, para tornar padre Reinaldo um santo. Mesmo que seja um texto em gênero literário, fictício, o autor demonstra certa proximidade para com o padre, na transcrição literal abaixo é possível fazer tal análise:

Não sei bem se foi o Seu Bibico ou o Noquinha. Mas sei que a ideia por um deles lançada ganhou corpo. Mesmo aqueles de Piratini que jamais se envolviam com assuntos da Igreja, dessa vez se envolveram. Até o Solon, o Adão, o Homero e o Olivian acharam melhor que se resolvesse

³¹ Periódico ilustrado, editado e publicado pela Livraria O Globo em Porto Alegre- RS, entre 1929 a 1967.

a questão com todo mundo presente. Daí a reunião, num sábado de tarde, à sombra do centenário umbu do sobrado da Dourada.

Saiu na frente o Clayr:

- Por onde vamos começar o movimento?
- Ora eu acho que antes de tudo é necessária uma proposta ao Papa.
- Como?
- A gente escreve uma carta e todo mundo assina.
- E se a carta se extravia até lá?

Saltou Renê:

- Deixem por minha conta, que eu chamo o Negro Donato. Não há chasque que ele não entregue, monta a cavalo e está em Roma. É uma confiança o crioulo!

Mas seu Godo, de mansinho, achou que não bastava o mandaete ativo. Isso de canonização ele nada entendia, mas pelo visto, devia requerer ponchadas de dinheiro. E Piratini embora linda, terra de povo bueno, para tanto era mui pobre.

- Pobre demais para consagrar um Santo - Concluiu.

Foi aí que o Dorvalino entre um e outro sorvo de erva mate, se pôs como advogado do Diabo. Argumentou: talvez o falecido não pudesse resistir ao crivo infernal do Tudo.

Certo. Padre Reinaldo, em vida, cometera tantas faltas! Em vez de enfeitar com rosas em volta a igreja, plantara couve para dar aos pobres. Fora avarento: tinha uma batina só, só, a ponto de, para secar ao sol, ter de ficar nu - pelado, sim senhor! - em plena sacristia. E certa feita em plena Quinta-feira Santa, varado de fome que ele andava, tinha cometido o sacrilégio de churrasquear quase inteira uma paleta, que, herege, um fazendeiro lhe alcançara. Fez-se silêncio profundo. A dúvida inicial se tornara um acachapamento. Até que o Osvaldo, realista, suspirou ponto final ao sonho: - Não vai dar, mesmo, pra gente fazer nada. Mas veio um vento calmo e, com o vento, uma voz doce sussurrou - todos ouviram: "Não se preocupem mais, meus filhos... Acho que desta vez Deus errou, pois não mereço: um dia desses me chamou para prosear e já disse que eu sou santo" (DIÁRIO POPULAR, 21/09/1977, p.12).

Diversos relatos confirmam que algumas dessas práticas acima citadas tenham sido praticadas por padre Reinado, como por exemplo o andar sem batina ou o plantio de hortaliças em vez de flores na frente de suas paróquias. Nas diversas fontes a que temos acesso, padre Reinaldo revela-se como um padre desprendido de regras instituídas pela Igreja Católica. Aprecia bebidas alcólicas e leva seu famoso cigarro de palheiro. Talvez tenha se alimentado de carne vermelha durante uma quinta-feira santa, como descrito no texto. Esse tipo de consumo é visto como pecaminoso, impuro pelos católicos durante o período da Semana Santa, que ocorre antes do domingo de Páscoa.

Na figura abaixo padre Reinaldo é retratado junto a seu cavalo, tomando chimarrão e com cigarro à mão (fig.14). Os hábitos do vigário, semelhantes ao restante da população, são provavelmente os mesmos que o legitimam como um padre

carismático, popular entre seus paroquianos. Divagações sobre tal popularidade são amplamente discutidas no capítulo II.

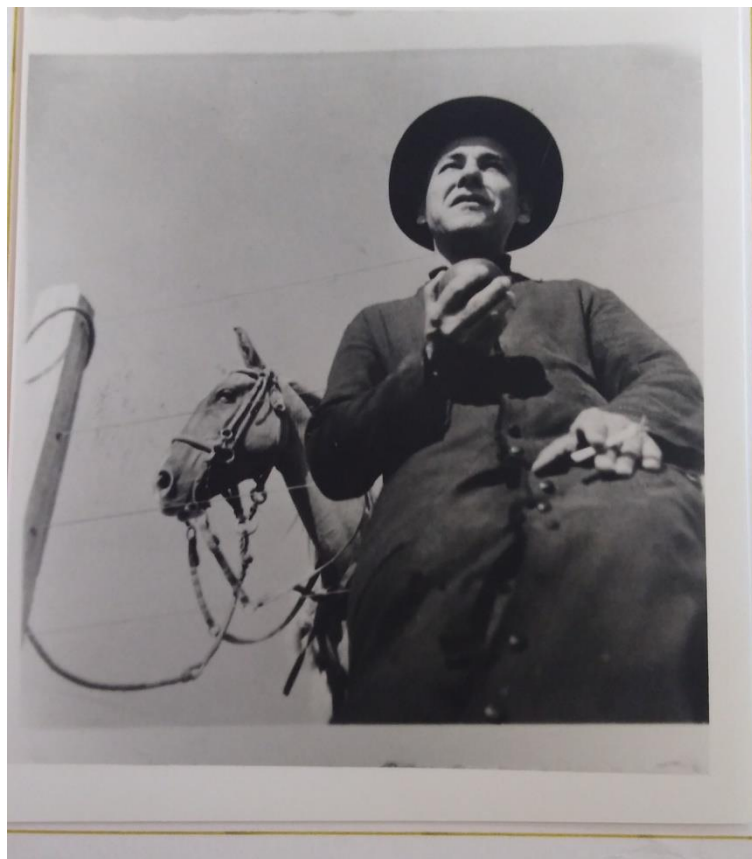


Figura 14: Padre Reinaldo em Piratini. Museu Barbosa Lessa – Fundo: Concurso de fotos antigas de Piratini 1998

Pode-se supor também que houvesse algum tipo de diálogo entre Barbosa Lessa e o padre sobre a possibilidade do pároco tornar-se um dia santo após sua morte e o mesmo proferir que este não seria seu desejo, ou que padre Reinaldo não se reconhecesse como tal diante de suas obras e/ou feitos.

No texto texto “A memória coletiva”, Maurice Halbwachs (2004) comenta sobre homens que após a morte tornaram-se santos nas recordações conservadas dada a fé dos que o rodearam. Se obtivessem o direito de retornar a vida, provavelmente não concordariam com o título recebido. Essa construção social de santidade segundo Halbwachs se dá pela atenção aos feitos dos indivíduos em escala social e não em uma categoria de santidade segundo as bases doutrinárias católicas. Sendo válida a opinião do autor neste ponto:

Neste caso, é provável que muitos dos acontecimentos recolhidos, e que talvez não tivessem impressionado porque concentrava sua atenção na imagem interior de Deus, impressionaram aqueles que o rodeavam porque a atenção deles se fixava, sobretudo nele (HALBWACHS, 2004, p.31).

Sabemos que a mobilização para a beatificação se deu um tempo depois, que foi encabeçada por uma prima do escritor Barbosa Lessa, Eliza Lessa da Rosa. Em publicação feita no periódico em 17 de outubro de 1993, ela aparece como uma das pessoas responsáveis pelo recolhimento das provas acerca dos milagres atribuídos ao padre.

Já em 25 de janeiro de 2007, novamente nas páginas do *Diário Popular*, Eliza Lessa menciona que ao iniciar a saga em busca da beatificação recebeu carta de seu primo, que de maneira sarcástica atribui ao conto por ele feito em 1977 uma espécie de premonição ao processo ou até mesmo ironizando com a frase “Que coincidência”, de que ela teria compartilhado de sua ideia. Nesse sentido podemos inferir que a família Lessa estava à frente de uma rede de relacionamentos da qual também participaria Reinaldo.

Podemos reforçar esta ideia, pois nesta mesma reportagem Eliza Lessa afirma ter conhecido padre Reinaldo aos 4 anos de idade. Além de mencionar alguns momentos que conviveu com padre Reinaldo.

[...] Vi aquele homem chegando de batina, a cavalo. Ele fingiu que ia pôr o cavalo por cima de mim e deu risada. Era alegre e dava muita importância para as crianças. Isso não me marcou negativamente. Vi que era uma brincadeira”, recorda a professora. Nascia ali uma grande amizade.

A cena mais forte durante os vários anos de convívio aconteceu em outra chácara, onde o religioso dispunha de um quarto para dormir sempre que necessitava nas suas longas andanças pela campanha. Ela o encontrou de manhã, orando. “Ele falou: ‘Eliza, ontem cheguei muito tarde, peguei o terço para rezar, mas dormi. Não consegui porque estava muito cansado. Eu rezei o terço ou não?’, perguntou. “Respondi que não e ele disse: ‘Rezei, porque para Deus o que vale é a intenção. Para isso existem os anjos. Eles terminaram de rezar para mim’”. A mensagem ficou para sempre na memória da professora (DIÁRIO POPULAR, 25/01/2007, p. 3).

Padre Reinaldo neste sentido já pode ser reconhecido como um alguém próximo da família Lessa, pelo menos enquanto viveu na cidade de Piratini. Além de estar presente

no contexto familiar, convivendo com estes não somente de maneira formal, eclesiástica, provavelmente tornou-se um formador de opinião para aqueles que o rodeavam, contribuindo assim na formação social destes indivíduos. Provavelmente conquistou devotos a sua maneira de crer e ver o mundo justamente por não seguir fielmente as regras da rotina do catolicismo. Como pode-se ver no depoimento de Eliza, ocorreu um descumprimento da reza diária do terço, não causando qualquer tipo de desconforto ao sacerdote.

Com a morte do tradicionalista Barbosa Lessa em 2002, Juarez Machado de Farias, ao fazer apontamentos no *Diário Popular*, na coluna “Ponto de Vista”, sobre a obra, constrói uma poesia através de como teria sido a chegada do escritor ao céu e seu encontro com padre Reinaldo. “[...] E ao rever o querido Padre Reinaldo, confessará entre um mate e outro: Vou sentir saudades do meu pago! ...” (DIÁRIO POPULAR, 07/04/2002, p.6). Provavelmente em vida, Barbosa Lessa demonstrasse saudades e revelasse sobre padre Reinaldo não somente respeito, mas amizade e santidade.

Entre 1977 e 1993, há uma lacuna sobre o nosso personagem nas páginas do *Diário Popular*. Ao lermos a reportagem na íntegra, percebemos que o enfoque do texto se dá na escrita de uma oração em prol da beatificação do padre (Anexo 2) e do livro *O vigário da Campanha*. Ambos os textos foram escritos por Carlos Johannes, um amigo íntimo do padre.

Entre os anos de 1996 e 2001, encontramos novamente nas páginas do periódico falas acerca do que então se considerava um promissor processo de beatificação. Curiosamente as reportagens não demonstram progresso algum nos trâmites. É a partir deste momento que se tornam cada vez mais próximas as publicações, comparando-se às que tratamos anteriormente.

Em 24 de novembro de 1996, a reportagem veiculada no *Diário Popular*, nomeada “Diocese quer Beatificação de Padre: Graças alcançadas por intercessão do Padre estão relatadas em 80 cartas”, narra que, na pessoa de padre Mário Prebianca, o Bispado de Pelotas estaria recolhendo relatos de milagres e graças alcançadas por intermédio do vigário. Durante o período da pesquisa a pesquisadora não teve acesso a estas cartas para fins de trabalho. É provável porém que muitos dos milagres atribuídos à intercessão do padre recolhidos nesta pesquisa sejam os mesmos contidos nessas cartas.

A reportagem relata ainda que, através do folheto distribuído desde o ano de 1993, contendo informações sobre a vida de padre Reinaldo, e da oração em prol de sua beatificação, fiéis têm se movido para a concretização desse processo junto ao Papa. Em reportagem publicada no dia 22 de abril de 2001, em duas páginas centrais do jornal, a publicação sob o nome “Comunidades se mobilizam para santificar Vigário”, apresenta em destaque uma foto central de padre Carlos Johannes, autor do Livro *O vigário da campanha*, contendo em suas mãos uma pequena foto de padre Reinaldo.

Pode-se inferir que a matéria provavelmente tenha sido solicitada pela Diocese de Pelotas, ou pelo próprio padre Johannes, para promover a venda do livro publicado em 1993 pela Editora Educat³², de sua autoria. Torna-se praticamente explícito no texto do *Diário Popular* a admiração de Padre Johannes, falecido em 2004, por padre Reinaldo, e sem dúvida uma relação sólida, perceptível neste ponto:

Aos 88 anos, o Padre Johannes é o maior defensor da causa de Wiest. Há dez anos escreveu o livro “O Padre da Campanha”, onde relata toda a vida e obra do colega por quem não disfarça o carinho. “Foi um grande amigo e meu ideal foi sempre o de procurar ser como ele”, confessa com profunda admiração (DIÁRIO POPULAR, 21/04/2001. p.24).

Em reportagem ao *Diário Popular* em 27 de janeiro de 2007³³, na figura do então bispo Dom Jaime Chemello, a Diocese de Pelotas declara que o caso “não morreu e irá se consolidar”. Aparentemente, através da entrevista ao *Diário Popular*, o processo não teria saído da fase de recolhimento de materiais devido à falta de um “relator” da causa no Vaticano. Isto faz pensar na possibilidade de a Diocese não querer pormenorizar a causa diante da população. Mas poderia ter desistido justamente por entender que o Vaticano não levaria adiante tal proposta por não preencher alguns requisitos de santidade.

Ao questionarmos o atual pároco Armindo Luiz Capone, da Igreja de Sant’Ana, na Colônia Maciel, sobre o processo, verificamos que, para ele, dar prosseguimento à

³² Editora da Universidade Católica de Pelotas

³³ A busca por um santo. In: *Jornal Diário Popular*, 27 de janeiro de 2007, p.3. Disponível para consulta na Bibliotheca Pública Pelotense.

causa não é necessário, seria apenas uma formalidade, sendo possível verificar neste ponto:

Isso aí é um problema da Diocese. É, o bispo Dom Jaime, tem essa autorização de levar para frente isso. Mas isso é um processo longo. Exige tempo, exige dinheiro também. O que eu penso nisso [...]. Na realidade não muda nada? Ser San...Lá o Vaticano proclama ele como beato, como Santo. Na realidade o povo já tem ele como Santo. Já o tem como exemplo de vida, exemplo de vida, santidade. Santidade é exemplo de vida, isso ele tem. Se for nomeado, se for beatificado ou tornado Santo pelo Vaticano, isso não muda nada aqui. Na realidade, ele sempre é tido como exemplo de vida cristã, aqui o povo tem ele como santo (Armindo Luiz Cappone, 2016).

O atual pároco, Luiz Armindo Capone, em depoimento prestado no início da década passada, via dificuldades operacionais para avançar o processo para tornar padre Reinaldo um “santo de altar”, mesmo que conte com seu apoio, como ele colocou, à época: *“O aval eu dou, só não tenho tempo pra me dedicar à causa, que exige muito tempo, pois é preciso levantar toda a vida e obra do padre Wist (sic.)”*³⁴ (*Diário Popular*, 21/22 de abril de 2001)³⁵.

Apesar de que o processo de santificação até o momento não pareça ter perspectivas de movimentação aos olhos da Diocese, quer dos paroquianos, seus seguidores continuam fora das normativas do catolicismo romano, fieis nos poderes intercessórios de padre Reinaldo, prestam a ele culto de maneira não institucionalizada. Assim abordaremos no próximo item a maneira de crer dos devotos em padre Reinaldo Wiest.

3.3 – Uma devoção popular

A aparente falta de empenho da Diocese de Pelotas quanto à causa da santificação de padre Reinaldo Wiest é vista como negativa aos olhares dos fiéis nos poderes intercessórios do vigário, sendo possível expressar na opinião de Nelson Crochemore³⁶,

³⁴ Nesta fonte o autor se equivoca na escrita do sobrenome.

³⁵ Comunidades se mobilizam para santificar vigário. In: *Jornal Diário Popular*, 21/22 de abril de 2001, p. 24-25. Disponível para consulta na Bibliotheca Pública Pelotense. Manteve-se a grafia do sobrenome constante no periódico (Wist), que não corresponde ao nome original (Wiest).

³⁶ O “homem bom” da campanha. In: *Jornal Diário Popular*, 31 de março de 2015, p.2-3.

“*Nem todos cooperaram conosco, uma pena. Mas o padre sempre será especial*”. Segundo esta reportagem, o senhor Nelson seria um dos envolvidos na época da reunião dos documentos para a tentativa de beatificação. Ele seria um dos “agentes” na obtenção dos registros dos milagres.

Os depoimentos utilizados para ilustrar os poderes intercessórios do padre são amplamente divulgados pelos fiéis, nas rodas de conversa, nas fontes jornalísticas, dentre outros tantos modos. Para confecção desta pesquisa historiográfica, esses relatos são obtidos através da metodologia da História oral e do recurso, já amplamente apontado nesta pesquisa, às fontes jornalísticas.

Os indivíduos já entrevistados foram elencados através das redes de relacionamento cultivadas pela pesquisadora e o orientador durante a pesquisa, principalmente através das paróquias e a partir de iniciativas de divulgação da pesquisa. Além disso, alguns discursos de milagres ou graças, produzidos durante a vida do padre, foram relatados na obra de padre Johannes.

Mesmo longe de avançar a iniciativa de santificação, os fiéis relatam sempre as graças alcançadas, segundo a população, por intermédio do padre. Alguns desses eventos, ocorridos em vida ou após a morte do padre, qualificados como milagres pelas comunidades de Piratini e área abrangida pela Paróquia Sant’Ana, na colônia de Pelotas, serão relatados a partir de agora.

Sem sombra de dúvida, um dos milagres mais populares de padre Reinaldo é o do “reparo do caminhão” do senhor Antônio Casarin. Esta ocasião é tão conhecida que pode ser verificada diversas vezes no *Diário Popular*, no livro *O vigário da Campanha* e em entrevistas de diversos depoentes dessa pesquisa. Como todos eles possuem basicamente a mesma estrutura, optamos por discorrer aqui a versão deste fato feita pelo próprio senhor Antônio ao *Diário Popular*³⁷:

Certo dia, na Maciel, Wiest o encontrou às voltas com o caminhão estragado e carregado de cebolas. Vendo sua aflição, o religioso propôs que ambos rezassem um mistério do terço ao redor do veículo. Ao terminar, ordenou: entra e liga. O empresário obedeceu e, para seu espanto, o caminhão funcionou. Antes de partir, recebeu ainda uma recomendação: “Faz tua entrega e vai direto para uma oficina”. Com o

³⁷ No segundo lar, novo nome. In: **Jornal Diário Popular**, 26 de janeiro de 2007, p. 3.

mecânico que o atendeu ao final do dia teve o seguinte diálogo:

- De onde tu vens?
- De Morro Redondo. Fui levar uma carga de cebolas e voltei.
- Impossível. Estás mentindo.
- Não estou não, por quê?
- O motor está fundido, não há como teres feito esta viagem assim. Casarin ainda lembra da cena: “Estava estragado, ele deu uma benção e o caminhão veio até Pelotas. O motor estava fundido mesmo, sem condição. Não poderia ter rodado. Eu mandei arrumar. Ficou entre sete e oito dias no mecânico, que se admirou” (DIÁRIO POPULAR, 26/01/2007, p.3).

Leda Regina Santana Lopes menciona em sua entrevista, com riqueza de detalhes, o que segundo ela traduziu-se em um milagre ocorrido com ela por ocasião do nascimento de seu filho. Segundo ela, o filho nasceu com sete meses e meio de gestação, com diversas complicações. O filho da senhora Leda teve uma melhora extremamente milagrosa, através do pedido por intercessão de padre Reinaldo, já que os médicos não puderam explicar-lhe seu quadro modificar-se tão rapidamente. Era necessário então saldar a promessa junto a padre Reinaldo, colocando seu nome no menino. Quanto a esse momento a depoente relata:

Meu padrinho tinha mania de colocar apelido nas pessoas e ele tinha mania de chamar o padre Reinaldo de Reinaldo Vicente³⁸. Até hoje eu nunca ouvi falar que o padre Reinaldo se chamava Vicente. Então pra mim ele era Reinaldo Vicente. Como eu já tinha escolhido o nome de Guilherme, Reinaldo não combinava com Guilherme. Então resolvi chamar ele de Guilherme Vicente, mas acho que ele nem se chamava Vicente. Eu sempre ouvi falar somente em Reinaldo Wiest (Leda Regina Santana Lopes, 2015).

Podemos perceber que Leda atribuiu ao filho como nome o apelido pelo qual ela costumava ouvir padre Reinaldo ser chamado. Ela provavelmente fixou essa informação a partir do compartilhamento com o padrinho, tornando a informação uma representação pública.

Após sua mudança da zona rural de Pelotas para a região urbana da cidade, ela teria se afastado do catolicismo e começado a professar o espiritismo. Porém, conta que através do símbolo de uma cruz no hospital, recordou-se de padre Reinaldo, como narra na passagem a seguir:

³⁸ O nome completo do pároco é Vicente Reinaldo Wiest.

Como eu sabia que ele era uma pessoa muito boa, protegia e gostava muito de crianças. E por tudo que eu sabia e conhecia dele.

Ele foi pra UTI e a médica disse que ele estava em sofrimento e muito mal, ele não conseguia respirar sem aparelhos. E eu fui pro quarto. No Hospital Universitário São Francisco de Paula tinha um crucifixo na parede. Eu já tinha decidido que ele ia se chamar Guilherme, mas aí eu olhei pro crucifixo e lembrei do padre Reinaldo. Pedi pra ele, e disse padre Reinaldo me ajuda. Sempre me ajudou desde pequena, tu era tão bom pra mim. Não deixa meu filhinho morrer. Salva meu filhinho de morrer, interceda a Deus por mim. Se ele viver eu coloco o seu nome nele (Leda Regina Santana Lopes, 2015).

Havia certa vinculação da sua religiosidade pessoal ao símbolo da cruz. A depoente relacionou o signo à realidade que vivera em sua infância e adolescência, pautada pelo catolicismo, tendo como grande influência padre Reinaldo. Seguindo nesta perspectiva de vinculação por meio de símbolos, Chartier assevera sobre

... as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: primeiramente, as operações de recorte e classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada; em seguida, os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social (CHARTIER, 1992, p.169).

Ou seja, tais símbolos têm a capacidade de presentificar uma identidade social, uma maneira de pensar e agir neste contexto, suscitando memórias, assim disseminando seu poder de permanecer na memória dos indivíduos.

Como alimentamos o objetivo de dar retorno à sociedade com nossa pesquisa, inclusive de maneiras singelas, pudemos fazê-lo inclusive na relação com os depoentes que contribuem com o desenvolvimento da pesquisa de História oral. Neste caso, houve a possibilidade de dar um retorno muito pontual à entrevistada: foi informado a ela que o nome completo do pároco, que identificamos através de fontes documentais, era Vicente Reinaldo Wiest.

As trocas de experiências entre a academia e a sociedade tornam-se portanto um dos principais privilégios do historiador que utiliza a metodologia de História oral no exercício de sua profissão. Ainda sobre a santidade atribuída a padre Reinaldo Wiest, pode-se perceber que Leda e as pessoas com que conviveu construíram grande parte de

suas memórias através de recursos impressos sobre o indivíduo estudado. Podemos fazer esta constatação através dos seguintes trechos de sua entrevista:

Eu já andei ali na Catedral por causa da canonização e eles disseram que tinha que ir no bispado. Tinha que levar os laudos e aí eu acabei deixando pra lá. Acabei conversando com um pessoal de Piratini, e eles disseram que ele não queria ser canonizado. Que o que ele tiver que fazer pelas pessoas que gostam dele, ele vai fazer.
[...] Teve um livrinho que o Padre Carlos Johannes escreveu, eu li mas não consegui comprar (Leda Regina Santana Lopes, 2015).

Pode-se ainda mencionar aqui o milagre Circe Helena Gomes Figueiredo atribuído a padre Reinaldo. Oriunda de Piratini, filha do senhor Nenê Figueiredo, organicista da Paróquia Nossa Senhora da Conceição no período que padre Reinaldo atuara na localidade, ela declara ter feito pedidos ao padre para que a saúde de seu pai fosse restabelecida.

O primeiro pedido que eu fiz pra o Padre Reinaldo depois que ele morreu, que nós fomos lá [jazigo da Vila Maciel] visitar. Era para o pai. O pai estava com uma úlcera nervosa, uma úlcera onde não podia se operar, estava ruim. E aí eu cheguei lá assim na capela lá, no túmulo do Padre Reinaldo e me ajoelhei ali, fechei bem os meus olhos e disse: ‘Padre Reinaldo, eu sei que aqui só tá o seu corpo né’. Não faz nada o corpo mas a sua alma tá junto de Deus. Eu disse, Padre Reinaldo, roga lá pela cura do pai deste problema. O pai já tá velho. Assim doente, não pode, não dá pra operar a úlcera nervosa na volta... Aí eu pedi aquilo ali, e o pai em seguidinha não precisou operar. Ficou bem. São tantas e tantas graças, eu não me lembro assim no momento, que eu tô muito esquecida (Circe Helena Gomes Figueiredo, 2016).

Além de ser relatado no fragmento o pedido da Senhora Circe Helena a padre Reinaldo, pela recuperação física de seu pai, podemos também constatar a peregrinação de habitantes de Piratini ao túmulo de padre Reinaldo para obtenção de graças. Além das diversas graças constatadas como recebidas nos levantamentos feitos, pode-se abranger, tendo em vista essa devoção popular, o culto a imagens impressas de padre Reinaldo.

Na mesma reportagem do *Diário Popular*, escolhida para relatar o caso do caminhão, há o relato e o registro em fotografia inclusa do senhor Antônio Casarin ao texto. O depoente aparece (fig. 15) em seu escritório, com uma imagem de padre Reinaldo impressa exposta na parede, ao lado do maior dos símbolos cristãos, um crucifixo.



Figura 15: Fotografia. Antônio Casarin em seu escritório com imagem do padre Reinaldo. *Diário Popular*, 26/01/2007, p.3.

Sobre tais expressões de fé ainda se pode utilizar o depoimento de padre Armindo Luiz Cappone, atual pároco da Igreja de Sant´Ana, sobre a prática nos dias atuais:

[...] quase todos têm a imagem dele. Imagem, assim, a fotografia nas suas casas. E tem muita devoção por ele. E quando tem muita seca ou muita chuva, eles vão no túmulo rezar. Pedindo melhoras de tempo. E quando tem doença também, eles vão lá no cemitério e pedem a cura, pela intercessão de padre Reinaldo (Armindo Luiz Cappone, 2016).

Como implicação do atendimento às petições desses fieis, que fazem idas até o túmulo, rezam diante de imagens do pároco, há a propagação dessas notícias diante das comunidades. Uma forma também de propagar o poder do vigário diante de Deus é a prática do ex-voto pelas comunidades.

O ex-voto se trata da exposição do recebimento de uma graça, benção, milagre, como uma espécie de agradecimento, muitas vezes também como cumprimento de uma promessa por graça alcançada. Há diversas variações do ex-voto, dentre elas a colocação de placas ou lápides, com o agradecimento da graça alcançada, em cemitérios igrejas, capelas ou santuários (ABREU, 2005).

Há também quem faça impressões de imagens do santo para propagar novenas entre outros fieis. Ocorre também a colocação de bonecos, ou até mesmo representações de partes do corpo curadas, junto a jazigos.

O pagamento de promessas inclui o oferecimento de objetos que oscilam entre signos que remetem diretamente à graça alcançada (desenhos e partituras de membro doente, fotografia de devotos curados, membros de cera, muletas), e símbolos que denotam admiração/respeito (flores e velas), submissão/sacrifício (pedras transportadas em várias partes do corpo) (FRADE, 2006, p. 44).

Diante do jazigo de padre Reinaldo, há uma diversidade dessas manifestações. Dentre elas encontramos em grande número lápides em forma de agradecimento às graças alcançadas (fig. 16) por moradores das duas localidades. Nessas lápides, muitas vezes há a inscrição do nome ou iniciais da pessoa ou família contemplada. Por conta de curas de crianças, atribuídas à intercessão do padre, há entrega de bonecas e chupetas infantis.



Figura 16: Prática do ex-voto no jazigo eclesiástico do Cemitério da Paróquia de Sant'Ana - Vila Maciel, 8º distrito, Pelotas. Acervo pessoal Ticiane Pinto Garcia - 2016.

Em sendo uma região rural, há sempre a colocação de representações de animais. Provavelmente por agradecimento ou um pedido em prol da produção local, ou mesmo de um animal querido (fig.16). Além, é claro, do sempre grandioso número de flores de imagens em gesso de outros santos (institucionalizados) e de velas.

No espaço do cemitério, o sagrado se mescla ao profano. A morte, chamada de única certeza da vida nos ditames populares, é esquecida enquanto o túmulo do santo popular torna-se um grande altar. Erroneamente, somos levados a pensar na diferenciação

de ambientes. Na verdade, o fiel é quem sacraliza o espaço da forma que ele compreende o todo.

Nesse sentido, o historiador das religiões e religiosidades deve estar sempre com os olhos voltados para as especificidades de cada manifestação de fé, evitando apelar a conceitos invariáveis para o trato de questões que envolvam o sagrado. O tratamento que o historiador faz da fé alheia é perpassado pelos interesses e condições que influenciam esta interpretação sobre a fé.



Figura 17: Prática do ex-voto no jazigo eclesiástico do cemitério da Paróquia de Sant'Ana - Colônia Maciel. Acervo pessoal Ticiane Pinto Garcia - 2016.

O ex-voto propicia a aproximação de características de uma sociedade, do ponto mais íntimo, da profusão dessa fé popular e principalmente da aproximação do olhar individual de cada fiel. Talvez a afirmativa possa ser melhor compreendida na opinião da historiadora Rafaelli Setúbal Gomes de Abreu, ao tratar do imaginário religioso na cidade de Trindade, no estado de Goiás.

O ex-voto, como fonte utilizada, permite um contato mais direto com alguns aspectos da religiosidade popular. Mas isso só é possível quando ocorre um contato com as imagens e as legendas dos mesmos. Confessar uma doença, uma situação de aflição, ou até mesmo uma situação que para muitos seria banal, revela aspectos da vida cotidiana e da vivência religiosa. O Céu e a Terra andam de “mãos dadas” o tempo inteiro, e as imagens servem como o conhecimento da sensibilidade popular (ABREU, 2012, p.20).

Situação semelhante é estudada por Julia Massucheti Tomasi (2017), ao tratar da devoção às chamadas “*Santinhas do Itacorubi*”. Vida Machado, é considerada concessora de graças e milagres e seu túmulo no Cemitério São Francisco de Assis/Itacorubi, em Florianópolis, está sempre cheio de doces e balas como forma de agradecimento.

A prática de deposição de ex-votos é feita deste modo como forma de agradecimento à menina que após ser adotada foi acometida de uma doença e falecera ainda na infância, com 9 anos de idade. Aqui percebemos, porém, que há uma diferenciação entre os devotos, já que no túmulo de Vida a maioria dos devotos são de origem espírita ou de umbanda. Podemos então dizer que os devotos de padre Reinaldo, mesmo sendo em sua grande maioria católicos, podem eventualmente serem adeptos de outras vertentes religiosas, podendo ocorrer neste tipo de culto o chamado sincretismo religioso. Tal suposição pode ser retirada de depoimentos anteriormente mencionado de padre Luiz Cappone e da senhora Leda Regina Santana Lopes. Esta é ao menos uma hipótese interpretativa a ser observada em futuros estudos.

O historiador Lourival Andrade Júnior (2008, p.265) reforça que o ato de deixar “oferendas” em um túmulo significa, para os devotos, uma forma de “*manutenção de sua tradição*”, enquanto que “*para outros*” significa “*a necessidade de demonstrar agradecimento e empenho em sua devoção*”.

Na Argentina, um importante exemplo de crença em um “santo popular” é o caso de Gauchito Gil, que nos ajuda a compreender um pouco deste processo de constituição de fé popular em um santo não institucionalizado. A história de Gauchito Antonio Gil é contada de diversas maneiras, mas de modo geral, ele teria sido morto injustamente por ser um desertor da Guerra do Paraguai.

Antes de morrer, teria dito a seu assassino que seu filho estaria gravemente doente e só seria salvo se rezasse em seu nome. Ao chegar em casa, o assassino comprova a doença do filho que após a oração é milagrosamente salvo. O assassino recolhe o corpo de Gauchito e faz o enterro. Com o tempo, o túmulo passa a receber romeiros em busca de graças.

Hoje, por praticamente todo o território argentino existem santuários à beira de estradas com a colocação de ex-votos em representações de casas, carros, frutas ou membros humanos curados por Gauchito.

Em geral, argentinos populares creem nos poderes intercessórios de Gauchito Gil com base em uma alusão feita ao poder de conceder milagres cuja força vem do sangue inocente derramado. Portanto, a injustiça causada a Gauchito acaba por atrair as grandes massas da população em torno do culto não institucionalizado católico.

La validez de las sagas para la construcción del culto, responde al uso comunicacional por parte de devotos y promeseros de las representaciones que vinculan los atributos del Gauchito Gil con sus expectativas y motivaciones religiosas: ya sea por su figura de carismático bandido rural, por su carácter de “entidad milagrosa” ó por los valores éticos y morales que sus acciones ó discursos (COSSO, 2009, p.5).

Há ainda a perspectiva de que o ex-voto nesse sentido amplo proporcione geração de pertencimento à localidade, no caso específico da Colônia Maciel. As relações identitárias e iniciativas de pertencimento são bem evidentes nesta comunidade. Além disso, é possível destacar que as realizações em torno de uma afirmativa da santidade do pároco, assim como das graças alcançadas por intermédio deste, podem agregar um “status” religioso sobressalente ao indivíduo que agradece.

Portanto podemos afirmar que essas iniciativas que contemplam a figura de padre Reinaldo cooperam também para o fortalecimento do grupo étnico e suas identidades. As ações proporcionam sentimentos de pertencimento por conta da autoestima com relação ao local em que vivem, a partir das transformações no espaço devocional.

A deposição de ex-votos ocorre também na cidade de Piratini, porém de maneira muito menos evidente. Pode-se justificar, por conta de que o espaço para a devoção esteja ligado ao ambiente da sede da paróquia, estando o espaço sob controle institucional acaba por constringer expressões de cunho popular. Há que se considerar um fator bastante importante que é a grande passagem de tempo. Afinal a passagem de padre Reinaldo na Vila Maciel é bem mais recente que em Piratini.

3.4 – “Ele está no meio de nós”

Mesmo após o sepultamento do pároco, a disputa pelos restos mortais não acabara. Piratini seguiu nas tentativas de possuir um local para lembrar-se do ente querido, até que no ano de 2008 ocorreu o traslado dos restos mortais do padre para a cidade. Segundo ordem de retirada feita pelo então bispo Dom Jaime Chemello, a comunidade de Piratini pede a parte das mãos do padre (Anexo 01).

Para melhor fundamentar tais relações simbólicas, utilizo as ideias de Régis Debray. Mesmo que seu texto *La transmisión simbólica* se empregue mais diretamente para a análise de obras de arte, acho possível aplicá-lo também para a análise das relíquias, como neste caso a ossada humana é chamada.

Paradójicamente manteniendo la especificidad de lo visible en relación a lo legible, de la imagen en relación al signo es como mejor se salvará su función de transmisión (DEBRAY, 2002, p. 43).

A narrativa do cumprimento do traslado, no entanto, é rica em detalhes, que nos propomos analisar. O túmulo situado da Colônia Maciel é ocupado ainda pelos restos mortais de outros dois padres que atuaram na região, padre Jacob Lorenzet (29/01/1880 - 29/06/1961) e padre José Flávio Weizenmann (10/12/1939 - 13/11/1990). Devido a retirada ter sido feita por moradores acompanhados do atual pároco, não havendo acompanhamento de profissionais habilitados para tal tipo de exumação, não foi possível discernir as ossadas dos três clérigos.

Chama-nos a atenção o interesse da paróquia de Piratini justamente pelas mãos do vigário. Pode-se presumir que seria uma forma de se sentir mais próximo dele, de maneira simbólica, através das mãos que tanto ajudaram e abençoaram a população. Na Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Piratini, foi criada uma sala com uma urna destinada aos restos mortais do padre.

Por conta da passagem de muitos anos e do estágio de decomposição avançado, não foi possível encontrar a parte das mãos recomendada pelo bispo. Foi possível identificar com mais clareza as ossadas referentes ao crânio de cada um dos três padres. Além disso, haveria a necessidade de descobrir qual dos crânios era de padre Reinaldo. Algo concebido por uma mescla de intuição e religiosidade dos populares. Um dos crânios possuía uma prótese dentária de ouro, algo que segundo eles não corresponderia ao estilo de vida humilde de Reinaldo e provavelmente seria de padre Flávio Weizemann. Tal constatação se deu porque também não seria de padre Jacob Lorenzett, já que este teria trabalhado na comunidade nas décadas de 1920 e 1930, e, por dedução dos indivíduos envolvidos na retirada da ossada, não haveria condições de ter utilizado tal tipo de prótese na época.

Alguns moradores eram contrários à iniciativa e discutiam durante a retirada da ossada. Algo que, segundo as participantes, teria deixado padre Reinaldo furioso no Céu. Então houve o acerto, entre os presentes, de que o crânio que caiu no chão durante o

tumulto seria o de padre Reinaldo. Mas como forma de ter certeza da presença do “Padre Santo” em Piratini, também na urna foi colocado parte do convencionado crânio de padre Jacob, que também atuou nas duas localidades³⁹. Tal afirmativa também pode ser apreciada no depoimento de padre Luiz Cappone:

Com essa autorização a gente abriu o túmulo. E o pessoal daqui, uma ou outra família, não quis dar né. Mas isso aí era uma posição deles. Claro, mas o resto do povo todo acertou. Só uma família ou duas que veio, não quiseram né. Se abriu o túmulo. Como o túmulo era um túmulo assim feito na terra, os três corpos estavam juntos. Como é que ia identificar quem era o padre Reinaldo e quem era o padre Flavio? E quem era o Dom... o Monsenhor que é antigo? Verificou-se pela dentadura. [...] Então a gente tirou um pedacinho só da cabeça dele. Só um pedacinho e deu pra eles levarem para Piratini. Claro que a família essa achou que era invasão, não sei o quê. Denunciou a gente diante do poder público, da promotoria, da Brigada Militar. E eles vieram. Eu disse: “não, aqui tem a autorização do bispo” (Armando Luiz Capone, 2016).

Perceptível também é que, durante os depoimentos deste fato, as paróquias não se sentem à vontade para tratar desse assunto. Em todas as referências à figura, no *Diário Popular*, por exemplo, o episódio não passa de uma linha em uma reportagem de duas páginas no ano de 2015. A História oral também propicia ao historiador perceber o desconforto dos depoentes em tais questionamentos. Para embasarmos melhor a compreensão de tal momento, marcado por uma mescla entre paixão, devoção e conflitos, usaremos parte do depoimento de Madalena Garcez Marques, secretária da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, e que foi uma das pessoas envolvidas e articuladoras do movimento de traslado a Piratini.

A ideia [era] até porque como tinha muitos devotos [aqui]. E a Maciel onde ele tava sepultado era bastante longe aqui de Piratini [para] as

³⁹ As informações sobre o traslado dos restos mortais à cidade de Piratini não foram obtidas em entrevistas. Foram anotadas no Caderno de Campo (fl. 01). Ressalte-se que parte da compreensão da problemática de estudo por parte da pesquisadora se efetivou na observação em campo, ao longo de contato com paroquianos, nas conversas quando da consulta aos documentos conservados nas paróquias, na visita e contatos com familiares dos entrevistados, nos contatos de diversas ordens com os participantes das redes de relacionamento acessadas ao longo da pesquisa. A observação e conversas espontâneas trazem elementos não contidos nas entrevistas realizadas por meio da metodologia de História oral, que são registradas no Caderno de Campo, e trazem contribuições importantes ao estudo.

peessoas do interior. Então se teve uma ideia de trazer um pouquinho do crânio, que restou dele, pra Piratini, pra facilitar a visita dessas pessoas que muitas vezes não tinham condições de ir até a Maciel. Então a gente foi na Maciel, com a autorização do bispo, tudo legalizado, com autorização a gente foi. E lá também como aqui tem devotos também [...] então bem [...] foi até bem complicado, como é que eu vou dizer, tirar um pouquinho. Essa relíquia, [como] a gente chama, para trazer também pra nossa paróquia. E tinha duas senhoras que, não sei se é [por] devoção ou não, mas [foi] bastante complicado. Mas aí nós também fincamos o pé e o pedacinho nosso a gente conseguiu a trazer. Teve as pessoas da comunidade de lá que tiraram. [...] Pra gente ter certeza que tinha trazido o pedacinho dele, a gente trouxe um pedacinho dos dois. E foi interessante que enquanto aquelas senhoras brigavam e batiam boca e nós analisando aqueles crânios. E numa dessas o padre da Maciel, o padre Cappone, não sei o que foi, [disse]: ‘óh, padre Reinaldo já tá bravo dessa coisa toda aqui’, aí o crânio caiu no chão, caiu e esfacelou, em vários pedaços. O outro já tava meio ruinzinho, então a gente pegou. Parece que padre Reinaldo tinha dito agora chega (Madalena Garcez Marques, 2016).



Figura 18: Uma funerária, Paróquia N.S. Da Conceição. Piratini-RS. Acervo pessoal Ticiane P. Garcia (2016).

Pode-se pensar que a população de Piratini queira, com o gesto, dar força à fé que deposita no pároco através da força que a presença da relíquia traz. Ela gera fé, memórias

e principalmente a presença por meio do imaginário. A presença desses fieis e da devoção em Piratini no entorno da urna funerária (fig. 18) pode-se perceber através do relato da secretária da paróquia local, na passagem a seguir.

Tem muitas pessoas que vêm, que levam flores, que rezam. E dizem que fizeram uma promessa, uma graça pela intercessão dele. E que receberam, então tem muitos devotos dele aqui (Madalena Garcez Marques, 2016).

A rememoração ocorre também através do ato de rezar o terço em memória do pároco. Este ato ocorre na Paróquia Nossa Senhora da Conceição todas as quartas-feiras, após a missa da saúde, sempre perante a urna funerária.

A gente reza todas as quartas ali no cantinho, ali tem um pedacinho do corpo, dos ossinhos dele, os ossinhos né. Um pedacinho da mão, parece que tem outra partezinha aqui dele. E tem muita gente que vem aqui naquele ladinho ali, e que tá assim, os restinhos, um restinho mortal dele. A gente vem pra ali, reza, a gente reza. Tem até umas siglas ali duma pessoa que fez uma placa ali, que recebeu graça (Circe Helena Gomes Figueiredo, 2016).

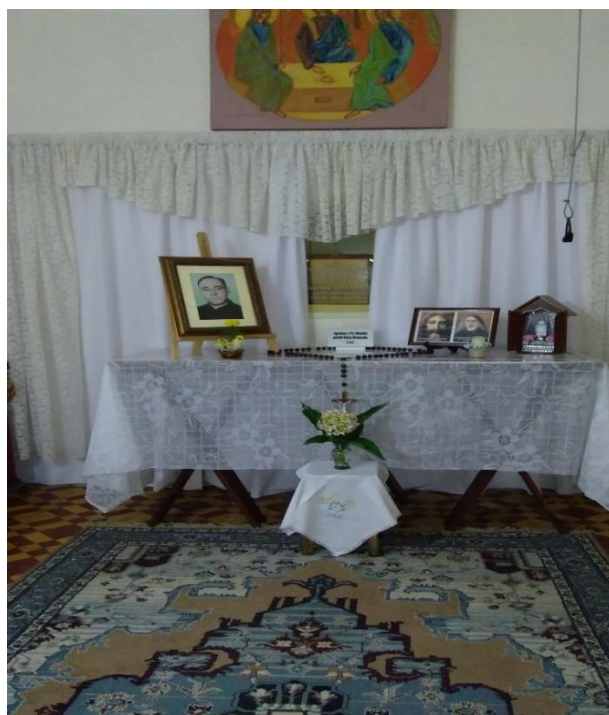


Figura 19: Sala de relíquias, Paróquia N.S. Da Conceição Piratini-RS.
Acervo pessoal Ticiane P. Garcia (2016).

A vontade de ter perto de si um “santuário” (fig. 19) para cultuar a memória de padre Reinaldo também na cidade de Piratini pode ser tratada como uma forma de estruturar as memórias dessa população por intermédio da presença. Os objetos acabam por materializar a fé, bem como “...a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados” (PORTELLI, 1997, p. 16).

* * *

Podemos concluir neste capítulo, onde nos propomos a analisar a devoção a padre Reinaldo nas cidades de Pelotas e Piratini, que a devoção não se deu por intermédio dos aspectos institucionais da Santa Sé, do Vaticano.

A santidade ao vigário é relacionada em primeiro plano às suas atividades de cunho social juntamente às populações pertencentes às paróquias que atuou e assim posteriormente pela sua intercessão junto a Deus pelos milagres ou graças alcançadas listadas por estes fiéis.

No momento em que institucionalmente a religião católica não considera as devoções não canônicas como forma de crer, esses indivíduos acabam utilizando-se de outras maneiras para expressar sua fé. Neste caso as manifestações ocorrem próximo ao túmulo em Pelotas e diante das relíquias em Piratini, em sala localizada distante do altar principal da sede da Paróquia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo realizar uma reflexão sistemática sobre por quais motivos padre Reinaldo Wiest tornou-se um “santo” diante do olhar popular. Tal fenômeno se desenvolve a partir de duas cidades em que atuou como pároco, Piratini e Pelotas, e nesta última em sua zona rural.

Buscou-se assim apurar alguns aspectos da trajetória de padre Reinaldo, destacados a partir da visão de seus paroquianos, dimensão principal para entendermos a sua atribuição de santidade. Entre os aspectos mais ressaltados de sua personalidade, estão a “bondade”, a “caridade”, a “hospitalidade” e a “rusticidade”. Ao mesmo tempo, permeando as ações que angariam estes predicados, identifica-se, implicitamente, o viés político de cunho conservador, por detrás das ações católicas, em um momento em que o país, e mesmo a Igreja católica brasileira, vivia uma forte divisão política perspectivada na Guerra Fria.

A pesquisa recorreu a um amplo espectro de fontes, as quais abririam um leque que levou ainda a tantas outras. Dada a indisponibilidade de tempo, impôs-se a priorização às fontes encontradas nas paróquias em que padre Reinaldo atuou, seja as fontes oficiais (e.g. Livros de Tombo das paróquias), os depoimentos orais de paroquianos e mesmo elementos da cultura material (e.g. ex-votos).

No primeiro capítulo, foi possível conhecer a atuação de padre Reinaldo em Piratini, não apenas apontando fatos contidos basicamente na história oficial local, sintetizada na biografia estabelecida por padre Carlos Johannes, “*O vigário da Campanha*”, mas também presente nos periódicos. Fora desta história oficial, pontuamos, por exemplo, a reconstrução da sede da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e sua benemerência, no auxílio à população em estado de rua e no plantio da Horta Vitória.

Mas também foi possível vislumbrar as intempéries a que se submeteu seu paroquiato, no cotejamento com os avanços da diocese, nomeadamente em Pelotas, quando sob a administração de Dom Antônio Zattera. Percebemos inclusive que o relacionamento entre o então bispo e padre Reinaldo não foi de modo algum pacífico,

sobretudo ao longo do período em que esteve em Piratini, relação que se distensionou no período em que esteve à frente da Paróquia Sant'Ana em Pelotas. Por vezes, pode-se presumir, diante dos termos da visita pastoral encontrados no *Livro Tombo*, que Dom Antônio era diversas vezes bastante enérgico com padre Reinaldo em suas exigências de cunho administrativo e evangelístico na paróquia. Assim, o pároco com frequência afastase da formalidade desejada na escrita do *Livro Tombo*, escrita que deveria ser mais impessoal, permitindo-se o uso deste texto para fazer seus desabafos mais subjetivos. Assim, o documento oficial transforma-se com frequência em uma espécie de “*escrita de si*”, oscilando entre registros (incompletos, na visão do bispo) e expressão de seus descontentamentos.

Já no segundo capítulo, ao analisarmos o paróquiato de padre Reinaldo na paróquia de Sant'Ana, na Vila Maciel e arredores na zona rural de Pelotas, vemos que padre Reinaldo não encontrou tantas dificuldades nesta paróquia, visto que durante toda a sua escrita no *Livro Tombo* este demonstra o apreço do povo em comparecer nas celebrações de missas e festas cristãs, o que teria angariado o reconhecimento do bispo.

Ademais, nesta paróquia padre Reinaldo não tivera dificuldades decorrentes de carência na estrutura física para realização dos sacramentos, já que a sede paroquial se encontrava em boas condições, além de as diversas comunidades, espalhadas pelos distritos vizinhos, disporem de locais adequados para o serviço religioso. Esta situação diferia significativamente de Piratini, onde a única edificação eclesial construída para realização das missas era a matriz, no centro da cidade (JOHANNES, 1994, p. 56), a qual se encontrava inclusive em condições precárias.

Esta questão pode ser um dos motivos pelos quais padre Reinaldo tinha dificuldade para que muitos membros fieis atendessem ao chamado para virem à igreja local, já que não havia na vasta região rural da cidade lugares consagrados apropriados ao culto, que servissem também como referência para a maior identificação dos fieis com a prática e a fé.

Pode-se também constatar que, na zona rural de Pelotas, que à época vivia o auge da economia do pêssego e da indústria de conservas (BACH, 2009; 2017), predominava situação financeira mais confortável do que aquela encontrada em Piratini. Vale ressaltar a autossuficiência alimentar proporcionada pela agricultura familiar, característica marcante da região colonial, diferentemente de Piratini, em que predominavam as estâncias e a pecuária, que não contribuíam significativamente para a subsistência da

população, de modo que nesta cidade os índices de pobreza eram mais elevados nesta época.

Assim acaba havendo uma mudança de perspectiva de Dom Antônio para com padre Reinaldo, o que é possível constatar em sua única visita pastoral descrita no *Livro Tombo* da paróquia de Sant'Ana durante o paróquiato de padre Reinaldo. Percebe-se pela escrita de Dom Antônio Zattera que as dificuldades administrativas apresentadas na gestão da paróquia de Piratini não se repetiram. Aponta apenas que ainda havia certo descuido nos registros dos sacramentos nas igrejas. O que, aos olhos do bispo, não mais o caracterizava como um mal administrador, mesmo que isso fosse um ponto negativo, na opinião de Dom Antônio Zattera, identificado em sua atuação nas duas paróquias.

Há de se mencionar ainda os esforços de padre Reinaldo no sentido de enviar suprimentos financeiros e alimentícios para o Seminário da Diocese de Pelotas⁴⁰ (Seminário São Francisco de Paula), bem como para o Abrigo de Menores, ambos sendo realizações da Diocese de Pelotas, o que pode ter sido um diferencial aos olhos de Dom Antônio. O padre, antes repreendido, passa agora a ser merecedor de elogios.

Mesmo que na Vila Maciel os habitantes não tivessem maiores dificuldades de ordem financeira, padre Reinaldo encontrou outra maneira para envolver-se em prol de seus paroquianos. Primeiramente, com a criação de uma associação de assistência médica, evitando deslocamentos até o centro de Pelotas ou de Canguçu, para obter atendimento médico. Segundo, a disponibilização de auxílio ao trabalhador rural através da organização na paróquia de uma setorial da Frente Agrária Gaúcha.

Vemos em ambas as paróquias que um traço forte da personalidade deste pároco era ser avesso aos excessos de formalismos, marca que passa a ser incorporada a sua identidade, inclusive ao modo de ser apreciado pelos paroquianos. Acreditamos assim que seu papel se sustentava mais nas relações pessoais, descuidando-se assim da parte mais formal, que a hierarquia eclesiástica cobrava de um sacerdote imbuído da administração paroquiana.

Constatamos ainda, nas duas localidades atendidas pelo pároco, a intenção de homenageá-lo postumamente, por meio do uso do seu nome na identificação de espaços públicos os mais variados. Há que se considerar essas iniciativas como um modo de

⁴⁰ Desde 2011, elevada à arquidiocese.

agradecimento pós-morte por seus feitos, em prol das populações que o tiveram como sacerdote. Ao mesmo tempo, esses locais tornam-se também lugares de legitimação de uma memória comum sobre o pároco.

Essas ações, na forma de agradecimento, corroboraram, e renovam constantemente na memória coletiva, as características de santidade atribuídas a padre Reinaldo, visto que funcionam como mecanismos que estimulam a repetição de narrativas alusivas à memória do padre. Essa perspectiva foi amplamente discutida durante o terceiro capítulo, comparadas a outros santos populares venerados Brasil afora, e mesmo em outros países. “Santidades” populares que são atribuídas por critérios diferentes daqueles seguidos pelo Vaticano para concretizar um processo de santificação. Os critérios condicionantes para a “santificação popular” de padre Reinaldo foram os mesmos que o tornaram digno de homenagens, quais sejam, sua reconhecida “caridade”, “simplicidade” e “liderança popular”, somadas à crença nos supostos “milagres”, realizados em vida, e nas graças alcançadas, estas após sua morte, aspectos mencionados ao longo do terceiro capítulo.

Pode-se ainda considerar as maneiras de expressar fé em padre Reinaldo, já que essas são bastante diferentes das práticas encontradas no catolicismo apostólico romano. Além disso, lembra-se constantemente de como era pouco rigoroso, e muitas vezes condescendente, com relação ao modo de os párocos expressarem sua fé, sendo permissivo com práticas de religiosidade popular condenadas pela ordem eclesiástica.

Com base nas diferentes fontes analisadas ao longo desta pesquisa, parece plausível considerar que, como pároco, comportava-se diferentemente do que a maioria dos padres naquela temporalidade, no que se refere ao modo de se relacionar com os paroquianos.

Há porém uma visão de que o padre esteve lado a lado de seus paroquianos mais humildes, porém esta não confere diante de seu alinhamento político mais conservador, posicionando-se assim contrário ao avanço da esquerda no campesinato e na base da igreja, e neste sentido posicionando-se junto à visão predominante da hierarquia eclesiástica nos anos 50 e 60, e, de outro, seu modo de conduzir as paróquias, por vezes insurrecto com relação à ordem hierárquica do bispado, avesso aos formalismos administrativos e indiferente ao presumível status de pároco, tomando uma posição firme pelos pobres. Pode parecer uma contradição aos olhos do historiador atual, mas nos coube constatar as estratégias por meio das quais padre Reinaldo se equilibrava,

contrabalançando estas posições. Estes traços, que poderiam gerar desconforto junto às autoridades eclesiais superiores, outrossim tornavam-no junto à população um padre próximo, amigo, acessível.

Penso que todo ser humano é condutor de seu próprio tempo. Assim, padre Reinaldo foi se inventando e reinventando como pároco, foi “levando como podia” os seus paroquianos. Estabeleceu sua própria maneira de perpetuar-se como pároco, como amigo de todos. Estrategicamente ou não, tratou de consolidar sua rede de relacionamentos, os quais o auxiliaram na consecução de um paróquiato bem-sucedido na Vila Maciel.

O efeito de sua aproximação aos fiéis, o modo como seus atos de caridade se cristalizaram nas lembranças, e a crença em seus milagres (em vida) e intercessões (em morte), acabaram por perpetuar a sua memória, tornando-o hoje um “*Santo pelos braços do povo*”⁴¹.

⁴¹ **Santo pelos braços do povo.** In: *Jornal Diário Popular*, 25 de janeiro de 2007, p.3. Bibliotheca Pública Pelotense.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABREU, Jean Luiz Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII. **Revista Brasileira de História**, 25(49), 197-214 (2005).

ABREU, Rafaelli Setúbal Gomes de. **Ex-votos de Trindade: Perfis de um imaginário religioso**. Dissertação de Mestrado em História, PUC- Goiás, 2012.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. Contexto 2012. p. 155-202.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção. 2008. 292 p. **Tese (Doutorado em História)** - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

ANDRADE Solange Ramos de. A Religiosidade católica e seus santos.in **Anais do Encontro Nacional de História: Conhecimento Histórico e diálogo social**, Natal- RN, 2013.

ANDRADE, Solange Ramos de. O Culto Aos Santos: A Religiosidade Católica e Seu Hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano III, n. 7, Maio 2010. p. 131-145. Disponível em: Acesso em: 23/06/17.

ANDRADE, Solange Ramos de. Um estudo de religiosidade popular: O santo Menino da Tábua. Tese (**Mestrado em História**) Assis – SP: Universidade Estadual Paulista, 1994.

BACH, Alcir Nei. O patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas (1950 a 1970). **Dissertação de Mestrado em memória social e patrimônio cultural**. Universidade Federal de Pelotas (2009).

BACH, Alcir Nei. Patrimônio Agroindustrial. Inventário das fábricas de pêssego na área urbana de Pelotas, RS (1950-1990). **Tese de doutorado em memória social e patrimônio cultural**. Universidade Federal de Pelotas (2017).

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTUGNAT, Philippe; STREIFF-FERNAND, J. **Teoria da etnicidade**. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BARROS, Manuel de Souza. **Arte, folclore, subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora, 1977.

BASSANI, Paulo. **Frente Agrária Gaúcha e Sindicalismo de Trabalhadores Rurais**. Rio Grande do Sul: Ulbra, 2009.

BENJAMIN, Roberto Câmara. **Devoções Populares não-canônicas na América Latina: Uma proposta de pesquisa**. Anais do VI Congresso Latino-americano de ciências de la comunicación y sociedade: un diálogo para la era digital. Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2002.

COLUCCIO, Félix. Cultos y canonizaciones populares de Argentina. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1994, 201 p. Il.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In. Lynn Hunt, **A nova história cultural**. São Paulo, 1992. p. 211-238.

COSSO, Pierre. **Identidad Religiosa en torno al culto del Gauchito Gil**, Universidad Nacional de Salta, 2009. Disponível em: <http://documents.mx/documents/gauchito-gil-identidad-religiosa-analisis-antropologico.html>. Acesso em 18/05/2018.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, v.3, n.1, p. 45-62, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>, acesso em: 15/10/2015.

DEBRAY, Régis. La transmisión simbólica. pp. 41-63. IN: **Vida y Muerte de la Imagen**. Barcelona: Paidós, 2002.

https://monoskop.org/images/d/d4/Debray_Regis_Vida_y_Muerte_de_la_Imagen.pdf

DUTRA, Iracema Ferreira. **História e memória de Piratini. Em seus bairros, ruas, praças e avenidas**. Porto Alegre: Ed. do Autor, 2008.

FRADE, Cáscia. Santo de casa faz milagre: a devoção a Santa Perna. **Cadernos de Folclore – 16º volume**. São José dos Campos: Fundação cultural Cassiano Ricardo, Centro de Estudos da Cultura Popular, 2006.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano: A essência das religiões**, 1992.

FETTER, Leila Maria Wulff. **A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento social. UCPEL: Pelotas, 2002.

GARCIA, Ticiane Pinto. Possibilidades da Educação Patrimonial para o ensino de História: Relato de experiência no Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Pelotas: **Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História pela UFPEL**, 2014.

GARCIA, Ticiane Pinto, Um “Santo” na visão popular, a representatividade de Padre Reinaldo Wiest nos municípios de Pelotas e Piratini/RS (1936-2015). Pelotas: **Monografia de conclusão de curso de Bacharelado em História**, UFPEL, 2017.

GASPAROTTO, Alessandra. “**Companheiros ruralistas!**”: mobilização patronal e atuação política da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul (1959-1964). Tese de doutorado em História, UFRGS, 2016.

GEHRKE, Cristiano. Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. **Dissertação de mestrado em memória social e patrimônio cultural**- UFPEL. Pelotas, 2013.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.

GUIDUCCI, Roberto. **A cidade dos cidadãos: um urbanismo para todos**. Tradução de Patrícia M. E. Cenachi. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os Santos da Igreja e os Santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Tese de doutorado em História, Universidade Federal do Paraná, 2004.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O Eremita do Novo Mundo: a trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)**. Tese de doutorado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-PPGHIS, Rio de Janeiro, 2012.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método de microanálise na construção de trajetórias. In.: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp. 32-52, 2015, p. 34.

LIMA F., Henrique Espada Rodrigues. “História social e subjetividade: considerações em torno da biografia”. **XII Encontro Regional de História: cultura - memória – poder: programa e resumos**. Campinas, ANPUH/Núcleo Regional de São Paulo, 1994. p.93.

- LUCAS, Barbara. *Grandes Santos e Figuras Veneráveis*. **Nova Enciclopédia Católica**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1969.
- MENESES, U. A história, cativa da memória? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, pp. 9-24, 1992.
- http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/estagio_arquivo_2012_artigo_rieb3401_1348517923.pdf. Nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- MILLER, Andrew. *A História da Igreja*. Vol. I – Cap. 1 ao 17: século I ao X, p. 367, maio de 2017.
- NOBRE, Edianne dos Santos. *Incêndios da alma: A beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos*. Dissertação de mestrado em história social, UFRJ, 2014.
- NORA, Pierre. Introdução. In: **Ensaio de Ego-história**. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1987.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, 1993.
- PANIS, Marcelo. **O turismo na perspectiva da multifuncionalidade do espaço rural: O caso do Distrito do Rincão da Cruz – Pelotas/RS**. Trabalho de curso de Licenciatura em Geografia – UFPEL- Pelotas, 2007.
- PEIXOTO, Luciana. **Memória da imigração italiana em Pelotas / RS - Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas**. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História – UFPEL. Pelotas, 2003.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Rev. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História nº 15**. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50.
- SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)**. Dissertação de mestrado em História. UFRGS, 1996.
- STEIL, Carlos Alberto. Catolicismos e memória no Rio Grande do Sul. **Debates do NER**. Porto Alegre, Ano 5, N. 5, p. 9-30, junho de 2004.
- STHINGHEN, Marcela Guasque. **Padre Cícero: a canonização popular**. Dissertação de mestrado em Teoria e História da Literatura. Unicamp, 2000.

TOMASI, Julia Massucheti. “Santinhas do Itacorubi”: História e memória das milagreiras do cemitério São Francisco de Assis/ Itacorubi, Florianópolis (1980-2016). **Tese de Doutorado em História** – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ULLRICH, Carl Otto. As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul (1898). In: *História em Revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, n° 5, 1999, p. 137-161.

VAUCHEZ, André. Santidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 12. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

VENDRAME, Maíra Ines. **O poder na Aldeia: Redes Sociais, honra familiar e práticas de justiça entre camponeses italianos (Brasil - Itália)**. São Leopoldo: OIKOS; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016. 400 p. (Coleção ANPUH-RS).

WOODWARD, Keneth. **A Fábrica de Santos**. São Paulo: Siciliano, 1992.

Sites

<http://www.paginadogaicho.com.br/barbosalessa/bio.htm> - Acesso em 27/06/17

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20050929_saraiva-martins-beatific_po.html - Acesso em 25/06/18

Fontes utilizadas

Documentação escrita

JOHANNES, Carlos. **O Vigário da Campanha**. Padre Reinaldo Wiest/ Carlos Johannes. Pelotas: Ucpel/ EDUCAT. 1994.

Padre Reynaldo. In: *Diário Popular*, 20 de setembro de 1977, p 12. Acervo: Bibliotheca Pública Pelotense.

Padre Reinaldo seria um santo? In: *Diário Popular*, 17 de outubro de 1993, p 39. Acervo: arquivo pessoal da autora.

Diocese quer beatificação de padre. In: *Diário Popular*, 24 de novembro de 1996, p. 13. Acervo: Bibliotheca Pública Pelotense.

Comunidades se mobilizam para santificar vigário. In: *Diário Popular*, 21 e 22 de abril de 2001, p 24-25. Acervo: arquivo pessoal da autora.

Obra de Barbosa Lessa. In: *Diário Popular*, 7 de abril de 2002, p. 6. Acervo: Bibliotheca Pública Pelotense.

A colônia nos ouvidos do rádio. In: *Diário Popular*, 30 de março de 2003, p.3. Acervo: Bibliotheca Pública Pelotense.

Santo pelos braços do povo. In: *Diário Popular*, 25 de janeiro de 2007, p.3. Acervo: Bibliotheca Pública Pelotense.

No segundo lar, novo nome. In: *Diário Popular*, 26 de janeiro de 2007, p.3. Acervo: Bibliotheca Pública Pelotense.

A busca por um santo. In: *Diário Popular*, 27 de janeiro de 2007, p.3. Bibliotheca Pública Pelotense.

O “homem bom” da campanha. In: *Diário Popular*, 31 de março de 2015, p.2-3. Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas - IHGPel.

Livro Tombo. **Paróquia da Igreja de Sant’Anna.** Pelotas, 1884. 45

Livro Tombo. **Paróquia N. S. da Conceição.** Piratini, 1932.

Autorização para retirada de parte dos restos mortais de Padre Reinaldo para levar a Piratini. Bispado de Pelotas. Pelotas, 17 de setembro de 2008. Acervo: Paróquia Sant’Ana, Colônia Maciel, Pelotas - RS

Oração para pedir sua beatificação. Dom Jaime Chemello. Pelotas, 31 de agosto de 1993. Acervo: arquivo pessoal de Leda Regina Santana Lopes.

Documentação Oral

Entrevista com Leda Regina Santana Lopes

Duração: 48 min e 53 segs.

Data: 21/10/2015

Entrevistador: Ticiane Pinto Garcia

Entrevista com João Carlos de Souza Pinto

Duração: 27 min e 48 segs.

Data: 28/10/2015

Entrevistador: Ticiane Pinto Garcia

Entrevista com Armindo Luiz Cappone

Duração: 21 min e 39 segs.

Data: 09/11/2016

Entrevistador: Ticiane Pinto Garcia

Entrevista com Maria de Lourdes da Silva Ludwig

Duração: 10 min e 25 segs.

Data: 09/11/2016

Entrevistador: Ticiane Pinto Garcia

Entrevista com Maria Madalena Garcez Marquez

Duração: 15 min e 13 segs.

Data: 16/11/2016

Entrevistador: Ticiane Pinto Garcia

Entrevista com Circe Helena Gomes Figueiredo

Duração: 12 min e 33 segs.

Data: 16/11/2016

Entrevistador: Ticiane Pinto Garcia

VI- Anexos

Anexo 01- Título Eleitoral de padre Reinaldo Wiest, exposto no Museu Barbosa Lessa de Piratini (Sem número de inventário).

TÍTULO ELEITORAL

GRANDS DO SUL CIRCUNSCRIÇÃO No. 100 INSCRIÇÃO

PIRATINI MUNICÍPIO OU DISTRITO 784 ZONA

NOME REINALDO WIEST

26-julho-1907 DATA DO NASCIMENTO Rio Grande do Sul NATURALIDADE celibatário ESTADO CIVIL

FELIPE WIEST e CAROLINA KIELING FILIAÇÃO

Vicário Piratini, Rua Comandador Freitas, s/n. RESIDÊNCIA

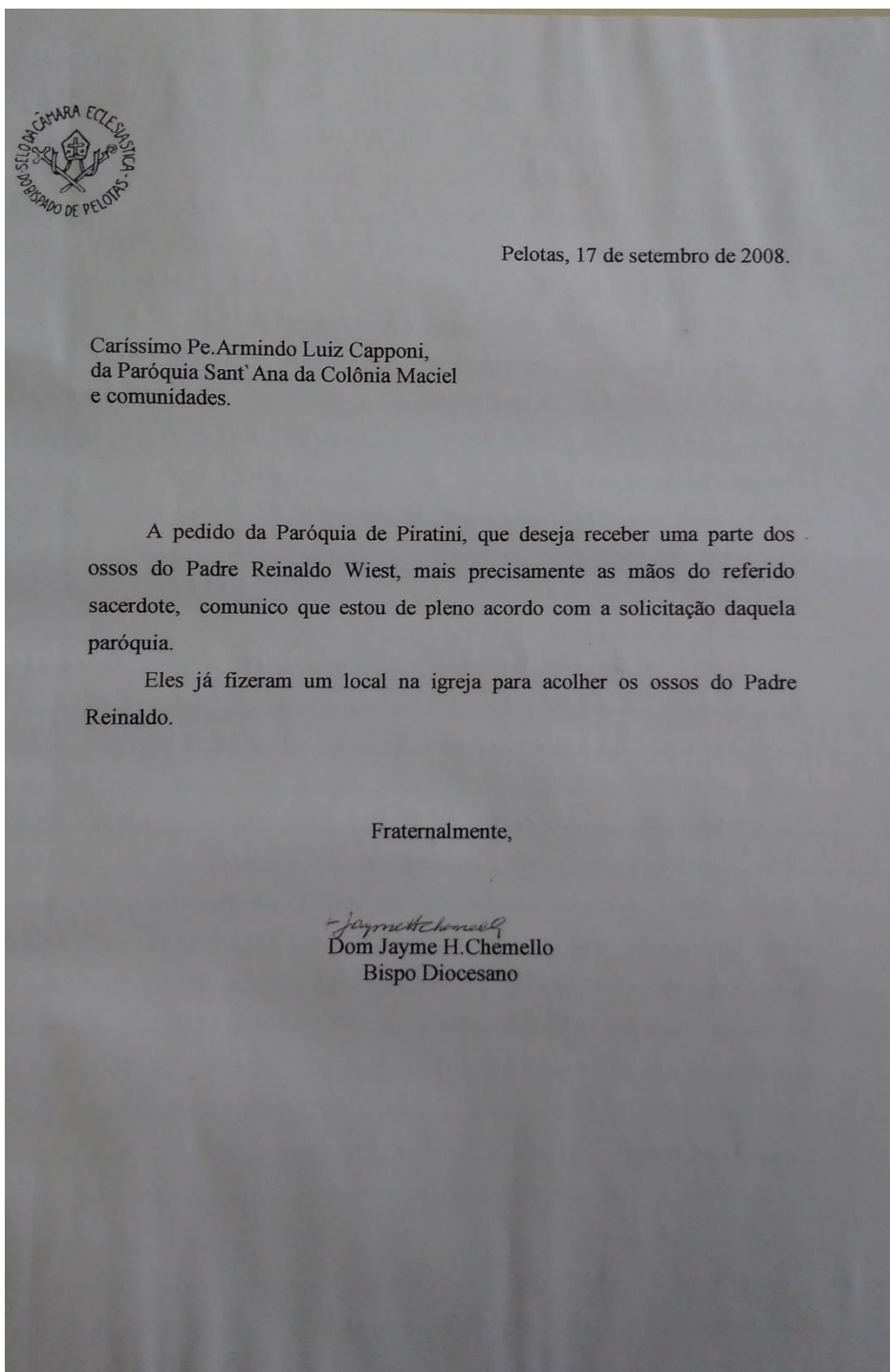
VOTA NA 1ª SEÇÃO

Reinaldo Wiest ASSINATURA DO ELEITOR

EM 14/10/1957 JUIZ ELEITORAL

T. S. E. - TÍTULO MOD. 4

Anexo 2 - Autorização do então Bispo de Pelotas, Dom Jayme Chemello, para retirada de parte dos restos mortais de Padre Reinaldo para serem levados a Piratini. Documento digitalizado no acervo da Paróquia Sant'Ana, na Colônia Maciel.



Anexo 03 - Oração para pedir sua beatificação. Dom Jaime Chemello. Pelotas, 31 de agosto de 1993. Acervo: arquivo pessoal de Leda Regina Santana Lopes. Frente e verso, respectivamente.



**ORAÇÃO PARA PEDIR A
SUA BEATIFICAÇÃO**

Santíssima Trindade Pai, Filho e Espírito Santo, escolheste o Padre REINALDO para ser um humilde e laborioso construtor do vosso Reino.

Ornastes seu coração com exímias virtudes, principalmente com um ardente amor a Deus e ao próximo. Dele fizestes um amigo e amparo dos pobres e dos aflitos.

Nós vos pedimos por sua valiosa intercessão a graça de... (aqui faça seu pedido).

Se for da vossa vontade, concedei que a Igreja, que ele tanto amou e tão bem serviu, o proponha como modelo e protetor nosso elevando-o à glória dos altares.

Nós vo-lo pedimos pelos méritos de N.S. Jesus Cristo e pela intercessão da Virgem Maria. Amém

Reze 3 PAI-NOSSO, 3 AVE MARIA e 3 GLÓRIA.

Pelotas, 31 de agosto de 1993
+ Jayme H. Chemello
Bispo de Pelotas
Graças alcançadas comunicar ao:
Bispado de Pelotas
Pça. José Bonifácio, 104
96.015-170 - Pelotas/RS

Pe. REINALDO WIEST
Nasceu em: 13.07.1907
Ordenação: 03.12.1933
Faleceu em: 27.01.1967

Padre Reinaldo - Periódicos							
Periódico	Ano	Data	pag	Nº de p	Seção	Título	Capa Obs.
DP	1977	21/set	12	1		Conto. Barbosa Lessa	Não Barbosa Lessa
DP	1993	17/out	39	1		* Padre Reinaldo seriam um santo?	c.c Autor. Clayr Lobo Rochefort
DP	1996	24/nov	13	1		* Diocese quer beatificação de Padre	* Tereza Cunha
DP	2001	1 E 22/Abr	24-25	2	ESPECIAL	Comunidades se mobilizam para san	* Moyzés Vasconcellos
DP	2002	07/abr	6	1	Ponto de vista	Obra de Barbosa Lessa	Não Juarez Machado de Farias
DP	2003	30/mar	3	1	ESPECIAL	A colônia com os ouvidos no rádio	Não Álvaro Guimarães
DP	2007	25/jan	3	1	CIDADE	Santo pelos braços do povo	Sim Jarbas Tomaschewski
DP	2007	26/jan	3	1	CIDADE	No segundo lar, novo nome	Sim Jarbas Tomaschewski
DP	2007	27/jan	3	1	CIDADE	A busca por um santo	Sim Jarbas Tomaschewski
DP	2015	31/mar	2-3	2	RELIGIOSIDADE	O "Homem bom" da campanha	Sim Renata Garcia
DM	2015	06/mar	19	1	COL. IHGPEL	Reinaldo Wiest entre mem e mil.	Não Ticiane Garcia
DP	2016	27/jan	2	2	LEGADO	Um espirito humanizado	Sim Kimberlly Kappenberg